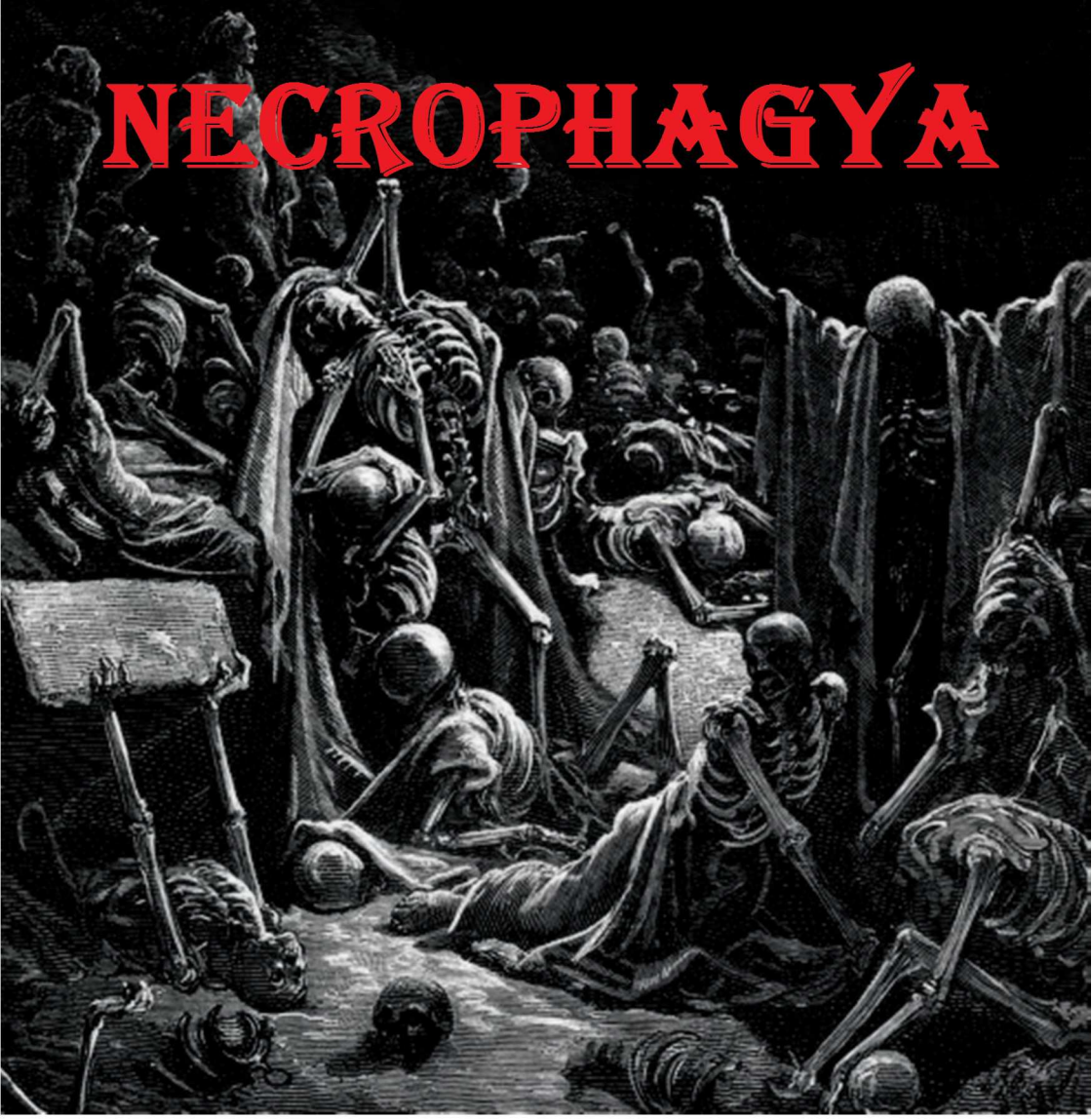


Marius Arthorius

NECROPHAGY



MARIUS ARTHORIUS

NECROPHAGYA

Contos de Terror

1ª Edição

2010

Esta obra possui registro de Direitos Autorais junto à Fundação Biblioteca Nacional. Sua reprodução completa ou parcial para fins lucrativos e comerciais sem a autorização do Autor implicará nas devidas penalidades legais.

Capa: *Vision of the Valley of Dry Bones*, de Gustave Doré (1865).

Arthorius, Marius.

Necrophagya. Marius Arthorius – 1. ed. -- Joaçaba, SC: Ed. do Autor, 2010.

200 f.

ISBN 978-85-915509-9-9

1. Contos – Literatura Brasileira. 2. Terror.
I. Título.

Sumário

Agradecimentos	7
Prefácio do Autor	8
ANTROPOFAGIA.....	10
DESÍGNIO DIVINO.....	17
EXORCISMO SOCIAL.....	21
INSÂNIA	28
LOUVOR À LUA CHEIA.....	31
VIVISSECÇÃO	35
O ANDARILHO E O VELHO	41
SALAHTIEL.....	46
EVISCERADO	54
ESCURIDÃO.....	59
INSTINTO OCULTO	62
AS MULHERES DEBAIXO DA CAMA	66
PASSATEMPO.....	69
DO VENTRE	76
DESCENDÊNCIA DIVINA.....	82
INFERNO	86
A SALSICHA, O MILHO E A MORTE.....	90
PURGATORIUM I: O SUICÍDIO	95
PURGATORIUM II: A MORTE.....	102
PURGATORIUM III: O INFERNO	108
PURGATORIUM IV: O TEMPO.....	114
PURGATORIUM V: O VAZIO	120
PURGATORIUM VI: O DIÁLOGO I.....	126
PURGATORIUM VII: A LOUCURA	132
PURGATORIUM VIII: O CAMINHO	139
PURGATORIUM IX: O RIO DE LÁGRIMAS	145
PURGATORIUM X: O FALSO MESSIAS.....	151
PURGATORIUM XI: AS MARIONETES	157
PURGATORIUM XII: O DESCANSO.....	163
PURGATORIUM XIII: A DONZELA.....	170
PURGATORIUM XIV: O DIÁLOGO II	176

PURGATORIUM XV: A IRRACIONALIDADE	182
PURGATORIUM XVI: O RETORNO	189
PURGATORIUM XVII: O CAMINHO II	196
Sobre o autor	203

Agradecimentos

Emili Bortolon dos Santos, pela troca de ideias para confecção de
muitos dos contos aqui apresentados.

A minha família pelo apoio.

Márson Alquati e Peter Menegat sempre fornecendo ajuda, críticas e
sugestões.

Prefácio do Autor

Necrofagia, o ato de comer carne em decomposição.

Acompanhe esta leitura através do terror, em diversos contos que lhe trazem um banquete de carne humana podre regada a sangue. Mas não coma apenas, procure apreciar o manjar necrofágico, pois em cada mordida, em cada palavra lida, há uma crítica oculta nas entrelinhas.

Sacie seus instintos animais e pensantes ao mesmo tempo. Adentre por abismos éticos e morais, mas cuidado para não se perder e não mais voltar dos caminhos insanos que você está prestes a explorar. Você tem coragem de ler estas palavras? De tê-las gravadas em sua mente?

Conheça seus “demônios” internos, os seus pensamentos assassinos mais íntimos e revoltosos estão prestes a serem aliviados. Você tem um encontro marcado com as mortes que se ocultam nas páginas deste livro, não perca tempo, comece a fazer parte destas histórias, inspire o delicioso cheiro de carne pútrida que há diante de você.

Marius Arthorius

ANTROPOFAGIA

As lembranças daquele sorriso iluminado pelo sol do meio dia. Imaculadas imagens fixas em sua memória. A cena repetia-se em sua mente enquanto deslocava-se por entre o pasto. Rumando de volta para a casa da fazenda. Os campos ora verdejantes, ora dourados se estendiam até o horizonte. Entremeados por pequenos capões de mata, em que as araucárias e o canto dos grimpeiros marcavam presença.

Em meio a tal paisagem paradisíaca. Cortada pelos gélidos ventos do inverno que se aproximava. Havia sido ali. O local escolhido para realizar seu ato tão sonhado. E aquele sorriso permanecia em sua memória. O último sorriso que ele teve oportunidade de dar em sua vida. Ela estava satisfeita. Saciada, pois um de seus mais profundos desejos haviam sido realizados. Em meio as lindas paisagens dos campos sulinos. Longe de tudo e de todos.

Tudo que restou do homem que um dia a amou, era aquele sorriso. Um grande e estampado sorriso, nada além disso em sua face.

...

Algumas horas atrás...

Passava pouco do meio-dia quando o casal resolveu sair para uma caminhada em meio aos campos após o almoço. Nenhuma

nuvem no céu, apenas o sol forte e radiante. Emanando todo seu calor e radiação que faz a vida seguir seus infindáveis ciclos através das eras. Tempo além do que qualquer pessoa consegue imaginar de forma adequada. Devido a insignificância do curto período de tempo de vida que todos possuímos.

Andaram por mais de uma hora, de mãos dadas, inspirando o ar puro dos campos. Dançando entre o doce aroma das flores. Porém, sem nenhum motivo aparente, ela desmaiou. Caída no chão, inconsciente. Ele em desespero tentou ampará-la. Tudo em vão. Nada surtia resultados. A partir de tal momento, tudo na mente dela, passou ser acontecimentos incertos. Lembranças vagas. Pedacos desconexos de tempos passados. Oriundos da doce felicidade por ela experimentada.

Não demorou muito e ela acordou ouvindo aquele zumbido ensurdecedor, sua cabeça latejando. Parecendo que explodiria a qualquer momento. O mundo não mais lhe agradava. As folhas do pasto pareciam furar-lhe a pele como agulhas e facas. O sol parecia queimar sua pele impiedosamente. E o rosto dele, antes imaculado, olhando para ela. Agora parecia um cadáver em sua frente. Um pedaço andante de carne que deveria ser devorado.

Em seu rosto ele ostentava preocupação, buscando palavras para tentar consolá-la. Para ela, o som das palavras pareciam sinos ensurdecedores badalando em seus ouvidos. Arrebatando a estrutura de seus tímpanos. Ela berrou, e ele que estava abaixado ao lado do corpo dela. Acabou por cair sentado com o susto.

Ela continuou a berrar, afinal naquele local ninguém ouviria seus gritos. Deitada no chão, começou a arranhar seu próprio rosto. Cravando as unhas em sua própria face. Rasgando, dilacerando, rompendo as estruturas de sua pele. Demonstrando que por dentro somos todos iguais. Expondo o vermelho infernal que compõe nossos corpos. O sangue começou a escorrer. Tornando rubra as partes intactas de pele facial.

Ele tentava segurá-la, numa tentativa fútil de que ela parasse de ferir a si mesma. Tentando libertar-se do homem que tanto a amava, ela chutou suas genitálias e ele rolou para o lado. Lacrimando, tamanha era a dor que emanava de entre suas pernas. Enquanto ele lamentava-se e xingava, a mulher levantou-se, com sangue gotejando de sua face.

O rosto profundamente marcado por arranhões. Olhava fixamente para o homem em sua frente. O homem que algum dia ela poderia ter amado. Entretanto, no momento, ela havia perdido o controle sobre si mesma. Libertando o animal descontrolado que existe dentro de todos nós. Ansiando por sangue e carne fresca. Um predador que espreita todas as nossas atividades. Oculto sob o manto da lucidez e da consciência. Assim o denominamos de instinto. Quando em liberdade chamam-no de loucura. E quem teria a consciência de afirmar certamente o quê é a loucura. Se não nossos mais profundos desejos, enraizados na escuridão de nossas mentes.

Ela veio à fazenda visando dar continuidade ao seu tratamento psiquiátrico. E a única coisa que realmente fez foi

abandonar o uso de seus remédios. Enganando o homem que a amava e que tanto preocupava-se com ela. E agora estava em meio a um surto psicótico, uma alucinação em que a mente domina o “eu”. Perdendo-se o controle sobre si mesmo. Libertando nossos demônios.

Ele recuperou-se da dor e levantou-se. Indagando-a se tudo estava bem. Para ele nada estava bem. Para ela, no entanto, tudo corria de forma maravilhosa. Um doce sonho de uma noite de verão. A mulher inclinou sua cabeça para a esquerda, lambendo seu próprio sangue. Sentindo o sabor de início doce e levemente salgado no final. Néctar da vida, regando nossos corpos. Encarou-o com um olhar vago, e após, inclinou a cabeça para trás. Olhando para o sol. O astro maior ao qual devemos nossas existências. A divindade materializada que todos os povos louvaram ao longo da história da humanidade, denominando-o de diferentes formas e criando diferentes seres para sua personificação imaginária.

Olhou para o homem novamente, que encarava-a assustado. Ela sorriu, demonstrando os dentes sujos de sangue, e ele retribuiu. No que ela rapidamente pulou sobre ele. Derrubando-o no chão.

- Seu maldito centurião! – gritou a mulher – Não irás invadir minhas terras carnis com seu corpo impuro.

Caídos no chão, ele tentava se livrar dela. E esta, cravou seus dedos nos olhos dele. Perfurando e esmagando os mesmos. Ele viu sua visão distorcer-se até sumir por completo. Quando uma dor irradiou de seus olhos. Ele urrou de dor, e acertou a mulher com um soco.

- Não me amas mais? – indagou a mulher – Esqueceu-se de sua promessa? De me amar na doença e na felicidade até que a morte nos separe?

- Sua louca! Veja o que você fez comigo! – ele estava ajoelhado, gemendo de dor. Com as mãos amparando os buracos em que encontravam-se duas massas inertes, que poucos segundos antes foram seus olhos.

Ele não percebeu a aproximação dela. Indo em sua direção com uma grande pedra nas mãos.

- Amor meu, em sua face reluz nosso amor. Sem tu não podereis viver. E dos prazeres ofertados por sua carne, vísceras e ossos, eu quero provar. – falou a mulher calmamente.

Ele virou o rosto na direção da voz. Ela então ergueu a pedra e acertou-o na cabeça. Fazendo-o cair lateralmente sobre as macias gramíneas.

- E agora, eu vos ofereço, fruto da minha carne e meu sangue. Comam e bebam, pois aqui está o messias. – falou a mulher enquanto gargalhava.

...

Ele acordou de sua inconsciência, pela dor de sentir seus braços e pernas serem quebrados. Gritou, chorou, esperneou. Nada adiantou. Não conseguia sair do lugar. Apenas escutava as risadas da mulher. Se ele ainda possuísse olhos, a cena que veria agora faria-o

vomitou. Ela havia tirado as roupas do homem. E, ajoelhada ao seu lado. Curvou-se sobre o abdômen dele. Arrancando com a boca três nacos de carne das redondezas do umbigo do homem. Três rápidas e vorazes mordidas. Sangue rubro rapidamente fluiu pelos locais das mordidas. Enquanto ele tremia e gritava. Sem conseguir sair do lugar.

- Pois então, comeremos e beberemos de tua carne. – falou a mulher.

Ele gritava suplicante, e até suas cordas vocais começaram a falhar. A mulher com o rosto todo arranhado. Agora pintava sua própria face com o sangue que escorria do homem. Ela esfregava o rosto sobre as mordidas no abdômen dele. Por vezes, lambendo-as e beijado-as. Aprofundando sua língua na carne do homem que tanto a amava. Enquanto ele tossia afogando-se com sua própria saliva em desespero. Então assim era pressentir a morte. Saber que após ela nada existiria, apenas apaziguava o sofrimento. O completo vazio, sem nada sentir. A escuridão completa, e degradação do “eu”.

Ela deitou-se sobre ele.

- Calma querido. Tudo vai terminar bem.

Beijou o homem. Primeiro em sua boca. Depois fez sua língua passear pelos buracos em que antes haviam os olhos. Ele não conseguia mais gritar, apenas gemia. Tentando proclamar palavras que não faziam nenhum sentido. Só lhe restava esperar pela dama de trajes negros que livraria ele de toda a dor e sofrimento que no momento passava. A dama que todos temem, mas que não conseguimos viver sem sua presença. Pois no âmago de nossos

sentimentos, todos sabemos, que ainda nos deitaremos com ela. O corpo todo do homem estremeceu, sua hora chegou e passou. A vida deixou seu corpo. Sua consciência se desfez. E ele descobriu a verdade que todos temem. Não há nada para se ver após a morte.

...

A mulher retornava para a casa da fazenda. Arrastando consigo um cadáver semidevorado. Com as vísceras arrastando pelo chão. Ela apenas se lembrava. De seu sorriso. Um grande e belo sorriso que ela implantou no rosto do homem que a amava. Usando uma pedra afiada, rasgou-lhe a face de orelha a orelha. Um grande sorriso feliz. Reverberando em sua memória. Afinal, todos anseiam por alcançarem a felicidade. Todos querem felicidade a qualquer custo. E assim ela fez. Buscou sua felicidade. Encontrou-a no corpo daquele homem. E conseguiu deixá-lo com um sorriso nos lábios. Apenas mais um belo e amável casal. Caminhando por entre os campos, após uma adorável refeição.

DESÍGNIO DIVINO

Acordou ao ser banhado pelos primeiros raios de sol. A claridade o incomodava. A visão ainda estava turva, devido aos eventos da noite anterior. Pesadelo após pesadelo. Sonhos desconexos compostos por cenas infernais. Originadas de suas lembranças diárias. Mas não era ruim. Não. Para ele o sofrimento alheio era alimento para seu humor. A força vital pela qual ele tanto ansiava, podia ser facilmente encontrada no sofrimento.

A dor de cabeça era quase insuportável. Só seria de fato insuportável se ele não fosse apaixonado pela dama do sofrimento, a qual chamamos de dor. Sim, a dor! Imaculada sensação que faz com que nos sintamos vivos. Que reduz a tão grandiosa doçura da vida. Assim eram seus pensamentos. Melhor do que sentir dor era causar dor. Lamber a pele de uma pessoa trêmula, enquanto arranca lentamente as vísceras da mesma. Com mãos nada delicadas. Apreciando o odor emanado do interior de uma pessoa que rumava para a morte.

Seus olhos já se acostumaram com a claridade. Estava no interior de uma igreja. A sua igreja, construída com imensos blocos de rocha enegrecida pelo tempo. O altar de ouro ostentava imagens sacras, com detalhes dourados feito do mesmo material que o altar. Imagens de amigos imaginários que enfeitam as mentes das pessoas. Levadas pelo seu medo da morte e por receios diante das incertezas

do futuro. Criam estes amigos para consolarem a si mesmos. Este era um pensamento que ele não podia se dar ao luxo. Pois ele era o sacerdote. As pessoas vinham até ele buscando por consolo para suas vidas supérfluas. Buscando explicações para o pós-morte e justificativas para os sofrimentos sociais. E aceitavam qualquer resposta por mais descabida que seja, pois o sacerdote ostentava uma imagem de autoridade. Ao conseguirem o consolo, criavam uma dívida para com o sacerdote. Que só poderia ser paga com sangue e submissão.

Ele olhou para fora, através dos vitrais da igreja. Viu que a fumaça ainda subia, oriunda do herege que havia sido queimado na noite anterior. Apenas mais um tolo, que questionou as supostas autoridades que dominam a sociedade. Pagou o devido preço. Como muitos pagaram e muitos ainda pagarão enquanto o tempo for tempo para a humanidade.

Uma vez que uma pessoa era acusada de heresia, não havia mais como escapar da morte. Podia apenas escolher, morte rápida ou lenta. Caso o herege confessasse o suposto crime, era imediatamente mandado para a fogueira. Pois os cânones impedem a igreja de derramar sangue. Caso negasse o crime, era torturado até a morte. Afinal, a negação nada mais é do que o “diabo” mentindo. E, para o acusado, a tortura em terra seria melhor do que as chamas eternas do inferno. As supostas autoridades não podiam estar erradas. Sendo assim, qualquer acusado era culpado.

Quem dirá um sacerdote, aquele-que-ilude, o porta voz da divindade inexistente. Este, jamais poderia ser contrariado. E até aqueles-que-governam, se submetem perante as tolas opiniões, que tanto atrapalham a sociedade, fornecidas por aqueles-que-iludem. Aceitam a opinião destes seres nefastos, sanguessugas de mentes, pois todos temem a única certeza absoluta da vida humana. A certeza de que a morte chega para todos.

E ali estava, o sacerdote, preparando-se para mais um dia de torturas e mortes. Santo trabalho. Torturando e matando pessoas inocentes, cujo único erro foi questionar e pensar. Tentaram ter mentes livres. Arrebentando as correntes dogmáticas que são impostas em todo integrante desta sociedade. Libertaram suas mentes. Infelizmente encontraram um fardo pesado. Mortes imersas em torturas. Sempre justificadas como desígnio divino.

O sacerdote desceu até o porão da igreja, passando por corredores obscuros, iluminados por fracas labaredas de tochas presas às paredes. Pessoas encontravam-se acorrentadas no porão. O choro lamuriante era a sinfonia do dia. Apreciem, pois o maestro acabou de chegar. Ele colocou seu crucifixo, fez o sinal da cruz. Foi até uma lareira com brasas acesas. Retirou deste lugar uma panela, cheia de chumbo fervente. Rumou para a pessoa mais próxima de si. Havia no mínimo uma dezena de prisioneiros. O mais próximo era um jovem que questionou a autoridade do padre durante a catequese. Pagaria agora por sua insolência. Ele estava firmemente preso. Mais dois sub-sacerdotes se aproximaram. Segurando a cabeça do jovem e

mantendo sua boca aberta. Colocaram um funil em sua boca. O sacerdote então despejou o chumbo derretido direto na garganta do jovem. O cheiro de chumbo misturado com carne queimada logo tomou conta do ambiente. Magnífico aroma da purificação social.

Ele nunca mais questionaria as autoridades. Gemidos guturais foram emitidos das profundezas do jovem completando a tão esperada sinfonia da tortura. Ele tentava, em vão, se libertar. Debatia-se, tentava cuspir o conteúdo que encontrava suas vísceras. Dentro de si, ardia um inferno. Metal e carne se tornavam um só. Não tardaria para a morte alcançá-lo. As pessoas ali presentes choravam e gritavam. Temendo o horroroso fim que estava reservado para elas. Cada uma provaria uma tortura diferente. Purificadas elas seriam. Para conseguirem alcançar a eterna salvação de suas almas inexistentes.

Do lado de fora da igreja, uma multidão havia se reunido. Perante os gritos de dor dos hereges. A multidão ajoelhava-se e emocionava-se. Com o bom cumprimento das vontades “divinas”. Louvavam, sorriam e festejavam. Levados por suas crenças irracionais. Agradecendo ao sacerdote por “purificar” a sociedade. Livrando-as dos questionamentos que tanto assolam a mente humana, que poderiam fazê-las deixar seu conformismo e encarar as mudanças. E estas mesmo sendo positivas, acabam por assustar a sociedade.

EXORCISMO SOCIAL

A dor lacerante oriunda de seus pés, como se estivessem sendo repicados metodicamente. Deitado em alguma espécie de maca, fortemente amarrado. Os olhos vendados. Apenas sentia gélidos dedos percorrendo seu corpo. Lâminas rasgando sua pele. Podia claramente sentir que alguns pontos de sua pele haviam sido costurados fortemente. Sentia a dor irritante e constante de tais partes. Em que inferno de local estaria?

As vendas foram retiradas. A forte claridade do local ofuscava sua visão. Conseguia distinguir apenas uma forma humanóide observando-o. Levou algum tempo até perceber que a pessoa em sua frente usava vestes médicas. Vestes brancas, marcadas pelo contraste vermelho do sangue impregnado em diversas partes. Olhou ao redor. As paredes e o chão eram recobertos por pequenos azulejos brancos. Uma lâmpada fluorescente no teto irradiava a forte luminosidade branca. No chão havia sangue derramado por diversas partes. Ao lado da maca, uma mesa metálica com diversos instrumentos cirúrgicos. E, o horror, diversas partes humanas, amontoadas em uma bacia plástica.

- Onde eu estou? – indagou com uma voz trêmula o prisioneiro.

- Você está aqui. Não lá, apenas aqui. Não lhe convém saber a localidade. Pois essas informações são desnecessárias. – respondeu a voz fria por detrás da máscara médica que ocultava o rosto.

- Isso é um hospital? Eu sofri algum acidente? – perguntou o prisioneiro.

- Seu acidente foi nascer. Ser errante que se recusa a pensar. Tu és fruto podre. A putrefação é teu destino, para que então, a vida possa brilhar. – falando isso o médico empunhava seu fiel instrumento cirúrgico, um bisturi. – Aqui não é hospital, apenas se for um hospital para a sociedade. Indivíduos não são curados neste local, eu apenas liberto a sociedade de seu mal.

- Então por quais motivos estou aqui e o que você fez comigo? – perguntou o prisioneiro tentando libertar-se das amarras que o seguravam preso à maca. Cada movimento fazia surgir dor de diferentes partes de seu corpo. Cortes, lacerações e pontos costurados tomavam conta do que antes foi um corpo inteiro.

- Quero apenas que você compreenda tudo que seus atos originaram. Nada há após a morte, assim sendo, não há nenhum ser supremo que avaliará sua vida. Não há justiça divina. Faça você o bem ou o mal. Deve-se, pois, fazer o bem por saber que esta será a melhor convicção para se ter. Seus atos serão lembrados pelas gerações vindouras. E estas, poderão ser gratas a você, se você for bom. Entretanto, você foi mal. Ser irracional. Os piores crimes e atrocidades você cometeu. – falava o médico, curvado sobre o prisioneiro, enquanto uma marca de saliva tornava-se visível na

máscara que ele usava. Rodava o bisturi no ar como um guerreiro com sua espada em combate. – Os crimes contra a mente das pessoas! Esses foram os seus crimes! Contra a liberdade individual e contra o livre raciocínio que toda pessoa tem o direito de ter! Pagarás por tais atos, ó aquele-que-ilude!

- Que deus tenha piedade de sua loucura, pois sou sacerdote. Sou os olhos e ouvidos de deus, proclamador das verdades. Se fizeres algum mal para mim estarás provocando o próprio deus – respondeu o prisioneiro.

- Tu és criatura cruel! Que assola a humanidade com suas mentiras fantasiosas de além-mundo!

- Seu louco! Solte-me agora!

- Louco?! – respondeu furioso o médico arrancando a máscara que cobria seu rosto, mostrando seu sorriso salivante de dentes perfeitamente brancos e reluzentes. Cravou o bisturi no umbigo do prisioneiro, fazendo sangue verter, arrastou o bisturi rumo ao tórax. Abrindo uma fenda vermelha e superficial na pele. Enquanto o prisioneiro se contorcia e chamava pelo deus que ele tanto havia louvado. – Sua divindade não responderá aos teus apelos. Da mesma forma como ela não atende aos chamados de milhares de crianças inocentes que morrem de fome todos os dias! Vítimas do sistema econômico. Tudo o que você fez foi juntar suas mãos e proclamar palavras ao vento, nenhuma ação digna para com a sociedade. Mais vale poucas pessoas trabalhando do que milhões e

milhões ajoelhadas perante imagens, esperando que alguma salvação venha dos céus.

O médico fez mais uma incisão no tórax do prisioneiro, indo de um mamilo a outro. O prisioneiro gritava e debatia-se tentando escapar de seu castigo. Enquanto sua última refeição escapava pela sua boca na forma de vômito. Liberando no ar um característico odor azedo. O médico então trocou o bisturi por uma pequena serra elétrica. De lâmina esférica e giratória. O zumbido do motor de tal instrumento tomou conta da sala e o horror se apossou dos olhos do prisioneiro. O médico iniciou a abertura do tórax de seu paciente, as costelas tremeram, por um momento a lâmina da serra enroscou nos ossos. Um forte soco no tórax fez a lâmina soltar e seguir seu digno trabalho. Chuva vermelha, sangue jorrava e espalhava-se para todos os lados. Escorria sobre a pele do prisioneiro até a maca e desta para o chão. A roupa do médico estava tornando-se cada vez mais rubra. Gritos e mais gritos originavam-se da garganta do prisioneiro.

- Então criatura cruel, aquele-que-ilude. Que se apossa das mentes indefesas e impõe suas crenças. Não gostas da dor? A Dor, um dos mais puros sentimentos, originado pelos atos nefastos ou amorosos. Originado de danos físicos ou sentimentais. Sente-se dor ao perder a pessoa amada, ou ao estar longe da mesma. Sente-se dor ao cortar uma parte do corpo ou ao mutilar um membro. Quem conseguirá compreender sua ligação com os demais sentidos? Dor acarreta sofrimento. Felicidade? Somente para alguns tipos de loucos. Não que sejam poucos.

O sacerdote aprisionado balbuciava palavras sem nexos. Os olhos vagos e distantes, moviam-se rapidamente em suas órbitas. Golfadas de sangue saltavam de sua boca, seu tórax era um lago vermelho, um lugar que qualquer vampiro gostaria de banhar-se. O médico admirava sua obra de arte. As tonalidades de cores perfeitamente agrupadas, cenário artístico inconfundível.

- Será que alguma pessoa sentirá saudades de você? Talvez aqueles que venderam as mentes para você. Em troca de salvação eterna e reconforto ilusório. Pois temem que a morte esteja presente atrás de cada esquina. Talvez estes sintam sua falta. Ah! A Saudades, essa vil criatura nefasta, que age em companhia da Esperança. Duas senhoras malévolas que trazem tanta aflição para as pessoas. Se forem acompanhadas da Incerteza, então se tem o palco para que a Dor e o Sofrimento possam agir. Como entender tais criaturas? Pois se até a mais fria e calculista das pessoas já experimentou sentimentos em algum momento de sua vida. Tenta-se em vão ser como uma máquina, apenas agir, nada sentir. Que diferença fará? Se no final, cada um é apenas mais um animal. Então, nada melhor do que desfrutar dos mais variados sentimentos.

No lago de sangue do tórax do prisioneiro era possível perceber as oscilações ocasionadas pelos batimentos cardíacos. O corpo dele tremia por inteiro, movia a cabeça de um lado para o outro, gemendo e grunhindo. Lentamente asfixiando com os pulmões colapsados e o tórax arrebatado.

- Diga-me, criatura das trevas, desejas proclamar alguma palavra antes que seu fim chegue? – disse o médico enquanto deslizava sua mão protegida por luvas de látex sobre a testa do prisioneiro. Deslizando-a pela lateral da face, até chegar ao queixo, para então segurar firmemente a cabeça do prisioneiro. – Nada a declarar em sua defesa? Veja que sou benevolente, não agi como a sua inquisição, pois lhe dei uma chance de oferecer-me vossa opinião. Apesar das provas já indicarem que tu és um ser abominável. Fugam as pessoas da presença de teus semelhantes. Corram e gritem assustadas, pois o parasita mental está a caminho. Parasita que agora irá perecer.

Nenhuma palavra saiu da boca do prisioneiro. Apenas baixos gemidos, arfadas de um ser tentando encontrar o ar. Seus pulmões não mais funcionavam. O mundo tornava-se escuro para ele. Nenhum som, nenhuma sensação. Nem mesmo a visão do médico que tinha submetido-o a tal castigo.

- E nesta sociedade o que tu vê? Oculto, abaixo das sombras da escuridão dogmática, o que tu vê? O medo? A morte? Responda-me! Se ainda há um pinga de vida digna em teu corpo, pronuncie as palavras e não ouse dar gargalhadas! – no lago de sangue, as oscilações causadas pelos batimentos cardíacos tornavam-se cada vez mais lentas, com um intervalo de tempo cada vez mais longo. – Encontrou o teu futuro? Chegou até ele? Aqui no presente, ao qual estamos eternamente acorrentados. O passado se foi e novos momentos chegam a todo instante. Que venham os tempos do

amanhã. O futuro cheio de incertezas semideterministas, originadas de nossos atos e escolhas. Influenciado por escolhas de outros. Nada a declarar?

O corpo do prisioneiro estremeceu em espasmo uma ultima vez, os olhos reviraram nas órbitas. A vida chegou a seu fim. Suor escorria da testa do médico, cirurgia de precisão inigualável. Não poderia perder a morte que havia em suas mãos. O artista interage com sua obra do início ao fim. Criando uma ligação especial e, por vezes, até sentimental. A obra médica estava quase finalizada.

- Devem-se temer as criaturas que se escondem debaixo do manto obscuro do futuro? – perguntou o médico. - Ou simplesmente seguir adiante nesta luta cruel e implacável, nascendo a todo dia que se inicia e morrendo a cada dia que termina. Um dia a mais na vida, um dia a mais rumo a morte. Assim é, assim foi, e assim será. Sou médico e como devo livrar a pessoa de seus males, jurei para mim mesmo que não deixaria nenhuma doença corromper as pessoas. Extirpando os cânceres da sociedade. Eis minha missão, pois sou artista da razão. Nenhum ser pútrido continuará a parasitar nossa insana sociedade, enquanto eu estiver aqui para com tal exorcismo mudar a mentalidade.

O médico colocou as mãos dentro do tórax cheio de sangue. Como alguém que lava seu rosto em uma bacia de água, assim ele o fez. Lavou seu rosto com o líquido vermelho que há dentro de todos. Refrescando-se com fluido vital, impregnando-se com cheiro visceral. O médico cumpriu sua missão.

INSÂNIA

Olhe em algum relógio, que horas são? Em seu colo ele carrega um afiado machado. Quantos já não provaram deste metal gelado. Cada dia uma ferramenta, cada dia uma vida que ele atormenta. Viajando de cidade em cidade, sempre durante a noite. Mas ele não é um vampiro e nem nada sobrenatural, é muito pior, é humano, *Homo sapiens*. Ele sabia e ainda sabe que a realidade pode ser bem mais cruel que a ficção da imaginação. Ele nem se lembra quando começou com esta carnificina toda. Só se lembra que o gosto é bom e a carne é macia. Ele apenas gosta do escuro, com tantos recantos obscuros para esconder e observar, finalmente matar. Que horas são? Falta pouco, muito pouco. Ele só quer saciar a sua fome, o estômago está inquieto. E a imaginação voa rapidamente.

Se o populacho quer cerveja e futebol, ele quer sangue e dor. Como qualquer outro, um fanático espectador. Buscando pelo seu pão e seu circo. O desejo de todo povo! Preferem escapar da realidade, deixarem o governo manipulá-los, mas não trocam seu pão e seu circo por nada. E ele também busca sua diversão. Onde ele está? Está em sua cidade. Estripando e devorando algum desavisado. Bebendo sangue em cálice de ouro e comendo carne bem passada, cuidadosamente preparada. E muito bem temperada. Pode ser que ele esteja do outro lado da porta de sua casa ou te observando pela janela. Experimentando teu cheiro, excitando-se com tua face de medo e

horror. Que horas são? Hora de comer! Ele está com muita fome. Anseia por esquartejar teu corpo, enquanto você grita e se contorce em agonia, chamando pela sua deidade, apenas para saber que nenhuma ajuda virá para atender suas preces.

Ele quer seu sangue doce como mel. Amarrar você e rasgar sua pele e tingir-se com o vermelho de teu sangue. Não chores, talvez ele arranque alguns de seus dentes para confeccionar um colar que poderá ser enviado de lembrança para seus familiares. Seu crânio enfeitará a estante dele, segurando alguns livros sobre anatomia humana e culinária. Que horas são? Hora de você sofrer, é hora de você morrer. Com o machado você conhecerá o real significado da palavra dor. Tu verás teus ossos sendo partidos com violência e precisão. Tu descobrirás que em apenas alguns minutos uma pessoa pode desejar estar morta há anos ou desejar nunca ter nascido. E você será a refeição perfeita, ninguém sentirá tua falta, pois em tua vida, tu foste apenas mais um na multidão. Tu que anseias pelo sangue destas palavras! Tu serás o grande banquete!

Que horas são? Quem é ele? Tu ainda me perguntas? Pergunta-me e eu te pergunto, todos tem perguntas? Se não queres pergunta, cale-se e diga “amém”. Ele é eu e eu sou ele. Apesar de que não me lembro dele. Nada fora do normal e agora? Venha para fora! Deixe-me terminar, sim, terminar de afiar meu lindo machado para te cortar, abastecer o carro e comprar os temperos. Eu quero você e ele quer você, porque eu sou ele e ele sou eu ou ele é eu? Quem se importa? Esta será tua última preocupação! Espere-me em

tua casa esta noite, mas espere-me de portas trancadas, assim podemos nos divertir um pouco antes do jantar. Estou salivando por sua imaculada carne, pensando em todos os pratos que prepararei para nosso jantar. Estou nervosamente ansiando com a expectativa de te comer (literalmente).

LOUVOR À LUA CHEIA

A escuridão já dominou o dia. A lua cheia ilumina a paisagem com sua claridade prateada. Os seres vivos escondem-se em suas tocas, apenas os mais corajosos ou os mais temerosos se aventuram nos recantos da escuridão. Os predadores deixam suas tocas e avançam procurando pela caça, certos de que triunfarão. Pelo alimento e pelo prazer de matar. Ter em suas mãos a opção de escolha, decidindo quem vai viver ou morrer, o que melhor desejar.

São nessas noites que sou atormentado por intensa dor de cabeça. Preferiria esmagá-la com uma marreta do que sentir tamanha dor. Ver meu cérebro diluindo-se e espalhando-se pelo ar após um golpe certo. Poderia ser melhor do que esta dor que emana de minhas profundezas encefálicas. Se assim o fizesse, a dor acabaria. Infelizmente a dor é um justo preço a se pagar pelo prazer. O prazer das caçadas. De ser um predador.

Pois após as dores intensas de minha cabeça é que ele surge. Domina minha mente. Ele, aquele que se oculta dentro de todo ser humano. O animal selvagem que tentamos ocultar. Nossos instintos assassinos que nos mantém ligados ao mundo natural. Durante os dias normais permanece oculto sob o manto da consciência. Então, surge a lua, bela e reluzente. Divino encanto que toma conta de meu corpo. Doce amada tão distante nos céus. Para você dedico todos os

meus sacrifícios, para você destino todo o sangue derramado e a carne devorada. Todo corpo violado, todo coração despedaçado.

Recordo-me da noite anterior, cada momento gravado em minha mente. Cada segundo parecia uma eternidade. Saí de casa, iluminado pela minha doce amada observando-me do alto, imaculada no céu. Respiração ofegante, um misto de odores atrativos, escolha seu prato e sirva-se. Perambulei pelas ruas andando pelos recantos obscuros. Corpo curvado e oculto, um predador espreitando suas presas. Observando, analisando, escolhendo qual seria o prato principal. Só de lembrar do sabor da carne em contato com minha língua já começo a salivar. Meu corpo todo estremece, um rugido surgiu das profundezas de meu corpo. Alto e feroz, ecoou pelas ruas da cidade semi-adormecida. Meu corpo não parece mais o mesmo. As roupas parecem me aprisionar, livro-me delas. Sinto a liberdade. Livre das vestes sociais que aprisionam a todo cidadão. Livre como vim ao mundo. Sem roupas e sem crenças. Um animal como qualquer pessoa, apenas vivendo.

Distante no meu campo de visão ela surge. Vindo em minha direção. Andando apressada na escuridão da madrugada. Vislumbro a lua, minha amada. Esta seria seu sacrifício. A batida dos sapatos dela na calçada ecoam pela rua vazia. Barulho constante e regular. Cada vez mais próximo. Permaneço oculto nas sombras, tal qual governante que manipula seu povo. Mais próxima ela está, sinto seu cheiro. O medo exala dos poros de sua pele. Aroma incomparável, o perfume mais atrativo que alguém poderia querer. O medo dos

covardes e dos corajosos, sentimento que nos mantém vivos. Mas para ela o medo não seria o bastante. Não a ajudaria em nada.

Em minha frente ela está, pulo sobre ela, como um lobo pula sobre um coelho. Derrubo-a no chão. Ela tenta se livrar de mim. Seguro sua cabeça com minha mão, e faço seu crânio encontrar o rígido chão. Apenas o suficiente para a inconsciência dominar seu corpo. Carne viva é disso que preciso. Carne fresca e sangue quente. Vísceras pulsantes. Arrasto-a para o recanto obscuro de um terreno vazio. O local perfeito para faltar-me e saciar minha fome, completando o vazio que se apossou de meu pútrido encéfalo. O corpo inconsciente em minha frente, com respiração ofegante, tudo será como antes. Deixo-a desnuda, livre das vestes, cheiro a carne fresca. Olho para sua face, um filete de sangue escorre de uma das narinas. Lambo e degusto o sabor deste delicioso líquido vermelho. Fluido agradável que me embriaga e me entorpece. Dedico a você, lua, minha amada. Tão pálida e distante no céu. Abaixo-me sobre o corpo inerte. O rugido verte de minhas entranhas e é emanado por minha garganta.

A vítima acorda. Olha para mim assustada. Como se tivesse visto um fantasma. Ou talvez um monstro. Não sou nenhum, nem outro. Sou animal, sou homem. Lobisomem. Abocanho sua face, perfuro sua pele sedosa com meus dentes afiados. Que arrancam pele, carne e cartilagem. Desfazendo a maquiagem. Entre uivos, devoro-a pedaço a pedaço. Banho-me no líquido rubro. Perante o olhar atencioso de minha amada. Carne vermelha e sedosa. Suntuosa

refeição. Arranco os membros, primeiro braços, depois pernas. Ação que me trás recordações internas. Arrebento seu abdômen, retiro os intestinos que se esfacelam e liberam seu conteúdo. Impregnando o ambiente com agradável odor, melhor do que tudo. Minha amada saciada está, e assim permanecerá. Até que outra vez apareça no céu, indicando que eu devo caçar, para que assim eu possa mais uma vez amar.

VIVISSECÇÃO

Vinde a mim, ó desgraça funesta. Arrebente meu corpo com a gadanha que tu carregas. Taxidermize meu corpo, impregne ele com o sal que colocamos dentro da pele dos animais eviscerados que serão empalhados. Faça a precisa incisão inicial abaixo do meu tórax, arrastando a lâmina até minhas genitálias, separe a pele da carne. Preserve meu couro para a posteridade. Pois é com a aparência externa que as pessoas se importam. Destrua tudo que há dentro de mim. Preencha minha pele com macio algodão, sustentado por maleável arame de metal. Assim meu interior será agradável para todos.

Arranque meus olhos, pois eles são as janelas da alma. Através deles demonstramos os sentimentos de nosso encéfalo, sempre oculto na caverna craniana. Forneça para mim olhos de vidro. Que nada demonstram além do olhar vago e insensível de uma criatura morta. Para que assim eu não chore mais pelas paixões perdidas, pelas palavras não ditas e pelos momentos de alegria que ficaram no passado. Assim tem-se o protótipo perfeito do estereótipo social. Um ser que nada sente e que com nada se importa.

Aqui eu me encontro. Com todos estes objetos afiados em minha frente. Frio metal que dilacera a pele humana, como frias palavras que dilaceram os sentimentos humanos. Trazendo-nos as incertezas que se ocultam em todas as partes da vida. Viver é como

andar em uma corda estendida sobre um abismo. Seguimos em frente, tentando manter o equilíbrio, rumo ao futuro. No entanto, basta um pequeno erro para cairmos na escuridão abissal. E dela não há mais retorno. Pois nenhuma mão poderá te alcançar, quando com a morte você se encontrar.

Os pregos com os quais agora me perfuro em autoflagelo, fazendo-os romperem a imaculada estrutura de meus ossos, rompendo barreiras rígidas e ocultas de osteócitos e osteoblastos. E talvez até dos osteoclastos. Numa vã representação da dor que assombra minha consciência. Destruindo minhas memórias como se eu tivesse caído nas garras de um parasita indomável. Para o qual eu represento apenas um banquete carnal a ser calmamente devorado. O rubro sangue escorre por inúmeras perfurações espalhadas em meu corpo. Libertando os eritrócitos antes aprisionados em minhas veias e artérias, livres para se encontrarem com alguns leucócitos. Livres para trazerem a morte para perto de mim.

Pudera arrancar todo e qualquer sentimento que verte através das conexões dos neurônios que compõe meu cérebro. Livrando a mim mesmo de sentir qualquer coisa triste ou feliz. Apenas vivendo, alheio e independente de tudo. Em uma cirurgia cerebral e corporal devo interligar meu consciente ao subconsciente, e assim, poder purificar meu corpo através do colapso de minha epiderme. Devo arrebentar meus músculos, como se os sarcolema fossem devorados por um verme. O nematóide que destrói o antropóide.

Com a faca afiada, despedaço meus dedos. Um a um, separando cada falange. Dissecando cada nervo e tendão. Cortes rápidos e certos. Ignoro a dor, pois ela não se compara ao desespero que se instala em minha mente. Dividido na eterna dualidade que frequenta toda pessoa, dividido entre a vida e a morte. Entre a perda e a rejeição, tudo vira aflição. Percebe-se que felicidade é mera ilusão. A corda da vida oscila fortemente, desgastando-se e quase arrebentando. Mas não é o suficiente, muito mais deve ser feito. Pois a loucura ainda não me encontrou. Dela eu dependo para que talvez eu desfrute da felicidade. Um escape da realidade.

Ainda usando lâminas afiadas, inicio a retirada de minha pele. Como se fosse uma simples veste que oculta a real natureza humana. Que oculta toda a nossa ancestralidade evolutiva. E é essa aparência que quero libertar. Somente assim poderei em paz descansar. Arranco-a lentamente saboreando a descoberta do desconhecido. Tornando minha beleza interior algo conhecido. Sem minha pele para me proteger, sinto quão gélido, frio e cruel é o mundo. Indiferente perante nossa presença animal. Meu corpo, agora vermelho, apresentando nossa cor interior. Como a pele de um demônio imaginário. Estremece perante o sopro do futuro. Emanado de algum dragão que se oculta no abismo que vejo abaixo de meus pés. O abismo da morte, no qual poderia finalmente encontrar a loucura. Meu corpo entra em espasmos devido às tormentas do passado. Seguro-me fortemente na corda da vida, para não cair antes do

devido tempo. Para não morrer antes do derradeiro momento. Pois a libertação deve ser finalizada. Para que a morte possa ser cruamente aproveitada.

Perco o controle sobre meus músculos. Com esse acontecimento, o conteúdo de meus intestinos escapa, deslizando sobre minha pele, esquentando minhas pernas. O adorável cheiro humano que está sempre perfumando a sociedade. Que demonstra o quão ridícula é nossa presença, apesar de todas as máscaras de importância que tentamos criar.

É necessário raspar a carne que envolve meus ossos. Assim aliviando o peso que há sobre mim. Pedaco por pedaco vou retirando-a. O colapso dos nervos que impulsionam os sinais de dor até meu cérebro. Deixando-o imerso em profunda confusão. Despedaco meu corpo, semelhante a qualquer outro pedaco de carne. Tudo para ter um segundo de tranqüilidade, esquecendo o desespero solitário que está enraizado dentro de mim. Sugando todas as minhas forças e vontades. Os sonhos se desfazem perante a doce ilusão da realidade. Realidade que eu percebo através de meus sentidos que facilmente podem ser enganados para ver tudo distorcido.

Esse barulho infernal que ouço, seria o barulho que a verdade produz em nossas mentes? Ou seria o barulho da dor representada através de meus gritos desesperados? Ainda tenho forças restantes. Com uma longa agulha perfuro meus ouvidos, faço o metal adentrar na escuridão de minha caverna craniana. Uma pequena dor para se obter o silêncio enlouquecido dos que foram

eternamente esquecidos. Continuo a gritar, sinto a vibração de minhas cordas vocais. Faça o desespero parar! Pois se você for amar, então também poderá chorar. É o maldito risco que todos encontram quando tentam arriscar.

A mesma agulha que usei para perfurar meus ouvidos, uso para costurar meus lábios. Não sem antes arrancar a minha língua. Ela tenta escapar de minhas mãos como se tivesse vida própria. Nada que um alicate e uma tesoura não possam resolver. Está feito. Em minha frente a estrutura que permitiu que eu descobrisse os sabores do mundo. Sangue se mistura com saliva em minha boca. Engulo essa sacra mistura, como alguém que tenta engolir o choro do sofrimento. Sempre há um pouco mais para ser engolido. Já que o sofrimento é o peso que nos afoga rumo as entranhas da terra.

Quando encontrar a morte, vislumbrarei o que havia antes da vida. A escuridão. O silêncio, a ausência de sentidos e de imaginação. É a escuridão que se encontra antes e depois deste pequeno lampejo que chamamos de vida. E o que fazemos para aproveitar tal lampejo? Transformamo-nos em escravos. Escravos do dinheiro. Do sistema econômico sem o qual não conseguimos viver. Inusitadamente, o que nos permite viver é justamente o que nos impede de aproveitar a totalidade da vida. Não podemos comer papel, mas é ele que nos mantém vivos.

Mesmo com os sentidos destruídos ainda sou atormentado. Pelas lembranças da felicidade que não mais existe. E que agora não voltará a existir. Pois a corda da vida está se desfazendo. Não tenho

mais forças para mantê-la. Preciso parar. Não sei como voar, para que do abismo eu possa escapar. Sei apenas caminhar e quase me arrastar. Através deste caminho no qual ninguém me ajudará. Não há como continuar. Com a fria lâmina que tanto trabalhou neste dia, que agora se encontra aquecida pelo meu sangue, irei partir meu coração em definitivo. Para não mais se recuperar. Cravo-a em meu peito. Lentamente rompendo todas as estruturas restantes. Deslizando rumo ao meu músculo cardíaco que se debate como um animal aprisionado que busca liberdade. Enquanto lágrimas dançam insanamente em minha face.

Desculpe Vida, sei o quanto tu és valiosa. Não quero depreciar sua presença, para mim você está acima de todas as coisas. Somente pelo seu valor eu já abnegaria prontamente a presença da Morte. Mas se neste caminho eu for obrigado a estar na presença da Solidão e da Escuridão, então prefiro encontrar estas duas na presença da Morte. Afinal, ela é o local de onde nós viemos.

O ANDARILHO E O VELHO

"Deus está morto, mas o seu cadáver permanece insepulto."

Friedrich Nietzsche

O local era tomado por uma claridade branca, gelo por todas as partes. Neve cobrindo o chão. Congelando a pele, rachando-a, rompendo-a. Inundando o mundo oculto abaixo da epiderme com as afiadas pontas de água em estado sólido. Era frio, mas parecia queimar todo e qualquer recanto do corpo. Cortava-se no gelo, sentia dor, e ao mesmo tempo tudo acabava amortecido. Passo após passo, naquele vasto deserto branco. Deixava uma trilha demarcada de vermelho no caminho já percorrido. O vento era constante, parecia chorar ecoando no vazio atmosférico. O sol não se deslocava de seu local, levantar os olhos até o céu era pedir para ficar cego, perder o rumo do saber. Caminhou durante horas seguidas, sem rumo, apenas seguindo em frente.

Quando ao longe, avistou um ponto escuro na neve. Quanto mais se aproximava daquela forma, mais tinha certeza de tratar-se de um ser humano. Chegando ainda mais próximo. Teve certeza de tratar-se de outro humano. Aproximou-se cautelosamente. O homem caído na neve estava nu, não tremia com o frio. Seu corpo não era coberto por nenhum pelo. Possuía a face marcada pelas rugas

da idade, as cicatrizes do grande torturador chamado Tempo. O homem caído perdeu seu interesse no céu e encarou o andarilho.

- Não temas, não te farei mal. Pelo menos neste momento não, já perdi minhas forças. – falou o velho caído no chão.

- Quem és tu que deitas neste gélido chão para vislumbrar o astro de fogo que deveria nos aquecer? – respondeu o andarilho.

- Eu? Eu sou aquele que foi criado pela humanidade e que deveria ter sido morto pela humanidade. Eu sou aquele para quem os fracos recorrem implorando ajuda para toda e qualquer dificuldade. Sou a fonte de consolo ilusório para aqueles que perdem um ente querido. Sou a desculpa para todas as desgraças causadas pela irracional mente humana. E quem é você andarilho?

- Eu sigo meu caminho. No sentido de algum suposto progresso. Anseio por atingir os céus após minha morte, mesmo sabendo que este local gélido em que me encontro é a única realidade. Este local ao qual, aqueles que me compõe, chamam de mundo. Frio, cruel, ilusório e destruidor. Preciso que tu saias da minha frente para que eu possa alcançar águas mornas e ideias prodigiosas. Para que meus sonhos deixem de ser apenas fruto de minha imaginação.

- Deveria eu te chamar de “humanidade”? - indagou o velho caído.

- Apenas se em resposta eu te chamasse de “deus”. – respondeu o andarilho.

- Queres que eu saia da tua frente? – perguntou o velho caído - Não conhecestes aquele que há anos já falou. Que tu me

criaste e tu me mataste, ó Humanidade. Agora fica com meu cadáver em teu caminho, atrapalhando o progresso tal qual um corte profundo de espinho. Pois eu sou a pior coisa que a imaginação já conseguiu criar. Em vida fui uma doença e morto sou uma sequela, sempre atrapalhando os teus planos e os teus sonhos.

- Eu bem sei o mal que tu fizestes para mim. Vê as marcas de sangue no trajeto que eu percorri? Quantos atos nefastos foram justificados como um desígnio teu? Saí da minha frente e deixa minha mente livre. Levanta-te e fica apenas no meu passado. Suma do futuro que me pertence!

- Tires tu o meu corpo de teu caminho! Tu és fraco e teme a perda da tua divindade. Tolo que tu és. A humanidade não passa de uma criança trêmula em uma assombrosa tempestade. Espalha-se por todo o planeta auto-proclamando-se senhora absoluta deste pequeno ponto. Mas é mais frágil do que uma folha de papel molhado pela água. Eu sou teu deus! E mim tu servirás! A humanidade é uma criança procurando por um pai.

- Porém, ó deus. É melhor permanecer órfão do que ter um pai malévolo e cruel como tu, senhor das ilusões e das mentiras. Oferta-me uma vida de escravo, criando a ilusão de que haveria algo após a morte. Assim as pessoas morrem sem nunca terem realmente aproveitado suas vidas. Afinal, se a vida após a morte é tão verdadeira, por que aqueles que acreditam em tuas palavras venenosas não se deixam morrer para encontrarem finalmente o paraíso? Talvez, no fundo de suas minúsculas conexões neurais, eles

saibam que tu e tuas palavras não passam de um conto de fadas. – respondeu raivoso o andarilho.

No céu uma águia imponente se aproximava, atraída pela discussão que ecoava por todas as eras da humanidade. Veloz, espalhava pelos ares sua voz. Proclamando sentenças, demonstrando sabedoria, destruindo crenças, cultivando liberdade. Desce ao lado do andarilho. Uma águia da altura de um homem. Com um penacho de penas que fornecia para tal animal um ar de imponência, piedade e crueldade ao mesmo tempo.

- Quem és tu que chega dos quentes ares das alturas? – pergunta o andarilho.

- Sim, quem és tu? Se não a vil criatura luciferiana que reflete em suas penas a luz da razão. Sua presença me destrói ainda mais! – respondeu o velho caído – Se um sopro de senso comum já me derruba, quem dirá uma bicada de uma ave destas!

- Eu sou a besta e eu sou o homem. Sou a animalidade e sou a razão. A ave que aponta o futuro derradeiro, com apenas uma única direção. Das crenças eu sou o demônio, das pessoas eu sou a liberdade. Do futuro, eu sou a Razão. Não sou um pastor, pois as pessoas não devem ser cordeiros. Pois cedo ou tarde todo cordeiro vai para o abate, para saciar a fome de seu pastor. Sou um companheiro que perante a humanidade procura ser um igual. Não quero que me chamem de “Senhor”, pois não procuro a submissão daqueles que me cercam, quero apenas a amizade e da liberdade compartilhar.

- O que te trás para tão perto de nós? – perguntou o andarilho.

- Se eu vim para este lugar, foi apenas para te ajudar. Se este velho tu não consegues matar. Então terei que este maldito eliminar.

- Então, ó águia do saber, faça o que veio fazer. – disse o andarilho.

A águia pulou sobre o velho caído que tanto atrapalha os caminhos iluminados da humanidade, arrancou-lhe a cabeça usando o bico e as potentes garras. Uma grande poça de sangue se formou ao redor do corpo do velho, a águia despedaçava cada uma das partes do velho, era o conhecimento despedaçando cada uma das crendices que compõe o imaginário humano. Destruiu o cadáver que atrapalhava o avanço da humanidade.

- Vai andarilho! Segue teu caminho, agora teu futuro será de glória e paz. Não haverá mais medo e nem preocupação. Pois tu foste beneficiado com o conhecimento e com a razão. Sobre você estará sempre o semblante de minhas asas, guiar-te-ei por estes caminhos sinuosos que compõe o futuro e a vida. Tu não precisas deste ser para te dizer o que é certo ou errado. E não temerás mais os frutos de tua imaginação.

SALAHTIEL

Escrito em conjunto com Márson Alquati

“Quem esquece os erros do passado, está fadado a repeti-los.”

O sol iniciava a sua atividade, surgindo ao longe, no horizonte distante e começando a iluminar a imensidão da planície descampada. Nada além de terras vazias e desprovidas de qualquer forma de vida, até onde os olhos podiam enxergar. Uma fina camada de gelo recobria o solo árido, refletindo o frio da noite anterior. O antigo guerreiro de asas negras arrastava-se solitário e reflexivo, em direção ao sol nascente. Assim vinha se orientando durante toda a sua atual vida. Qual mariposa desgarrada que se orienta seguindo a lua, ele o fazia, perseguindo dia após dia, o astro-rei.

Carregava, embainhada na cintura, a espada, cuja lâmina maculava-se com o sangue coagulado e pútrido de seus inimigos. Sua armadura, outrora prateada e lustrosa, agora se ressentia, amassada e suja de terra e sangue. De terras distantes e do sangue dos inimigos e amigos, mortos brutalmente em uma cruel e sangrenta batalha. Todos se foram. Sozinho ficara. Sim, era o único remanescente de seu povo. E agora rumava decidido ao encontro da derradeira batalha. A última a ser travada em sua breve vida. E a Morte, aquela inexorável e sombria dama revestida de negras roupagens e sua implacável foice o rondavam, dançando ao seu redor e zombando do triste fim a que estava condenado.

O triste fim de não ter um fim.

As melancólicas lembranças dos gritos de horrores que emergiam das profundezas viscerais das pessoas com as quais convivera a sua vida inteira permaneciam gravadas em sua memória. Gerações inteiras surgiram e desapareceram, enquanto seguia amaldiçoado a vagar pela superfície de um mundo infestado de necroses e morte, dor e sofrimento, situado além das leis de imposição do tempo e do espaço, sem que jamais conseguisse alcançar o seu momento final, sem que pudesse receber o seu merecido descanso.

Embora muitos contestassem tal afirmação, a vida eterna, pelo menos para ele, não era uma dádiva. Mas uma terrível maldição, em que a morte não era encarada como um ato nefasto, e sim, a almejada conclusão de um ciclo, ao qual, todos eram destinados. Todos os que um dia o guerreiro alado amou e agora se foram, ceifados do tabuleiro, definitiva e inexoravelmente excluídos do jogo. Todos menos ele. Um ciclo completo que se findava a cada nova geração. Ao princípio, a solidão parecia atraente, tornando-se, em determinados momentos, uma excelente e aprazível companheira. Entretanto, quando se permanece por um longo período na solidão, descobre-se que esta pode se tornar demasiado monótona.

Imerso apenas em seus próprios pensamentos, a loucura se encontrava atrás de cada porta, de cada pedra ou árvore por onde ele andejava. Passou, então, a ansiar pelo fim de sua própria existência. Que a sua combalida consciência deixasse de existir. E, com ela, toda

dor e sofrimento, impostos pela inevitável e sádica passagem do tempo.

Andando pelo gélido deserto, acompanhado das três damas que todo ser vivo teme: a Morte, a Loucura e a Solidão, três irmãs que, fatal e infalivelmente, conduzem ao mesmo caminho, não tardaria para o guerreiro atingir o primeiro patamar rumo aos seus objetivos de vingança. Finalmente, a ansiada paz poderia ser alcançada. Porém, para isso, sangue culpado e também inocente deveria ser derramado, uma vez que em batalhas como a que estava prestes a travar, não existiam inocentes. Todos eram culpados, portanto, mereciam ser executados!

De repente, a voz da consciência emerge na obscurecida mente do guerreiro andante e o faz perceber que, por inúmeras vezes, as pessoas em geral, deixam-se levar, seguindo as caudalosas correntes da vida, guiadas por pensamentos fantasiosos, quase sempre forjados pelos próprios erros e experiências. Com ele não havia sido diferente. Apenas acompanhava o curso do tenebroso Rio Destino. Sofrimento e dor foram elementos sempre presentes em sua desgraçada vida, mas agora tudo isso estava prestes a mudar. Assim seguia o guerreiro, refletindo sobre sua jornada terrena, consciente de que a sua única certeza era a vingança.

...

Muito tempo antes...

Uma sangrenta guerra inter-racial entre anjos e demônios corria solta, devastando o mundo em que ambos viviam. Ninguém mais lembrava como havia começado. Ninguém se importava. O sangue e a espada, o ódio e a lança falavam mais alto. A guerra já se estendia por incontáveis séculos, dizimando ambas as raças até que restassem somente uns poucos milhares de soldados em cada facção. E, intencionados em ultimá-la, os demônios haviam iniciado uma gigantesca ofensiva contra o território dos anjos. A batalha fora terrível e só uns poucos representantes celestiais haviam sobrevivido às hordas do mal.

Foi ao raiar de uma manhã ensolarada. O acampamento dos anjos ainda dormia quando foi subitamente invadido e totalmente dizimado. Os anjos nada puderam fazer para impedir que as suas mulheres e crianças fossem chacinadas. Ninguém foi poupado.

Após derrotar o inimigo em mais uma violenta batalha em terras distantes e vencer a distância da longa viagem através das montanhas e vales, acompanhado de seu batalhão, o líder da gloriosa raça dos anjos, Salahtiel, finalmente alcançou os limites do acampamento-cidade de seu povo. E o que contemplou, remeteu-o, no mesmo instante, às profundezas do mais nefasto e cruel Inferno. O terreno, outrora composto por exuberantes campos dourados de trigo, dançando acariciados pelos doces ventos e entremeados por límpidos córregos de água cristalina, no momento, era uma terra enegrecida pelo fogo, que ainda mantinha a sua fumaça estagnada no ambiente. Uma névoa obscura que pairava a pouca altura, tentando

inutilmente ocultar os horrores da guerra. Uma devastadora e nefanda guerra...

Cadáveres, de anjos e demônios, jaziam espalhados por todas as partes, entremeados por um verdadeiro mar de sangue e vísceras. O dourado do trigo ressentia-se de vermelho e azul. O sangue dos demônios e o dos anjos. Corpos mutilados, estraçalhados, despedaçados. Vidas abreviadas. Sonhos interrompidos.

O ódio tomou conta dos recém chegados. E um incontrollável desejo de vingança foi crescendo dentro de cada anjo ali presente. Ainda era possível ouvirem o som lamuriante e desesperado dos desafortunados compatriotas moribundos, lutando para se manterem vivos.

E, completamente obliterados pelo ódio e pelo desejo de reparação do mal, partiram ao encalço do inimigo. Não tardou para avistarem-no. Ao comando de Salahtiel, o batalhão angelical dividiu-se em dois grupos. E, separados, simultaneamente arremeteram-se sobre o amaldiçoado exército demoníaco, cercando-o, prontos para atacarem pelos flancos, como as pontas de um alicate que se fecham sobre o dente a fim de extraí-lo.

Munidos de seus enormes escudos retangulares, espadas, arcos e lanças empunhadas, avançaram sobre a terra queimada e caíram ferozes sobre as tropas infernais. O embate que se seguiu foi cruel e desigual. Eram apenas cem anjos contra milhares de demônios. Mesmo assim, ao final do embate, todos os soldados do Inferno, sem exceção, haviam tombado sob as lâminas azuladas das

armas angelicais. E, só então, Salahtiel percebeu que todos os anjos também. Só ele havia sobrevivido. O último representante de sua raça.

Foi quando ouviu um gemido curto e abafado aos seus pés, seguido de mortífera voz. Era o líder daquele batalhão de demônios, conjurando uma maldição contra ele. Trespassei o coração do sujeito, mas não evitou o mal conjurado.

Desde então, ele que não tinha mais razões para viver, tornara-se imortal.

Imortal e solitário. Imortal e infeliz.

...

De volta ao deserto...

Acabara de eliminar o último representante da raça dos demônios e agora partia em busca do próprio destino. A última batalha estava prestes a ser travada.

Gerações e gerações haviam transcorrido desde que fora amaldiçoado pelo líder dos demônios. Condenado a vagar até os confins do mundo caçando àqueles que haviam trazido a desgraça ao seu povo.

Para ele, tão amplamente condecorado no passado pelas vitórias dos anjos, medalhas não mais possuíam valor. A única medalha que Salahtiel desejava era a da redenção.

Redenção só possível de ser alcançada com a Morte. E esta, para ele era impossível e inalcançável. Contudo, restava uma vã esperança. Uma remota chance de mudar os inexoráveis rumos do destino.

Chegou a um desfiladeiro que desembocava num precipício que não se podia ver o fundo de tão escuro e insondável que era. Aproximou-se da beirada e espiou. Só viu trevas e escuridão. Hesitou, lembrando-se do seu povo, dos parentes, amigos e companheiros de armas, da mulher e dos filhos mortos durante a invasão ao acampamento-cidade.

Só teria uma oportunidade. Se falhasse, tudo estaria perdido. Inspirou profundamente, procurando reunir a coragem necessária. Fechou os olhos e, sem medir as consequências dos seus atos, avançou para o vazio, sendo engolido por ele.

...

Porém, algo deu errado. E, ao acordar, Salahtiel percebeu que não só não havia morrido, como se encontrava agora, em outro tempo e noutro mundo, habitado por criaturas inferiores, primitivas e frágeis, carentes de alguém que as auxiliasse em sua evolução. Compreendeu que ele era o guia e que guiá-las seria o seu castigo eterno. Resolveu, então, fazê-lo pelas sombras. E, ato contínuo, alterou o próprio nome, por outro, mais condizente com a sua nova

condição de portador e guardião da luz, além de carrasco dos ímpios e dos de má índole.

E, desde então, Lúcifer, o anjo caído, vive entre nós...

EVISCERADO

O autor é grato à Emili, por fornecer a ideia principal deste conto.

Todos as noites eram iguais. Saía de sua casa, procurando andar pelos recantos escuros e sombrios que podia encontrar. Ansiando por sua busca sobrenatural, queria provar de todo e qualquer jeito que o mundo era algo além da realidade visível. Desesperava-se com a realidade, pois não sabia admirar sua real beleza. Acreditava que somente o sobrenatural poderia tornar o mundo belo. Essa era sua busca incansável. Lutava por suas convicções mais profundas. Não aceitava discussões a respeito, esses eram seus gostos. E apesar de saber que gostos não se discutem, todos passam a vida inteira lutando por seus gostos. Assim ele fazia para se manter nesta vida.

Caminhava lentamente, aparentava estar tranquilo. No entanto, seu coração pulsava acelerado a cada recanto que investigava, a cada esquina que dobrava. Não importava como estavam as condições climáticas, toda noite era o momento de procurar incansavelmente pelo sobrenatural. Ouvia atenciosamente todos os relatos de assombrações e de qualquer assunto sobrenatural. Visitava os locais mais assustadores possíveis. Era uma busca incansável e nem um pouco recompensadora. Anos e anos buscando por algo que até o momento ele nunca teve nenhuma prova concreta,

nada que não passasse de mera alucinação da mente humana. Sim, alucinação, pois não há coisa mais fácil do que enganar o cérebro e fazê-lo ter alucinações. Mas nas profundezas de seus desejos as pessoas consideram a alucinação como resposta ridícula e aceitam a existência do sobrenatural. Cada um acredita no que deseja, mas a realidade dos fatos é uma só.

Esta era mais uma noite de buscas. Ele pegou sua lanterna, sua filmadora e sua máquina fotográfica, algumas pilhas e baterias extras. A noite tinha o céu limpo revelando muitas constelações. A lua minguante despontava no horizonte distante, iniciando seu trajeto através do firmamento. Seria uma noite de bom tempo. Saiu caminhando apressado, passando pelas ruas e vielas, rumando até um velho cemitério. Local no qual esperava encontrar sua prova concreta, a resposta para a busca de tantos anos. Mantinha a cabeça voltada na direção do cemitério, movia apenas os olhos, para conferir se ao longo do caminho não encontrava alguma prova sobrenatural. Passos firmes e silenciosos. Coração pulsando fortemente e a respiração num ritmo frenético. Cada novo passo tornava menor a distância até o cemitério.

...

O cemitério ficava em uma pequena colina, sua entrada era na base da mesma. Um muro de pedras sobrepostas rodeava o local. Caminhos de pedras seguiam por entre os túmulos de pessoas há muito esquecidas. Nenhuma vela acesa, nenhuma flor em memória.

A morte chega sorrateira e os nomes desvanecem perante o tempo. Trazendo o esquecimento para todos aqueles que cumpriram seu ciclo na vida.

Por estes caminhos ele seguiu. Não sabia ao certo o que procurava. Apenas andava. Lendo os nomes nas lápides e observando as antigas fotos desbotadas. Eram idosos, pessoas de meia idade, jovens, crianças e bebês. A morte não avalia se uma pessoa viveu tempo suficiente. Apenas faz o que lhe foi incumbido. Nenhuma divindade estende sua mão para proteger aqueles que desejam permanecer vivos. A natureza é bela e impiedosa.

Ele seguia subindo pela colina. Ao fundo uma coruja proclamava seus cânticos noturnos, inspirando de forma poética algum casal apaixonado que poderia estar passando por perto. Caminhou até o final da colina, neste local havia uma pequena capela mortuária. Estava fechada, mas por entre as frestas das portas era possível ver uma fraca luminosidade originada de seu interior.

Uma grande emoção tomou conta do jovem aventureiro, teria ele finalmente encontrado seu tesouro sobrenatural? Preparou a filmadora e a máquina fotográfica, tinha que fazer todos os registros possíveis. O momento pelo qual ele havia esperado chegou? Forçou e forçou uma das portas até que esta cedeu. Uma escadaria estava em sua frente, descendo até o subsolo. Com um túnel estendendo-se à frente.

Ele seguiu por este caminho subterrâneo. Sempre tentando encontrar a fonte daquela luminosidade. Chegou em um pequeno

salão. Cheio de caixas de madeira. Mas não via ninguém. A luminosidade vinha de diversas velas espalhadas no local. Ele filmou o local e tirou algumas fotos. Resolveu voltar até a escada. Quando se virou para a mesma, alguma coisa acertou-o fazendo cair inconsciente.

...

Quando acordou estava pendurado de cabeça para baixo em um canto da caverna. Abaixo dele havia uma grande bacia de metal. Olhou ao redor e viu um grupo de pessoas mascaradas. Elas se aproximaram dele. Um dos indivíduos do grupo carregava consigo uma enorme faca. Ao vê-la, o aventureiro começou a gritar e chorar desesperado. Nada faria parar a aproximação daquelas pessoas. Ele não havia encontrado sua prova sobrenatural, porém encontrou a prova definitiva de que a realidade pode ser mais assustadora que o irreal. O indivíduo com a faca aproximou-se ainda mais dele, rasgou as roupas do aventureiro, e depois, abriu sua pele. Das genitálias até a garganta, fazendo as vísceras escaparem do corpo e caírem dentro da bacia de metal, deixando-a colorida em tonalidades de vermelho. Enquanto o aventureiro grunhia suas últimas palavras numa tentativa de demonstrar toda a dor que estava sentindo. Usando suas últimas energias ele se debatia para escapar da morte certa.

Ele não encontrou seu sonho sobrenatural, achou apenas o depósito de alguns traficantes da cidade. E de brinde, ganhou a recompensa de saber que não existe nada após a morte, nada além da

completa escuridão e o completo vazio. Nenhuma divindade e nenhum demônio. A consciência se desfaz quando os neurônios param de funcionar e com eles morre toda e qualquer essência de uma pessoa. Ficam apenas as lembranças, nas mentes dos que permaneceram vivos.

A natureza é bela e impiedosa.

ESCURIDÃO

Inspirado em um pesadelo.

O dia estava belo e ensolarado. Um campo verdejante se estendia até o horizonte, encontrando-se com o céu azul claro. Nenhuma nuvem marcava presença. Caminhava de mãos dadas com sua amada, iluminados pelo sol. Estavam indo em direção a um banco de pedra que dava de frente para os extensos campos. Sentiam a doce brisa acariciando suas peles. Rumaram até o banco e ali permaneceram abraçados lado-a-lado durante horas. O sol estava parado no céu. O dia seria eterno.

Sentados sem pronunciarem uma única palavra. Ele vira seu rosto na tentativa de observar a beleza do semblante de sua amada. Seu pescoço parece travar, impedindo-o de mover sua cabeça de forma adequada. Com muito esforço ele desloca sua face em direção à amada. Mas não consegue enxergá-la. O rosto dela está tomado por uma névoa obscura. Os olhos dele não conseguem permanecer fixo em direção do semblante dela. Ele tenta chamar pelo nome dela, pedindo a atenção. Tudo em vão. Ela permanece estática sem dar atenção para ele. Fixo ao banco ele tenta se levantar para ficar de frente para ela. Nada funciona, está preso ao banco e ela não reage a nada que ele faz. Em desespero ele começa a gritar pelo nome dela.

Ela se levanta, mas não para ir em direção dele. Vira as costas para ele e começa a andar na direção da qual eles vieram. Ele olha ao redor desesperado, não consegue sair do lugar. No alto de uma árvore próxima, dentro de uma grande caixa de papelão, um rato branco de olhos negros começa a dar risadas frenéticas da situação dele. Aquele maldito rato, rindo e rindo começo se estivesse assistindo a alguma apresentação de comédia. O jovem começa a gritar pelo nome de sua amada. Não recebe nenhuma resposta, ela continua a se afastar e aquele maldito rato gigante continua rindo dentro de sua caixa na árvore, salivando e molhando o papelão.

O jovem olha para o horizonte. Quanto mais a amada se afasta dele, mais se aproximam dele nuvens de escuridão. Nuvens negras que se estendem do chão aos limites do céu. Ele está preso ao banco, longe de sua amada e a escuridão se aproximando a cada instante. O rato no alto da árvore, como se fosse um rei num trono de papelão, ria freneticamente já ficando sem ar. A escuridão se aproximava. Por mais que o jovem gritasse, nada mudava a situação. Seria engolido pelas nuvens de escuridão.

Sua amada já estava distante e o rato, aquele maldito rato, estava arfando em suas risadas, debatendo-se dentro de sua caixa de papelão. O jovem preso ao banco começa a ser envolvido pela escuridão. Passa a ter dificuldades para respirar, não vê mais o céu, nem sua amada, só ouve as risadas do rato. Quando então completamente envolvido pela escuridão, o chão começa a tremer e uma fenda começa a se abrir no local em que o jovem estava. Uma

profunda ruptura no solo. Ele não consegue sair do lugar e quando a fenda atinge tamanho suficiente, ele é engolido. Despenca no precipício envolto em escuridão, uma queda sem fim, seu último grito foi o nome de sua amada.

INSTINTO OCULTO

Espancava a pessoa em sua frente, não apresentava piedade. Batia, dava socos e chutes. Neste ato mordia seus próprios lábios, o que fazia verter sangue de sua própria boca, uma mancha vermelha se formava em sua camiseta branca de algodão. Suava constantemente com os músculos tremendo a procura de mais forças para continuar a violência, a pessoa em sua frente já estava inerte, mas ele precisava continuar, tinha que seguir até o fim. Gastar todas as suas energias, mesmo que aquele corpo no chão já estivesse sem vida. Ele precisava continuar. Precisava sentir a sensação de matar uma pessoa, não simplesmente matar, e sim, usar suas próprias mãos para realizar esse ato. Ele precisava matar com honra, deliciando cada golpe.

Naquele corpo descontaria toda sua tristeza, todas as suas mágoas e aflições. Aliviar-se de suas preocupações. Era isso que ele queria. Não sabia se isso era certo ou errado e pouco ligava para essa questão, afinal liberdade é apenas uma ilusão, a liberdade de uns sempre acaba por reduzir a de outros.

Para ele o certo e o errado sempre foram os mesmos atos, apenas com denominações diferentes. Em toda ação que uma pessoa realiza, sempre existem outras pessoas que podem denominar tal ação como certa ou errada. Duas palavras variáveis, dois conceitos que podem ser facilmente distorcidos.

Pulava sobre o corpo, ouvindo as costelas sendo quebradas. Sangue escorria pela boca do recém morto, tingindo de vermelho o chão de pedras daquele beco imundo. Ele precisava continuar, não podia parar. Precisava apenas matar, uma única vida roubar. Quando matamos alguém, quantos sonhos nós destruimos? Quantas vidas alheias nós conseguimos desestruturar? Quantas pessoas deixarão de amar, deixarão de odiar, apenas para chorar. Pessoas sempre irão se lamentar por aqueles que acabam de morrer, por aqueles que pararam de sofrer.

Dentro de todos existe um animal, sanguinário e assassino. Apenas esperando o momento certo para se libertar. Pois todas as pessoas não passam de animais. Símios que se proclamam deuses, sim, pois se consideram como sendo a si mesmos imagens de deuses. Criaturas egoístas que pregam a humildade disfarçada, não conseguem seguir um só dos ideais que consideram como sendo necessários para o bom funcionamento da sociedade. E nosso assassino sabia disso. Estava apenas levando seu animal interior para dar uma volta no quarteirão e degustar um pedaço de carne com os amigos. Apenas mais uma animalesca diversão.

Violência está dentro de todas as crianças, incubando como um ovo, prestes a estourar, quando eclode permanece oculta, um predador que espreita por detrás dos arbustos. Oculto nos recantos mais obscuros da floresta cerebral. Ele continuava espancando o cadáver, quebrando todos os ossos possíveis. Tomado de raiva, chorava e ria ao mesmo tempo. Seus sentimentos estavam confusos,

a linha que divide a razão da loucura parece ser muito tênue, quem dirá a felicidade e a tristeza, estas duas bailam juntas. Ele não sabia se o que fazia era certo ou errado? Como podemos definir adequadamente o que é certo ou errado? Até que ponto chega o limite da compreensão humana quando se refere a estas duas palavras?

Ele agora mordia o cadáver tomado de raiva, berrava e grunhia libertando toda a sua raiva. Sua face estava rubra, suja pelo sangue, seus cabelos curtos encharcados em fluídos vitais e suor. Batia freneticamente no cadáver que há poucos minutos ainda era uma vida, transformando o ser agora morto em uma massa disforme. Ainda era um pai de família e sonhava em dar um futuro melhor para seus filhos. Agora estava morto. Seus filhos sem pai, sua esposa sem marido, uma família sem futuro. Por causa de um assassino insano que o tinha matado com suas próprias mãos.

Estava feito, ele realizou seu sonho, acabou com aquela vida humana. Agiu sem pensar, seguiu seus instintos, fez aquilo que considerava certo. Não pensou nas consequências. Não era uma situação em que pensar viesse a ser o mais sensato, era uma questão apenas de agir ou não. Realizar um sonho já muito antigo, afinal, bem sabemos que todos devem lutar pelos seus sonhos a todo custo, assim ele o fez. Deixar passar a oportunidade ou não? Essa era a verdadeira questão envolvida nesta situação. Fazer o certo ou o errado? Não importava, agora era tarde e tudo estava feito. Ele fez o certo? Matando e aniquilando uma vida desta forma? Qual seria a

forma mais correta de agir? Certo ou errado, certo ou errado, é sempre essa a questão. O quão certo ou errado podem ser nossos atos. Cada pessoa tem sua própria opinião, e assim, cada um tem seu conceito de certo ou errado.

Ele matou, sim ele matou. Isso é certo ou errado? Ele matou, realizou seu ato insano, matou o assassino que havia matado toda sua família e escapado impune. Foi essa a pessoa que ele matou. E agora? O ato dele é certo ou errado? Que direito temos de tirar uma vida? Os fins justificam os meios? Até que ponto é certo ou errado o senso de justiça de uma pessoa?

AS MULHERES DEBAIXO DA CAMA

Toda noite era a mesma coisa, eu deitava na cama e sentia aquele cheiro horrendo, carne em putrefação, o doce aroma da morte. As batidas que vinham do chão chacoalhavam minha cama freneticamente, elas ainda estavam lá, todas elas e seus pútridos e asquerosos corpos. Matei-as quando eram belas e sedutoras, violei seus imaculados corpos e dilacerei a santa carne humana, em êxtase cruel me transformei na deidade delas. Dominei-as e acabei com suas vidas, banhei-me em seus rubros fluídos corpóreos.

Enquanto elas gritavam de dor, eu gritava de prazer, penetrando em todos os recantos corpóreos e rompendo a santidade intocável daquelas freiras. Mas agora elas querem mais, elas retornam do túmulo coletivo abaixo da minha cama. Seus corpos decompostos e esfaçalhados se uniram numa única forma grotesca.

Esta criatura que tenta escapar do submundo de minha cama, inúmeros corpos femininos costurados que formam um único ser. Elas me querem, elas querem a sua deidade. Eu que era padre, para a visão deste monstro virei deus, agora minha criação retorna da morte para a vida, elas querem mais. Elas procuram seu criador e querem a paixão carnal deste sacerdote.

Quanto tempo o chão ainda irá aguentar? As batidas ficam cada vez mais fortes, ouço os gemidos emanados pelas bocas

disformes dos cadáveres. A madeira do assoalho começa a estourar e dedos marrom-esverdeados, alguns secos e outros viscosos, começam a aparecer por entre as frestas. Minhas criaturas se aproximam, Se deus existisse, como ele se sentiria perto de suas criações? Sentiria ele o nojo que agora eu sinto da minha criação. Elas querem amor, mas tenho repúdio de me aproximar destes seres inferiores. Elas querem felicidade, mas não posso descer de minha cama.

Um buraco grande se formou no chão, vejo o brilho dos olhos de todas as freiras mortas. Apesar de seus rostos disformes ainda as reconheço, lembro do prazer ofertado por cada uma delas, do desespero e da felicidade em seus rostos, dos sorrisos e das lágrimas. Elas deveriam estar felizes neste momento, pois morreram e tiveram a oportunidade de encontrar o todo poderoso. As pessoas religiosas deveriam estar matando umas as outras ou poderiam se deixar levar pelas doenças, afinal, os males são desígnios divinos para que seus fiéis encontrem deus mais cedo, assim eles justificam. Assim sendo, eles poderiam apenas seguir a maré esperando pelo dia do arrebatamento, o dia de suas mortes e o encontro com deus. Uma seleção natural que tornaria o mundo um lugar mais agradável.

A criatura de corpos costurados começa a sair do seu túmulo, vejo todos os corpos diante de mim. Elas se contorcem, gritam e gemem, diante de seu criador. Seria assim a forma como as pessoas se comportariam diante de deus caso ele existisse? As pessoas se humilhariam para conseguir algum bem material ou alguns minutos a

mais de vida, pois deus então se enojaria de sua criação, da fraqueza patética que as pessoas possuem diante das forças do mundo. Eu também me enoja da estupidez de minha criação, eu deveria ter costurado-as ao teto, criando assim esculturas realistas para minha capela.

Elas me criaram, com seus desejos carnavais me instigaram a buscá-las, no momento, elas retornam para me matar. Como toda divindade, fui criado pelos humanos para após ser morto por eles. Os homens criaram deus apenas para dizerem que deus os criou. Esta hipótese de origem não é mais necessária e os contos de fadas podem ficar no passado, na forma de uma lembrança, para que não venhamos a repetir nossos piores erros.

Meu tempo se esvai, a criatura sobe sobre minha cama, suas bocas se viram em minha direção, aqueles corpos em putrefação começam a me lambe e a se esfregar em mim, o horror toma conta da minha mente. Mordidas contra meu corpo, cada vez mais fortes, elas me seguram e agora em devoram. Se um humano morto como um humano vivo isso é antropofagia? Estou sendo devorado, num beijo asqueroso meus lábios foram arrancados, sinto a pressão de dentes contra meus pescoço...

PASSATEMPO

A vida, essa vida, tão rotineira e fatigante. Todos os dias possuem sempre a mesma rotina. Todos os dias você faz a mesma coisa, de casa para o trabalho e do trabalho para casa. Apenas um trabalho braçal, para distrair a tua mente e cansar o teu corpo. Trabalho tão mecanicista que você faz sem pensar, permitindo a você longos momentos de devaneios. Nestes momentos, você sempre ansiava por estar em casa continuando seus *hobbies*. Estes eram os acontecimentos do dia que mais lhe traziam felicidade.

...

Toda noite em sua casa, você sempre se dirigia até sua sala. Local que para você era um pequeno reino, local em que não havia rotina, apenas a criatividade constante. Pois ao extremo, toda insanidade se torna criatividade. Assim como nas massas tomadas pelo analfabetismo científico toda desgraça vira arte. A tua sala, este é local em que você trazia as suas vítimas. Eu bem sei que você é uma pessoa que gosta de se divertir de forma diferente.

...

Mas aquela noite em especial, a pessoa escolhida, pobre vítima, sua chefe que tanto te redimia, aquela apreciadora da poligamia. Mal sabia ela o mal que a esperava. Pois tu não gostas de poligamia, tu és uma pessoa que aprecia e defende a monogamia. Tu tens raiva dos polígamos que fazem os monógamos sofrerem em paixões frustradas. Tu queres um mundo melhor e uma mulher promíscua a menos não resolverá os problemas do mundo. Porém, devemos agir localmente pensando globalmente, assim dizem alguns ambientalistas. E tudo que tu desejas é um mundo livre de sofrimento originado por traições.

...

Tu convidaste ela para aquele jantar de negócios, mas o negócio esquentou, e o que parecia com jogos sexuais, logo se transformaram em violentos jogos sádicos. Até o Marquês de Sade sorriu em seu túmulo, orgulhoso do pupilo que tu és, orgulhoso das libertinagens que tu fizeste quando ninguém te observava.

...

Você amarrou sua vítima na cama e a amordaçou. Nua em sua cama, ela não conseguia se mover e nem mesmo falar. Produzia apenas baixos murmúrios. Você se aproxima dela e traz consigo um bastão de metal com a ponta extremamente aquecida, os olhos de sua

vítima se arregalam, ela tenta gritar e se soltar. Tudo que consegue é prejudicar a situação. O que foi que você fez?

Você inseriu o bastão fervente no ânus dela, arrebetando com o esfíncter anal, rompendo as paredes do ânus e do reto, ao mesmo tempo em que cauteriza, evitando o sangramento. A sua vítima se curva, erguendo o ventre e o abdômen, para então se abaixar sobre o bastão novamente, repetindo o ato de penetração e cauterização. Suas palavras quais foram? Sim, você ainda se lembra. Repita-as em sua mente.

- Vê, sua vadia, eis a punição para pessoas de sua laia. Lacrar os orifícios de teu corpo parece ser a única solução para que tu pares de atormentar em tentações aqueles que não podem possuir-te. Tu se apresentas como uma mulher religiosa, falas que deus está do teu lado e que tu só fazes o bem. Tu afirmas que és obediente a deus e que teme o inferno, porém se fazes o bem somente por temor do inferno e por temor de deus, então tu és corrupta. Pois só fazes o bem em troca de benefícios. Ah! Mas bem sei que quando tu se esqueces de olhar para teu crucifixo logo se torna uma prostituta gratuita. Tu se autoproclamas religiosa, queres ser a pura filha de deus. Não te esqueças que deus engravidou Maria sem o consentimento dela, ou seja, estuprou-a! Veja quanta hipocrisia nestas histórias!

Tu se entregas até mesmo ao padre! Ah! Bastarda! Tu dizes que fazes o bem, na verdade só trazes desgraça! Ficaste tu com teu

cônjuge que lhe é fiel? Não, tu querias provar de tudo. Aqui tens outro sabor para teu paladar sexual!

Dizendo isso você inseriu uma seringa com ácido na vagina da mulher e liberou o conteúdo, que alcançou até o colo do útero, queimando e lacerando toda a cavidade geradora da vida. Mal sabia você que dentro daquele útero havia um embrião, uma pequena e inocente criança, que agora irá se desenvolver e morrer, lacrada dentro de sua própria mãe. Para então apodrecer dentro dela.

Tuas palavras irradiam pelos ares novamente.

- A sociedade cria seus deuses e cria seus monstros. O coletivo exclui o individual, separado do rebanho a ovelha desgarrada não se perde, se transforma em lobo. Por que rezas para teu deus inexistente? Eu sou o bisturi do cirurgião, retiro os cânceres da sociedade, para curar o mundo de males como você!

Você então senta sobre o corpo da vítima e queima seus ouvidos com ferro quente.

- A égua que não ouve, segue de forma obediente o líder que lhe acorrenta. Você teve ouvidos, entretanto, nada aprendeste com eles, apenas ouvia a vida alheia. Pois mais lhe interessa a vida dos outros do que a tua própria. Deixe que os outros vivam à maneira deles, e tu! Viva do teu jeito, mas sem prejudicar os demais. Tu não foste capaz disso, com tua boca envenenada e tua língua asquerosa, tu insuflou casais a se separarem, trouxe desgraças para famílias, trouxe tristeza e discórdia. Que fique anotado no ano um desta nova era, eu teu deus, presente em carne e osso, ordeno que aquele que

traz a traição para o cônjuge deve ser julgado e punido. Vê que maravilha?

Tu és uma das primeiras pessoas a serem julgadas nesta nova ordem. Neste raiar de uma nova luz, apesar de eu não ser prole do Sol! Porém o tempo passa, escorre, flui e escapa... Veja que horas já são! Viajamos noite adentro em nossa plena diversão! Precisamos limpar tua boca imunda, nada melhor que um gole de chá, estamos atrasados, sempre atrasados, o tempo está nos perseguindo o tempo todo, temos que atingir nossas metas na vida antes que o tempo, esse maldito tempo, nos devore por completo! Um chá, sim, é hora do chá! Percebeu que falo com redundância? Viu toda essa repetição desnecessária de palavras? Palavra por palavra, frase após frase? É para o melhor aproveitamento de cada letra minuciosamente pronunciada antes que o tempo chegue ao seu fim. Voltemos ao chá, não sou um chapeleiro maluco, doido pelo chá, apenas quero limpar tua boca.

Dizendo isso você saiu de perto da vítima e foi até sua cozinha, colocou a água para esquentar, deixou-a entrar em ponto de ebulição. Quando isso ocorreu você retornou para o quarto carregando em suas mãos algumas folhas de urtiga e a chaleira de água fervente. Você liberou a boca da vítima de suas amarras, limpou-a, enxugou o rosto imerso em lágrimas. Você bem sabe que ela logo poderia desmaiar e para tanto aplicou nela uma injeção de adrenalina que conseguiu por meios obscuros em um hospital. Abruptamente usando as mãos você abre a boca dela deslocando a

mandíbula do resto do crânio, separando-a de seu suporte ósseos, deixando-a suspensa apenas pelos músculos, pele, nervos e tendões. Inseriu as folhas de urtiga na boca da vítima. Ela tenta gritar palavras desconexas.

- Veja querida! O chá para lavar tuas palavras, através delas limparemos teu caráter!

Dizendo isso você pega a chaleira de água fervente e despeja a água dentro da boca dela.

- Ah! Que doce sabor esse chá lhe traz!

A mucosa da boca da vítima começa a se desprender mostrando a carne viva e pulsante da boca desfigurada. Ela vomita o jantar, por vezes quase se afogando. Pedacos de carne e salada parcialmente digeridos escorrem da boca dela. Jatoss quentes de conteúdo estomacal formam um chafariz com restos alimentares, infectando o ambiente com um cheiro azedo e causador de repulsas. Você se abaixa sobre a vítima e lava o teu rosto nos jatos de vômito, logo degustando esse prato exótico tão apreciado por cachorros.

- Tu regurgitas ao mundo o resto de vida que ainda resta em teu corpo, não podendo mais contê-lo dentro de si. Conseguimos tirar o mal que habitava em você. É preciso mais! É preciso purificar através do fogo e te esquentar, proteger-te para que não seja novamente contaminada.

Dizendo isso você novamente se afastou da vítima. Retornando com uma garrafa cheia de álcool e um isqueiro. Despejou o álcool sobre o corpo feminino que agora se encontrava

todo lacerado e acendeu o isqueiro, fazendo um pequeno incêndio sobre o corpo.

- O fogo nos purifica com a dor! E eis que a dor nos fortalece!

A vítima gritava em grunhidos desesperados fixa em sua cama, o cheiro de carne assada se espalhava agradavelmente pelo ar.

- A carne que tu provou esta noite era da minha prisioneira anterior e agora que tua carne também está purificada, servirá para alimentar uma próxima pessoa. Uma a uma, vou tornando o mundo melhor. De semente em semente, vou criando minha floresta. Para garantir a existência de um futuro mais digno e honesto. Agora queime, queime e morra!

DO VENTRE

Por inúmeras vezes no mundo, futuras mães não aceitam a ideia de que serão mães. Resolvem desistir de carregar o filho em sua barriga, querem se livrar do fardo. O tempo passa e as coisas mudam. Tudo se transforma.

...

O ambiente era escuro, nenhuma claridade naquele pequeno receptáculo. Um tanque imundo e cheio de alguma substância líquida, aquele cordão fixo no meio de sua barriga que tanto o incomodava. A temperatura era constante, o alimento era farto, apesar de ele nunca sentir o sabor de qualquer comida, e ainda tinha aquele barulho constante, um batuque sincronizado que por vezes era lento e por vezes rápido. Ele estava cansado daquela rotina, já faziam oito talvez nove meses que estava nesta situação. O receptáculo parecia cada vez menor, ele queria mudar sua vida. Ele não era normal e sabia disso. Suas unhas já estavam grandes e seus dentes nasceram antes do tempo certo.

Aquelas vozes que vinham de algum lugar distante, falavam sempre as mesmas coisas, sobre se livrar de alguma deformidade na barriga, sobre deixar de ser mãe. Ele nada entendia sobre aquilo, apenas sentia uma fome que crescia a cada dia, tinha o desejo de sentir o sabor dos alimentos. Tornar-se livre, descobrir o real

significado da palavra luz e fazer sua pequena e voraz mandíbula funcionar.

Ele não tinha nenhum passado para o qual voltar e nem mesmo do que se lembrar, mas queria ter um futuro, uma pequena criatura que desejava vagar pelo mundo e saciar sua fome. Não possuía culpa de sua existência, pois havia sido injetado no interior de seu receptáculo ou seu vaso carnal de desenvolvimento. Ele sentia que a sua “mãe” queria extraí-lo daquele recinto, mas não para a vida e sim para o fim, para a morte. Para que ele continuasse na escuridão eterna, que voltasse para o lugar de onde todos nós viemos, voltasse para o nada.

Este pequeno ser vivente era como uma vespa da família Ichneumonidae, tinha uma missão a cumprir e sua fome crescia cada vez mais. Seus dentes retorcidos e deformados desejavam ser usados, esse era seu atual objetivo de vida. Você possui um objetivo de vida? Bom, este pequeno bebê deformado encontrou o objetivo dele. Matar ou morrer. Briga de família, dizem que é bom não se meter.

...

A pequena deformidade grotesca acordou cedo, apesar de ele nunca ter adquirido a noção de tempo, nunca viu um relógio e nem um ciclo de rotação terrestre. Mas assim foi. Seu receptáculo estava na horizontal, ele sentia que substâncias estranhas estavam na corrente sanguínea da mãe. Não tardou para que seu receptáculo começasse a ser acertado com pancadas violentas. Aquilo o irritava,

esses ataques violentos estavam se tornando cada vez mais constantes. Ele precisava dar um fim a esta situação e ainda precisava aliviar a fome constante e esse era o dia para dizer basta.

Com suas pequenas mãozinhas de bebê acariciou a placenta que o rodeava, o que fez as pancadas pararem. Já diziam que a mão que afaga é a mesma que apedreja. Ele direcionou seu rosto até a placenta, lambeu-a. Este acontecimento causou cócegas na mãe. Após, ele arreganhou seus dentes deformados em um sorriso horroroso para os conceitos dos que vivem no mundo pós-parto, ele é claro, não possuía conceitos formados, não havia sido poluído com todas as ideologias e crendices ridículas que existem no mundo. Ideias, frutos da imaginação, e os humanos matam uns aos outros constantemente por tais sonhos infantis.

Do sorriso veio a mordida voraz, cravando os dentes na placenta e nas paredes uterinas dilatadas. Um grito terrível foi emanado pela mãe. O receptáculo agitou-se, a criança descobriu o doce sentimento que move o mundo, causar dor aos outros, eis a essência humana! E ele viu que era bom. Se ele pudesse enxergar veria o líquido que o envolvia tornando-se vermelho, ele apenas sentiu, finalmente, o sabor! Sentiu o sabor adocicado de sangue e carne crua. Carne humana a mais valiosa das iguarias culinárias. Mais e mais, era isso que ele queria, era isso que ele precisava. Como um viciado ele possuía o desejo interior de sentir aquele sabor e aquela consistência novamente. Ele queria nadar naquele fluído

pulsante, ter seu corpo banhado por este doce sabor que sempre esteve cercando-o.

Ele cravou suas unhas nas paredes uterinas, arranhando o ventre que o carregava. Mordeu e mordeu. Rompeu as paredes do ventre e um novo mundo se abriu para ele, o sabor era levemente azedo, apesar de ele nunca ter aprendido as palavras para definir os sabores, apenas queria tudo que era novo. Este admirável mundo novo, do ventre para a cavidade abdominal. Intestinos o cercavam, tripas para os vocabulários mais simples, ele se divertia com aqueles cordões carnis recheados de conteúdo pútrido. Uma criança que descobria as belezas de seu próprio mundo, que como tantas pessoas rolam nas fezes sociais e acham que ascenderam aos céus.

A mãe gritava desesperada rolando em sua cama, sem saber como acabar com aquela dor, sem saber como se livrar do pequeno parasita que a devorava de dentro para fora. Arranhava a pele da barriga tentando rompê-la para liberar a progênie maldita que se alimentava dela.

A criança deformada, primogênito indesejado, prole acidental, fruto do estupro, ouvia agora aquelas batidas rítmicas que tanto o acompanharam, o pulsar acelerado do coração. Ele colocou suas pequenas mãos ao redor daquele órgão. A vida humana é tão sensível, pode ser facilmente destruída, qualquer erro é o bastante. Somente quando estamos perto da morte aprendemos a valorizar nossas vidas, geralmente nos momentos em que percebemos que não poderemos mais viver por muito tempo.

A criança desceu novamente para o abdômen, a mãe morrendo lentamente parou de arranhar a barriga e acariciava-a lentamente. O filho sentiu um sentimento novo que ele nunca havia tido, arrependimento. Um ato grotesco ainda precisava ser realizado. Mordeu e rasgou a musculatura abdominal da mãe para que pudesse escapar daquele recinto e viu a luz. Pela primeira vez em sua vida, viu a luz do dia.

Escapava de dentro do corpo materno, ela estava deitada na cama, um pequeno quarto de aspecto horrível e deplorável com paredes deterioradas pelo tempo e pela umidade, mas que para a criança pareceram belos. A mãe ergueu as mãos e quando ele achou que seria acertado com algum golpe, teve seu rosto acariciado. A mãe, quase sem forças, retirou-o de dentro de seu abdômen dilacerado e o trouxe para junto de seu peito, sujando a pele nua com sangue.

A criança olhou para a mãe, uma lágrima escorreu de seu único olho. Sua mãe era como ele, assim ele sentiu, pois nunca tinha visto a própria face. Ela era deformada como ele e não queria que o filho passasse por todos os sofrimentos que ela teve em vida, pois a morte parecia mais doce. A mãe então colocou a criança ao lado de seu rosto, ambos se olharam ternamente, ela estava quase morta e suas primeiras palavras para o filho foram.

- Eu te amo, meu querido. Por favor, me perdoe.

Beijou o rosto deformado do filho, acolheu-o com um doce abraço, fechou os olhos e morreu. Um choro de criança ecoou pelos

ares. Um grito de inocência, a inocência da humanidade que ainda perde tempo brigando e guerreando por palavras interpretadas de forma errônea.

DESCENDÊNCIA DIVINA

- Pois o Senhor disse que deveríamos nos multiplicar e deveríamos nos espalhar pela superfície da terra! Mas como manter uma linhagem pura sobre a terra se existem tantos outros para competirem com a minha prole? Me diga, como eu poderia seguir as ordens de deus?

A mãe ajoelhada abraçada ao seu filho chorava desesperadamente sem saber como responder as perguntas daquele homem. O pequeno menino chorava segurando-se em sua mãe o mais forte possível, nem mesmo na sala de sua casa eles tinham a proteção que sempre imaginaram. O pai da família estava trabalhando até mais tarde, preocupado em ter mais dinheiro, esqueceu-se de estar presente junto de sua família. Cães e cadeados não protegem uma residência quando o criminoso é convidado a entrar.

- Por quê? – indagou a mãe – Por que, padre?

- E eu vou lá saber o motivo? Quem sou eu para questionar os desígnios de deus? Não tenho poder para sondar a mente de Jeová! Esse é o mistério do universo! Não te esqueças que eu estou mais próximo de deus do que vós. Ele me ordenou manter minha linhagem, se os servos de deus que foram salvos em Sodoma e Gomorra puderam praticar incesto para manterem pura sua linhagem, por que eu também não posso fazer atrocidades semelhantes? Veja, minha

filha, que eu lhe faço uma ótima oferta, liberto teu filho das impurezas da carne e ainda lhe dou um filho de linhagem pura! Além do mais, deus sabe o que eu estou fazendo, ele é onisciente, ele sabe sobre tudo, assim afirmamos nós, fiéis servos de deus. Ele está aqui nesse momento, ele é onipresente, ou seja, está em todos os lugares, por que te preocupas então? Toda pessoa religiosa sabe que deus é onipotente, ou seja, ele pode tudo. Se ele está aqui e acha que meus atos são malévolos já teria me impedido de continuar.

- Livre... livre-arbítrio.

- Ah! Sim! Tu me falas em livre-arbítrio. Certo. Deus não impede o mal de ocorrer, pois temos livre-arbítrio. Então o sofrimento e a morte de crianças é um preço justo a se pagar por tal liberdade, não acha? Deus, que pode tudo, não quebra nosso livre-arbítrio nem mesmo para evitar o sofrimento. Porque eu supostamente serei punido após a minha morte. Mas é aí que você se engana! Eu como sou padre estou sempre rezando e aceito deus em meu coração, portanto, não importa quanto mal eu cause, desde que no dia do juízo final eu me arrependa de meus atos tudo ficará bem, pois deus é perdão, deus é fiel e há de perdoar todos os meus crimes. Pois tais mortes e castrações se justificam perante a lei de deus, que me diz para manter uma linhagem pura. Sim! Ele me disse isso em oração! Agora, por favor, vamos prosseguir com isto. Não é nada que seu marido e você já não tenham feito nos touros de sua fazenda.

Dizendo isso o padre se aproximou da mulher com um fio ligado a uma tomada e com a ponta desencapada aplicou-lhe um

choque forçando-a a largar seu filho. Com uma mão ele segurou o menino de cinco anos pelo pescoço e com a outra aplicou inúmeros choques na mulher, debilitando-a a ponto de ela não conseguir levantar-se, deixando-a como uma espectadora imóvel apenas assistindo a cena. Espetáculo circense comandado pela divindade. O padre então deitou o menino no chão, espancou-o para que ficasse calado, retirou de sua maleta uma pequena tesoura de podar galhos de árvores. A mãe debilitada via a cena sem nada poder fazer. O padre despiu o menino, segurou o saco escrotal dele e com a tesoura castrou rapidamente o menino que acabou por soltar um grito e desmaiou com a dor.

Após, o padre suturou o corte, pegou um dos testículos do garoto, foi até a mãe que havia entrado em estado de choque, colocou o testículo na boca dela.

- Corpo de Cristo.

A mulher engoliu o órgão, o mesmo foi feito ao menino. A mãe do garoto estava estática, paralisada de horror. O padre fez ela deitar com o ventre para cima. Se ajoelhou ao lado dela, juntou as mãos e começou a rezar.

- Ó deus, se estou aqui hoje é apenas por tua vontade, pois tu criaste o universo e tudo que ele contém, e tu controlas o mundo, afinal é por isso que te chamamos de deus. – dizendo isso o padre despiu a mulher e fornicou com ela, para que ela passasse a carregar um filho seu.

Estava feito, a ordem divina havia sido realizada. O padre reuniu seus pertences e saiu de casa, deixando para trás seu rastro de purificação. Ainda existem muitas crianças no mundo e mais mulheres ainda, a voz de deus continua a ecoar na mente dele, a missão ainda não chegou ao fim. Orfanatos ainda devem ser destruídos, crianças precisam devem ser castradas e mulheres estupradas. Não existe linha divisória entre o bem e o mal, para aqueles que seguem suas convicções mais profundas, eles sempre estão além do bem e do mal, imersos em uma realidade fantasiosa, na qual eles definem os conceitos e as situações em que o bem é bem e o mal é mal. Pois em cada mente estas palavras possuem um significado diferente.

INFERNO

O banquete era a farto e a carne era servida a vontade, aquele líquido vermelho escorria dos jarros e era despejado de copo em copo. Pessoas e mais pessoas circulavam andando nuas, enquanto fogueiras gigantescas por todos os lados iluminavam a noite e esquentavam a multidão. Em cada fogueira as pessoas buscavam seu alimento, aquela carne dourada e bem assada. Pelo chão havia pequenos córregos aonde os jarros de barro eram inundados com aquele líquido vermelho.

Não muito distante, no alto de um pequeno monte, corpos humanos com asas de aves despencavam dos céus e colidiam com inúmeras lâminas postas no chão, seus corpos triturados flutuavam pelos rios de sangue rumo a multidão festiva. Ali a carne era posta para assar e o sangue era degustado. Preciosa safra celeste.

- Não discutamos os sexos dos anjos! – ouvia-se algum gritar na multidão em meio as gargalhadas.

- Sim, não discutamos tal assunto, mas sim o seu sabor! – e mais uma onda de risos espalhava-se pela multidão. – Devoramos nossos semelhantes! Mate para não morrer, ou viva e deixe viver? Se nós somos o que comemos, nós comendo anjos, nos tornaremos anjos? Para depois sermos devorados por antigos irmãos? E a humanidade, de quem se alimentado? De hóstias? E o que são hóstias, farinha e água? Diluem-se perante a menor acidez salivar, somem

diante da fome que domina a sociedade. Se somos o que comemos, não tardará para que a sociedade se dissolva feito hóstia. Desaparecendo em meio a acidez e ao rebuliço causado por inúmeras contrações gástricas, para então ser eliminada do mundo, restando apenas excrementos. Assim a humanidade terá sua utilidade, será o adubo, a base para a posteridade. O que haverá após a humanidade? Eu não sei. O que nasce em meio a excrementos?

- Tu ficas a nos importunar. – gritou outro na multidão – Temos carne em fartura, o dia de hoje não é para pensar apenas para aproveitar. Não posso te dar todas as respostas, assim como não posso te ensinar a viver, se eu te digo que a vida é para ser aproveitada, tu logo imaginas que é apenas para festa e bebedeiras. Pois fomos criados numa sociedade que vê a embriaguez e promiscuidade como grandes proveitos, enquanto não passam de perda de tempo. Se vivemos efetivamente numa sociedade, então cada ser deve ter seu papel, cada indivíduo é uma peça fundamental para o funcionamento de todo, assim sendo, aproveitar a vida é fazer algo de útil para o engrandecimento de todos. Mesmo o mais solitário e individualista dos indivíduos sempre acaba ajudando as grandes massas, pois até o individualista cria conhecimentos que se tornam úteis para toda sociedade. Hoje aproveitamos essa carne que nos alimenta, não pensamos no amanhã, minha mente está cansada de tudo, só posso comer e comer. Tudo devemos deglutir, tudo devemos digerir e o máximo de coisas úteis absorver.

- Mas por que caem tantos anjos do céu?

- Pois não há nenhuma divindade para ampará-los, a divindade morreu há muito tempo, agora somente aqueles que mantêm os pés em terra conseguem manter a razão. Os que querem ser cordeiros alados desejam estar acima dos outros, como não encontram divindade alguma, logo desejam eles mesmos serem deuses. Pois se quiseram ser anjos, por que não subir um patamar a mais? E matam-se uns aos outros discutindo os sexos dos deuses e as múltiplas interpretações de livros antigos.

- Se os anjos são apenas o aperitivo, o prato de entrada, as tolas inocências dos humanos sonhadores. Se devoramos as ilusões alada que nos fazem manter a cabeça nas nuvens e a bela realidade esquecida. Quando há de chegar o prato principal?

- Se fomos convidados para um banquete de necrofagia, como podemos passar nosso tempo com essa semi-antropofagia?

- O banquete ainda há de demorar um pouco. É que a Humanidade, aquele pequeno bebê, ainda não morreu por completo. Apesar de já estar apodrecendo, permanece viva. É que a corda da força chamada Esperança ainda não envolveu por completo o pescoço da criança, basta ela crescer rápido demais e de forma deformada, para que o corda fique bem apertada em seu pescoço. E quando ela tropeçar em seus próprios erros, a Esperança vai destruí-la por completo.

No alto do monte, os anjos continuavam a morrer. Naquele lindo lugar onde os anjos mortos permanecem, a criança chorava

com o frio, sendo cada vez mais sufocada, resvalando em seus próprios erros, causando a própria deterioração.

A SALSICHA, O MILHO E A MORTE

Acordou com uma tremenda dor de cabeça, um gosto horrendo em sua boca, um pedaço de casca de milho ainda presa entre os dentes, havia dormido no chão da cozinha e nem mesmo se lembrava desse acontecimento. Sentou-se no chão, estava nu, tal como veio ao mundo. Porém sua pele estava suja, coberta com uma estranha e fétida substância marrom, algumas partes com um líquido vermelho. Um longo verme esbranquiçado nadava para sobreviver em meio àquelas duas substâncias. Levantou-se, no fraco reflexo que se formava no vidro da janela da cozinha, conseguiu ver que sua boca estava toda suja com aquela substância marrom. E vomitou, pois começava a se lembrar de tudo. Vomitou no chão da cozinha e logo caiu sobre os próprios joelhos. Enquanto seu esôfago era queimado pelo ácido estomacal diluído que lhe escapava pela boca e lágrimas lhe vertiam dos olhos com o ardor.

...

Na noite anterior tudo estava tranquilo. Ele tinha convidado ela para jantar em sua casa, apenas um cachorro-quente, molho vermelho com bastante cebola e milho para acompanhar. Prepararam juntos a refeição, o lindo casal de pombinhos que preparavam juntos seu alimento. Sentaram-se a mesa e começaram a comer. Discutiram

Nietzsche, Popper, Sagan e Schopenhauer. Mas todo alimento chega ao seu fim.

Havia ainda na panela apenas uma salsicha e uma porção de grãos de milho imersos no molho acebolado. Ambas as duas pessoas presentes na cozinha ainda estavam tomadas de fome e os dois tentaram se apossar da última salsicha ao mesmo tempo. Quando possuído de fome todo humano passa a ser dominado pelo egoísmo adormecido de nosso caráter.

Ele e ela se entreolharam. Não era amor que havia em seus olhos, e sim, o mais puro sentimento humano, o sentimento que pulsa constantemente nas profundezas neurais de nossos pútridos encéfalos. Era o egoísmo que brilhava e reluzia em seus olhos, querendo se tornar livre e dominar aqueles corpos, extinguindo qualquer resquício de moralidade que pudesse existir na mente daqueles macacos pelados. Pois bem sabemos que toda pessoa não passa de um símio com poucos pelos.

Cada um fisgou a salsicha com seu garfo, e puxou para seu próprio lado. Despedaçaram o estranho pedaço de carne rosada. Novamente se encararam. Urraram uma para o outro como dois animais famélicos.

- Sou mulher – disse ela - Seja um bom cavalheiro e me deixe ficar com a última salsicha.

Houve mais um momento de tensão entre os dois, tempo para que a razão dominasse o egoísmo, ou, tempo para que o egoísmo planejasse alguma de suas artimanhas. Tomado pelo

feminismo radical que por vezes não prega a igualdade entre os sexos e sim a dominação feminina sobre os homens, ele acabou por entregar a última e tão preciosa salsicha para a sua companheira.

Ela pegou um pedaço de pão, colocou a salsicha arrebitada sobre ele, despejou o resto de molho com cebola e milho. Devorou o cachorro-quente de forma violenta, fazendo molho vermelho sujar sua camiseta. Incitava a delícia da alimentação para deixar ele com mais vontade de possuir a valiosa salsicha. Ela terminou de comer.

Após comer lambeu seus dedos e soltou um grotesco arroto.

Mas o cavalheirismo dele não demorou a ser tomado pelo egoísmo humano, ele queria voltar atrás, queria mudar sua escolha. Queria mudar o passado e usufruir seu livre-arbítrio. Ele tinha liberdade de escolha e faria uso dela, mesmo que as consequências estivessem num ponto fora do alcance legislativo e além da compreensão das mentes comuns.

Ele levantou-se e foi até a gaveta da pia, pegou uma faca. Voltou-se para ela, que estava sentada de costas para ele. Andou até ela, pegou-a pelo pescoço. Obrigou-a a deitar-se sobre a mesa.

- Chegou a hora querida! Direitos iguais para todos, esqueceu-se do que as feministas proclamaram? A salsicha não pertence apenas a você! Ela é minha também e aqueles milhos, espero que eles ainda estejam inteiros em seus intestinos. Agora é hora de fazer a partilha do pão, nesta Santa Ceia que partilhamos. – ela começava a sufocar com a pressão da mão dele em sua garganta.

Cravou a faca na barriga da mulher, logo abaixo do osso esterno e direcionou o corte até o umbigo dela. Ela desmaiou com a dor e não via a própria morte, pobre moça, perdeu a felicidade de ver a própria morte, o momento mais caloroso, único e especial de nossas vidas mundanas! O momento em que deixamos de ter qualquer preocupação. Abriu o abdômen dela em duas metades, dois bifés suculentos que pendiam para cada lado do corpo feminino, revelando toda a beleza interior que havia nela.

E lá estava! O estômago e os intestinos! Ele puxou para fora aqueles órgãos quentes recheados de farto alimento. Com fortes dentadas rasgou aqueles tecidos, chacoalhou pelos ares o conteúdo deles até que encontrou. Ainda estavam ali, os pedaços mastigados de salsicha e os grãos de milho. Pegou seu alimento e ingeriu-os. Sujando-se com toda imundície humana. Saciando seu egoísmo e proclamando seu livre arbítrio.

PARTE II

PURGATORIUM

PURGATORIUM I: O SUICÍDIO

"O suicídio é a grande questão filosófica de nosso tempo, decidir se a vida merece ou não ser vivida é responder a uma pergunta fundamental da filosofia".

Albert Camus

Aqui eu estou, apenas esperando as duas damas que devem chegar a qualquer momento. A Vida, com todas as lembranças. E, a Morte, com a solução final. Difícil é a escolha, qual das duas é mais bela? A decisão só depende do Tempo, pois ele conhece todas as respostas. Maldito livre-arbítrio ilusório.

Qual a melhor maneira de se matar? Suicídio é uma escapatória? É o remédio que alivia o sofrimento deste corpo. Pensei e pensei, percebi que esta será a melhor solução. De enfim, destruir toda a minha emoção. Muitos afirmam que ninguém deve se matar por outra pessoa. Ou, que quem se mata é covarde. Tolos fazem tais afirmações. Afirmação de pessoas que nunca amaram. Portanto, também nunca se alarmaram. A vida é o bem mais precioso que temos. Por ele nos mantemos.

É uma única oportunidade de você fazer tudo que se tem vontade. Faça e diga tudo que é necessário, pois você não terá outra oportunidade. Não difame o suicida, ele tem seu direito de morrer quando quiser. Independente das escolhas que fizer. É necessário ter muita coragem ou insanidade para dar fim à própria vida. Ou basta ter uma doce paixão destruída.

Eu deveria pular de um prédio? Jogar-me na frente de um carro? Sufocar-me? Afogar-me? Estourar a minha cabeça? Qual a melhor opção? Escolhas e mais escolhas, até perto da morte temos que fazer escolhas. No último segundo o suicida ainda tem que escolher entre a vida e a morte. Veja quem chegou? A Morte e a Vida! Sentem-se ao meu lado. Eu falava justamente de vocês duas. As duas damas que tanto nos acompanham nas reviravoltas cíclicas de nossos percursos através deste mundo.

Que presente você trouxe para mim, Morte? Oh! Veja que lindo! Uma seringa com agulha e querosene para acompanhar. Conseguirei injetar tal substância no meu encéfalo através do *foramen magnum*? Pode ser complicado, mas agradeço seu presente, Morte querida. E você, Vida, tem algo para mim? Uma caixa? Sim, uma caixa cheia de lembranças, afinal você não é tão bondosa como dizem, gostas de ver um pouco de sofrimento, não? Vale a pena viver pela felicidade do passado? Se tal sentimento não se faz presente atualmente. Qual de vocês duas eu devo escolher? Qual de vocês duas poderá me satisfazer?

Talvez eu seja apenas mais um fraco, lutando por seus sonhos utópicos. O que eu posso fazer? Se a visão dela ainda se desloca em minha memória. Eu lembro do manto de sua glória. Como eu queria suportar a eterna solidão. Solidão na qual eu vivia e com esta eu convivía tranqüilamente. Ao menos assim parecia, por ser o estado normal com o qual eu passei a vida toda. Não, aquilo não era vida.

Mas com a presença dela este hábito mudou. Com ela não havia mais solidão, eu não estava sozinho. Nem fisicamente e nem mentalmente, mesmo estando longe parecia que eu nunca estava sozinho. Sempre havia a lembrança do rosto dela, daquele olhar iluminado. Como eu gosto de ficar olhando para ela. Lembranças que me trazem sorrisos e lágrimas. Então o sonho se desfez, um belo dia você acorda e tudo terminou. Terminou? Preferia que a morte tivesse me encontrado. Arrebatado meu corpo, arrancado minha coluna vertebral comigo ainda vivo. Para que assim eu ficasse tentando me contorcer de dor. Imagine o movimento corpóreo gerado por um corpo que teve seus ossos arrancados!

Nesta vida, quantas tentativas são necessárias para algo dar certo? Nossa única vida! Que deveria ser tão bem aproveitada. Muito melhor seria na companhia de pessoa tão adorada. Com ela parecia que eu tinha encontrado um objetivo maior pelo qual continuar essa vida. Agora nada mais faz sentido. Os objetivos parecem ridículos se não puderem ser compartilhados com ela. Para ela, eu me autodeclarei senhor do universo. E entreguei minha posse, o universo, para ela. Não tenho a presença de mais ninguém. Nem dela e nem do universo. Somente às vezes eu ainda rimo algum verso. E estes em geral falam da morte.

Olhando a caixa de lembranças que a Vida me trouxe. Lembro-me de alguns pensamentos do passado. É Vida, acho que você também quer que eu permaneça com a Morte. Queres que eu volte a buscar o objetivo que eu tinha antes de conhecer ela?

Lembro-me de alguns pensamentos que se passavam em minha mente antes de conhecer ela. Assim eu pensava: “passarei para o papel todas as minhas ideias e pensamentos, publicarei meus livros, após, minha vida estará finalizada. Poderei morrer e quem quiser me conhecer poderá consultar meus escritos. Meu corpo já terá se decomposto”.

Não quero a atenção dos outros, não quero o amor e a compaixão de milhares. Isso é ridículo. Suicidas não fazem tal ato para chamar a atenção. Matam-se, pois alguma coisa está errada no âmago de seus sentimentos. Gostaria apenas de voltar a sentir aquela felicidade que ela me passava, ou de poder voltar a ter o amor pela Vida que ela me fazia sentir. No momento, apenas a Morte parece ser amável. Riam de mim por querer amar, pouco me importo com as opiniões alheias, a mente é minha, uso-a como eu quero. Somente em tal lugar posso tentar ser realmente livre. Se vocês deixam-se levar pela promiscuidade que cada vez mais toma conta da sociedade, isso é problema de vocês. Quero ver o dia em que suas filhas se tornarem prostitutas gratuitas, aí então vocês se lembrarão de mim, e perceberão que eu estava certo. Não sou obrigado a pensar como os outros e nem a viver conforme seus padrões.

Tem algum questionamento, Morte? Pergunte, por favor. Antes que nossa união seja completa. Objetivos de vida? Sim, tenho alguns de cunho profissional, para iniciar a busca por eles seria necessário esperar mais algum tempo, ver o que o futuro me reserva nesse meio tempo. Servimos ao tempo. Talvez a felicidade retorne

neste período, estaria eu me auto-iludindo? Ah! Sonhador que eu sou, ninguém vive sem seus sonhos. A esperança ainda permanece em minha mente. Não sei se isso é bom ou ruim.

Não cheguei nem à metade da vida e já anseio por seu fim. Existem pessoas que são realmente únicas. Para uma em especial eu entregaria a minha vida, sem pensar duas vezes, assim ela é. E eu, bom, eu nada significo. Sou apenas mais um exemplar de *Homo sapiens*. Lutando contra todas as ideias que tentam me impor. Não sei ao certo o que eu consigo com essa luta, entretanto, é melhor do que ter a mente completamente acorrentada. Vivam minhas utopias, vivam e cresçam! Vocês ainda me fornecem alguma força. Com ela eu pude vivenciar parte de tais momentos utópicos. Ao menos posso afirmar que vivi parte de meus sonhos. Seria isso o bastante? Reviver todas as doces lembranças.

Meus dias são sempre imersos em saudades. Tenho que manter oculto os sentimentos de tristeza. Apenas para não me distanciar ainda mais da sociedade, e seus integrantes tão ridículamente sorridentes. Pois infelizmente não sou completamente independente dos aglomerados humanos. Caso eu fosse independente, eu não sofreria tanto.

Espere mais um pouco Morte, vamos degustar o presente que a Vida me trouxe. Mexer dentro da caixinha, reabrir a ferida ainda não cicatrizada. Ah! Sim! Dentre todos os momentos compartilhados com ela. Todos inesquecíveis. Lembro cada segundo como um filme que passa em minha mente. Entre eles teve aquele dia em especial! O

último dia. Lá estávamos nós. Perante a noite, sob o olhar das estrelas. Quantas palavras belas ela me disse, e como podem as palavras influenciar tanto os nossos sentimentos? Aquele dia foi o momento em que meus sentimentos por ela atingiram o ápice. Foi o dia em que eu deixei de simplesmente gostar dela, para começar, efetivamente, a amá-la. Apesar de todo o medo que as pessoas possuem de usar a palavra “amor”. Poucos dias depois e tudo estava terminado.

Sou um beija-flor audaz que no caminho para encontrar sua flor acabou por ser apedrejado. Faça-me voar novamente, para encontrar mais uma vez o néctar da felicidade que tu me fornecias. Quantas noites mais eu ainda irei chorar, quanto tempo mais eu permanecerei sem dormir direito e a ser atormentado por pesadelos. Quantos dias mais eu terei que me amaldiçoar. O doce sentimento que sinto por ela permanece vivo em mim, sem diminuir, e por inúmeras vezes tenta crescer ainda mais. Saudades de quando a Vida tinha algum valor. Agora venha Morte! Rapidamente! Leve-me desse lugar! Sem ela não vejo mais motivos para continuar na presença da Vida.

Sim, a seringa e a querosene. Preparo a ferramenta do ato final. Afasto meus cabelos que ocultam a nuca. Entre o encontro do crânio e da primeira vértebra. No crânio, o buraco, o *foramen magnum*. A inserção da agulha não vai doer nada, apenas uma mordida de formiga. Mas dói, e dói muito! Uma dor constante e

regular. Só resta pressionar a seringa e injetar seu conteúdo. Começo a pressionar e...

PURGATORIUM II: A MORTE

“Faço-vos o elogio da minha morte, da morte livre, que vem porque eu quero”.
Friedrich Nietzsche

As flores que antes perfumavam o ambiente no qual nos encontrávamos, começam a murchar. Tais flores enfeitam agora a coroa fúnebre que adorna meu caixão. Todas as minhas lembranças me levam para as noites estreladas com ela compartilhadas. Quem dera tivesse tido a oportunidade de ter passado um dia inteiro na presença dela. Assim talvez eu não tivesse ansiado pela morte. E não estaria sendo levado para o cemitério neste instante. A noite que eu agora espero não é noite escura na qual eu admirava o olhar dela. A noite presente neste momento é apenas a escuridão da morte.

Vejam os vermes, os besouros e as bactérias que marcham ao meu encontro. Devoradores famintos, irão se fartar com o corpo deste símio antropomórfico que morreu por tentar amar. Se eu não fui capaz de manter a felicidade em minha presença, posso apenas ficar tranquilo ao saber que tais seres necrofágicos poderão sentir satisfação de forma farta e feliz com o meu inútil corpo. Finalmente encontrei a dama de vestes negras, a querida Morte. Se bem que eu preferia ter permanecido na presença dela, aquela que era o sol que iluminava minha vida e perante a qual eu era um beija-flor audaz.

Estou mergulhado em um mar de vermes necrófagos. Tais seres abundam gloriosamente em nossa sociedade tão pútrida. O que

eles buscam em mim? Buscam minhas lembranças, pois eles querem tentar experimentar a imensa felicidade que na presença dela eu pude sentir. Querem devorar e destruir toda e qualquer moral que eu formei para tentar combater o amargo destino da sociedade.

Lembro como eu dormia tranqüilamente, há apenas algumas semanas, como era bom. Toda noite, ao me deitar para dormir, minha mente abundava em felicidade, eu não conseguia dormir tamanho era tal sentimento. Quando o sono chegava, minha mente era inundada por sonhos doces e tranqüilos. Todo novo dia que raiava era mais um dia de felicidade para ser vivenciada. Hoje, cada novo dia é simplesmente mais um passo rumo ao nada.

Agora vejo que a felicidade dura pouco. Se hoje não consigo dormir é por tristeza. Pela depressão instaurada pelas lembranças. Meu organismo anseia por sentir novamente a felicidade e não encontra tal sentimento em lugar nenhum. Para acalmar a tristeza, restou apenas a Morte. A apaziguadora do sofrimento. Se eu tivesse tido a certeza de que teria uma segunda chance. Eu não teria optado pela morte. Teria pacientemente esperado, mesmo que de forma angustiante. A vida se foi e não há mais retorno. O abismo se abriu abaixo de meus pés. Sem ter como me agarrar à vida. Caí na escuridão. Minha última visão foi o semblante dela se afastando. Enquanto eu permanecia chorando.

O céu da vida que antes era azul e radiantemente iluminado. Tornou-se tomado pela névoa obscura que destroçou meus sentimentos. A Vida me torturou, e a Morte me ofertou um

presente. Um pequeno presente, com o qual tudo poderia terminar. Nas profundezas enraizadas da minha confusão mental aceitei o presente sem questionamentos. A dor foi forte e manteve-se por algum tempo. Até que finalmente eu não senti mais nada. No entanto, esta dor não foi tão forte quanto a da rejeição. Sinto agora a convulsão ocasionada em meu abdômen, originada pelos vermes que nela festejam. Sejam felizes meus companheiros. Destruam este corpo que teve uma vida que de nada serviu. A única coisa que me fornecia real felicidade na vida era meu ateísmo. Que me fazia ver toda a real beleza do mundo, da vida e do universo. E a presença dela, aquela de quem eu tanto falo. Lembranças entremeadas por sorrisos e lágrimas.

Vocês, pequenos vermes que habitam a escuridão da terra, nunca estão sozinhos. Sempre possuem a companhia de algum ser necrófago com o qual vocês podem compartilhar algum momento. Eu, eu sou um símio. Macaco nu. Não sou um predador solitário. Isto não condiz com minha natureza. Macacos vivem em bandos, em sociedade. Dependem uns dos outros. Ninguém consegue viver em completa solidão. Sempre precisamos da companhia de alguém para compartilhar nossos sentimentos e até nossos pensamentos. Sejam eles de tristeza ou felicidade. Aflição ou diversão. Eu não queria a presença de muitos, queria apenas a presença de uma pessoa. Mas vejo que isto pode ter sido pedir demais, pois em minha busca por tal companhia, só consegui ainda mais solidão. As coisas poderiam ter sido diferentes. Toda a aflição e lamentação poderia ter sido evitada.

Vejo que eu nada significo para ninguém. Gostaria de ter significado algo especial para ela. Pois ela significa muito para mim, significa mais do que a minha própria vida.

Infelizmente ou felizmente somos todos movidos por sentimentos. Por conta deles dei fim à minha vida. Minhas moléculas irão se separar, meus átomos estarão livres para comporem outros seres. Alguns talvez melhores e mais úteis do que eu. Átomos que se deslocam pelo universo, seguindo seu ciclo. Em quantos seres nossos átomos já não viveram antes de formarem nossas estruturas corpóreas? Com a minha putrefação quanta felicidade eu irei fornecer para outros seres vivos deste pequeno planeta? Um planeta tão pequeno e insignificante perante o cosmos. No qual, macacos se autoproclamam senhores, possuidores de grande poder imaginário. Que perante o todo, nada significam. Eles são apenas mais um agrupamento falante de átomos.

O que está feito, já está feito. Muitas vezes pode ser desfeito. Na presença da Morte, sonho com o retorno para a Vida. Sonho em escapar dos seres necrófagos e de seu banquete no qual eu sou o prato principal. Tal sentimento é originado pela Esperança, que em meus pensamentos continua com sua dança. Ela que me faz desejar o retorno à vida. Para que mais uma vez eu pudesse segurar nas mãos dela, olhar nos olhos dela, e enfim, compartilhar amáveis momentos.

Acima de mim, vejo quem novamente chegou. A Morte! Olá querida! Minha viagem ainda não está completa? Como ainda

não? Afirmas que minhas preposições atéias estão erradas? Não. Certamente não. Sei que tu Morte, és o único fim. Então, o que reservas para mim? Mais um presente? Não. Mais torturas. Irei novamente ao encontro da Vida? Com o corpo decomposto não há como as lágrimas escorrem sobre minha face. As lágrimas escorrem para dentro, inundando a minha caverna craniana. Encharcando os sentimentos que se escondem nas profundezas do meu encéfalo.

Sinto o calor da dor que começa a se espalhar por todo meu corpo. Meus músculos rígidos e decompostos tentam se debater. Aprisionados pelo caixão. Como os sentimentos que eu sinto por ela e que aprisionados estão, apenas aguardando esperançosamente que possam novamente rumar para presença dela. O que se passa, Morte? Esta dor bem poderia ser maior do que a dor de um parto. Pode ser o parto de minha vida, que voará para longe de mim. Dos meus sentimentos que agonizam em tentativas de voarem para perto dela.

Esta claridade que começa a ser emanada do interior da terra, do que se trata, Morte? Tal afirmação vai contra a minha descrença. Sabes o quanto eu repudio qualquer misticismo. Se assim você afirma. Então que seja. Venha para mim o Inferno! Se a Morte não foi o bastante para matar o amor que há dentro de mim, não será o fogo do Inferno que conseguirá apagar meus sentimentos e meus sofrimentos.

Sinto os meus restos mortais ardendo em chamas, fervendo no caldeirão da Morte. É para tal lugar que a alma que eu nunca tive rumo. Para as eternas tormentas. Somente assim poderei me livrar

desta dor que nem mesmo a Morte conseguiu diminuir. Enquanto faço essa viagem dolorosa para as chamas eternas. A imagem dela, ainda permanece em minha mente. Ainda lembro das palavras que para ela eu disse. Que se fosse preciso ir até o Inferno e voltar, para que eu pudesse estar na presença dela mais uma vez, então assim eu faria. Lembro que se fosse necessário queimar nos eternos tormentos do Inferno, para poder voltar a compartilhar meus sentimentos com ela, que assim então seria.

Aqui estou, rumando para cumprir as promessas que para ela eu fiz. Entreguei a você a minha vida, ó doce amada. E agora meu corpo rumo para cumprir todas as demais promessas. Direto para as profundezas da terra, para o mar de fogo e tortura. No qual serei despedaçado e devorado por demônios sanguinários. Meu couro será arrancado, meus ossos quebrados. Serei crucificado por ter tentado amar. Serei um beija-flor empalhado que alguma estante irá enfeitar.

E aqui cheguei ao Inferno solitário que possuiu minha vida...

PURGATORIUM III: O INFERNO

"Não há outro inferno para o homem além da estupidez ou da maldade dos seus semelhantes".

Marquês de Sade

O calor e o fogo, que queimam meus sentimentos. São como a saudades, sentimento que nos faz sofrer, mesmo tendo sua origem em bons pensamentos. Para onde tu me trouxeste, Morte? Estou aqui para cumprir minha promessa? Vejo em minha frente esta claridade alaranjada, o cheiro de enxofre toma conta do ambiente. Os corpos que se contorcem nas chamas são os apaixonados que sofrem por seus sentimentos. Sim Morte, eu bem sei que meu tormento será pior do que o deles. Pois se eu tivesse uma alma, poderia afirmar que ela é mais profunda do que a destes seres que no fogo se encontram. Como um poço que a claridade do dia não consegue iluminar o fundo.

Você será minha orientadora neste mar de dor, Morte? Acompanhada dos demônios! Os três demônios cruéis que assolam a vida humana: a Solidão, a Tristeza e a Saudades. Venham a mim, pois tenho uma promessa para cumprir. Se para ela entreguei minha vida e é isso que para mim ela deseja, então que assim seja. Para as chamas os demônios me levam.

O fogo purifica e destrói a aparência superficial humana. Primeiro o calor das chamas, depois o frio de não ter mais nenhuma barreira que separe o exterior do interior. Quem és tu primeiro demônio que de mim se aproxima? A Saudades! O primeiro demônio

que me atormenta com o espírito do pesadume! E qual sua ferramenta? Nada além do que meu cérebro já não possua. A memória e suas lembranças. A enorme dor que assola meu corpo, que devasta minhas entranhas. Dor mais forte do que a originada pelo fogo. Contorço-me no chão e gritos fogem do interior dos meus pulmões. Quanta felicidade com ela compartilhada e que agora se foi. Vida, em que lugar você está? Volte para mim, Vida. Deixe-me poder olhar as estrelas na presença dela, pelo menos mais uma vez.

Ah! Demônio! Elevas as sinapses de meu cérebro ao extremo! Você busca nas sinalizações neuroquímicas todas as sensações armazenadas pela memória. Sufoca minha mente com todas estas recordações. A noite, as estrelas. A árvore, o canto da coruja. A estrela cadente. Os dois loucos percorrendo a escuridão, perdendo-se em pensamentos filosóficos. Os galhos e os buracos. Os obstáculos insignificantes. E a Lua! Ah! Trio de demônios nefastos, por que apresentam nomes femininos? Para fazerem os poetas sofrerem? A Lua! E quando olhares para a lua, não importa onde estiveres, saiba que nela nossos olhares se encontrarão. Sorrisos compartilhados. Tudo será como se estivéssemos próximos um do outro. Acabou a sua parte, Saudades?

Não, certamente não. Pois agora vejo que vocês três atuam juntos. São três em um só, e um só que se separa em três. Demônios torturadores de sentimentos. Pare, Tristeza, pare. Minhas glândulas lacrimais já estão decompostas. Não há mais lágrimas, pois em vida elas escorreram até formar um oceano de lamúrias. O que eu choro

agora é o sangue. Semicoagulado, semipútrido. Lágrimas de um cadáver moribundo, que perdeu sua vida e sua amada. Então esta é a sua tortura, vil Tristeza demoníaca? Olhe para meu rosto! E diga que não foi tudo ilusão! Minha face agora impregnada de sangue que escorre pelas reentrâncias e fendas da pele que se desfaz. A pele estica-se e tenta resistir. Retorce-se e tenta não se destruir. Antes de finalmente arrebentar. É como a vida que tenta não ser suprimida perante os sentimentos.

E para onde vocês vão agora, Saudades e Tristeza? Morte, não me deixe? Já perdi a Vida e minha amada. Perante você deverei ficar? Tu és o terceiro demônio? Dentre muitos és um dos mais cruéis e destruidores. Possui características da Tristeza e da Saudades, e até mesmo da Morte. Acompanhado de algo mais. É a Solidão! Meu podre corpo cadavérico não suporta mais. Meus músculos e ossos, tendões e tudo mais. Estão se arrebentando. Por que me deste esse futuro cruel? As chamas do inferno estão se apagando. Tais chamas que produziam dor eram as chamas da esperança, sim, esse é o fogo que abunda no inferno. Que nos queimam, e mesmo assim, nos protegem da fria escuridão infernal.

E esta que se aproxima de mim? É a Escuridão! Que auxilia a Solidão! Nada posso fazer. A não ser por tua honra desvanecer. Perante a imensidão do tempo. Tudo perde seu sentido. Até o universo já parece aflito. Com recordações, lembranças e momentos. No caldeirão da vida primordial fui arremessado. Em tal lugar apenas há o sofrimento atemporal, profundamente sentimental.

Recordações. Lembranças. Momentos. Flechas que me acertam seqüencialmente. No inferno eu permaneço. Com o demônio, a Solidão, e sua auxiliar, a Escuridão. Saudades da vida e da presença dela. Durante a batalha, a Tristeza assassinou a Felicidade. No escuro eu nada vejo, apenas as imagens gravadas no meu maldito encéfalo que tanto me atormenta. Um dragão que se oculta em minha caverna craniana. Contra o qual eu nada posso fazer. A não ser morrer. Um local em que nada se sente. O frio parece eterno, pois já não existe mais as suas correntes de convecção de calor. Perante as quais o frio do inverno era inexistente.

Se o paraíso em terra, o verdadeiro paraíso, não o metafísico, era em sua presença. Então, em sua ausência, só existe a desgraça do purgatório penitencial. Aqui isolado. Ainda ouço o vento soprar. Não o vejo, mas posso senti-lo e ouvi-lo. Em seu caminho ele circula pela atmosfera. E ainda proclama seus cânticos. Que falam de sua pessoa, afirmando eternamente o quão bela tu és. Já os ventos infernais, proclamam outros cânticos. Falam de minha pessoa, enterrado entre vermes. Se em sua presença sinto-me ser elevado às alturas, em sua ausência sou levado para as profundezas demoníacas da terra.

Estas frias mãos que arrastam meu cadáver pela escuridão, para que lugar me levam? Arrastado por este chão, eu sinto os outros corpos que formam o tapete deste recinto. Eles apenas permanecem aqui. Não sou digno de sofrer tão pouco. Há alguma claridade em minha frente. Mais uma vez os fogos da esperança iluminam a

escuridão. Vitima sacrificial, proclamador da antropofagia. O que eu posso fazer?

Ah! Essa maldita escuridão. Que devora minha vida, obscurece o céu antes azul e brilhante. Torne as coisas como antes. O abismo aumenta abaixo de meus pés, é a morte que chega mais perto, novamente retorna para minha presença. Sou apenas uma cobaia, sofrendo com as experiências deste mundo. Um universo que se expande. Devorando-me e aniquilando-me. Ensine-me a viver, para que eu escape do eterno anoitecer.

Pendurado por correntes. Formadas pelo inconsciente. Esta misantropia que me deixa impregnado de autocomiseração. Por que me deixam aqui demônios? Pendurado neste alto lugar? Vejo que vocês riem e choram ao mesmo tempo. O que passa dentro da mente de vocês? Querem que eu sirva de exemplo? Não, creio que não. A resposta de vocês é que me assusta. Afirmam já terem passado por tal situação. Sabem que nem mesmo toda a tortura poderá parar o meu coração. Continuem eu lhes digo. Já estou morto. Tornem a tortura etérea. Pois se eu permanecer na ausência daquela que ilumina minha vida. Certamente, preferirei a presença da Morte e destes três demônios que tanto flagelo me fornecem.

Quanto tempo eu ficarei aqui? Pendurado, acorrentado e sendo acertado seqüencialmente pelas flechas destes demônios? Tempo o bastante. Ou talvez até mesmo tempo além do tempo. Não tenho mais forças para continuar. Como eu poderia desta desgraça escapar?

Não há como esquecer a imagem dela. Não há criatura que possa trazer tal amnésia. Enganei-me ao afirmar que a Morte teria a resposta para o fim de meu sofrimento. Na tentativa de me ajudar, a Morte ainda me forneceu uma outra opção. O Inferno. Neste local os demônios choraram por minha amarga desgraça. Pois suas torturas também não foram a solução. Acho que como eles eu sou criatura obscura. Amaldiçoado a vagar pelos muitos universos e infernos. Carregando o espírito do pesadume. Quem me dera eu fosse forte, e agüentasse as revoltas correntezas do mar da vida. Não sei nadar. Sou ave que nasceu para voar. Não uma ave solitária. E sim uma ave que queria apenas uma companhia para voar por estes céus.

Vejo que isto não acontecerá. Ah! Trio de demônios! Estariam algumas pessoas fadadas a permanecerem em eterna solidão? Poderá haver algum momento no futuro em que eu volte a compartilhar meus pensamentos com ela? Não chorem demônios. Pois suas lágrimas são o fogo que mantém o inferno aceso. De suas lágrimas se origina a esperança. As chamas do inferno. Como sinto sua falta.

E agora para onde rumo, o que vocês reservam para mim? A ressurreição, o retorno para a Vida e para ela? Ou a verdadeira morte, o fim após o fim?

PURGATORIUM IV: O TEMPO

"O homem que sofre antes do necessário, sofre mais que o necessário".
Sêneca

Ah! Vejam a queda abrupta que há abaixo de mim. O abismo da morte é mais profundo do que aparenta. Possui todo um inferno que o sustenta. Eu fui despejado na ladeira das profundezas fétidas desta terra. Mantendo a torturante esperança de algum dia poder reencontrá-la, ela, aquela para quem dedico minhas palavras. Se meu coração continua batendo não é pela vontade de viver, mas apenas pela vontade de revê-la. Pois minha vida não é dedicada a mais nada. Somente a batalha para reconquistá-la me importa. Como eu poderia retornar a vida? Se meu corpo se decompõe mais e mais a cada dia?

Aprisionado no inferno! E tu, Morte? Manténs esse sorriso sádico estampado eternamente em teu rosto. Sempre me perseguindo e zombando de mim. Passamos a vida inteira na presença de tua irmã, a Vida, mas é você que nos mantém e é para você que sempre retornamos. Então por quais motivos zombas de mim? Não poderei eu voltar a ver minha amada? Este inferno de esperança que me queima eternamente será um fogo que continuará queimando em vão? Pois sem ela não há mais sentido em nada.

O único paraíso real só existiu quando eu estava na presença dela. Agora tudo é inferno e tortura. Um eterno suplício do qual não consigo me livrar. A dor retorna aos meus sentimentos. E onde está ela? Eu faria o impossível por ela. Não me deixe neste mar de

sofrimento. Para ela entreguei minha vida e minha morte, e assim sofrer além de tais níveis. Esses malditos demônios que insistem em me perseguir: a Solidão, a Tristeza e a Saudades.

Preciso voltar, retornar para a vida e assim poder encontrá-la. Como realizar tal viagem? Forneça-me o sinal necessário para iluminar meu caminho, eu lhe imploro. Terei de descer ainda mais fundo no inferno? Em locais de torturas ainda piores. Talvez assim eu consiga retornar para a vida e reconquistá-la. Se tal sonho acontecer voltarei a andar sobre as nuvens e não mais sobre cadáveres decompostos e brasas flamejantes. O que falta agora? Quem é você que se alimenta dos úberes da Morte e que se aproxima de mim trazido no colo desta dama de vestes negras?

Tu és filho da tríade demoníaca que tanto me assola. Como se os três já não suportassem mais me torturar. A ponto até mesmo de demônios chorarem por meu sofrimento. Criaram você para que eles não chorassem e para que você me torturasse. Diga pequena criatura sangrenta, qual o teu nome? Tempo? Sim, eu bem deveria imaginar. Você é aquele que nos faz esperar. Conhece todas as respostas, tanto do futuro quanto do passado, e usa tal sabedoria para nos afligir. Tu és tão imaterial e muitas vezes nem percebemos sua presença. Mesmo assim é você que dita as regras do jogo. Pois todos servem a você, pequena criatura sangrenta. Ninguém está livre de suas garras. Nem mesmo na morte eu consegui me livrar de você, Tempo.

Até mesmo aqui você retorna para perto de mim. Minha memória me faz lembrar que quando eu estava perto dela, você, Tempo, era inexistente. Você não possuía significado algum, você não existia. Tão doce era o sentimento que ela me proporcionava. No momento, todo o peso da raiva que você concentra cai sobre minhas costas. Fazendo-me rastejar entre seres pútridos. Como um verme que busca seu sagrado alimento. Eu me arrasto por estas terras devastadas buscando minha amada. Guio-me pelo som das batidas do coração dela, que ainda pulsa em vida. Enquanto o meu coração está parado e enegrecido pela agonia de não poder estar perto dela.

Tu queres me revelar o futuro? Não, obrigado. Prefiro não ver o que se esconde abaixo de seu manto obscuro. Sei que no futuro haverá apenas escuridão, nela encontrarei a solidão. Infelizmente já estou morto. Meu tormento será eterno. Enquanto o amor poderia muito bem ter sido eterno. Escolhas e mais escolhas. Tantas nos trazem tristezas. Duas palavras podem mudar muitas coisas. Podem torná-las felizes ou tristes. Ambas as palavras possuem três letras, são elas: “Sim” e “Não”. Há ainda uma terceira palavra, possuidora das incertezas malévolas, é aquela que denominam: “Talvez”. E o que você me forneceu? Nenhum destes, pois estou morto. Somente com a presença dela o futuro poderia deixar de ser obscuro, até mesmo o presente já está tomado de escuridão. Meu interior apodrece a cada novo dia que surge neste inferno.

Sendo que uma escolha em direção oposta e eu poderia estar vivo. Mas enfrentarei este demônio ao qual chamam de Tempo. Esta

criatura sangrenta e destruidora. Passarei por sobre ele para poder reencontrá-la, para poder vislumbrar o semblante dela, e ajoelhar-me diante daquela que iluminou a minha vida. Linda personificação divina. Continuas sendo a fonte de minha inspiração, mesmo eu estando morto, enterrado e no inferno. Pequena criatura sangrenta, por que danças com a tua mãe desta forma? A Morte já não está farta de te amamentar? Por que não me deixas seguir meu caminho rumo a ela?

Sim, as promessas. A promessa de morrer por ela, de vir até o inferno. De ser despedaçado eternamente. Sequencialmente e metodicamente destroem meu corpo. Somente o sentimento por ela sobrevive. Por que você ri? Nunca esteve apaixonado? Ah! Ocultas os teus sentimentos e se envergonha deles. Eu não. Eu demonstro os meus sentimentos, pois temos apenas uma vida. E neste caminho dominado pelo demônio do Tempo, não há como retornar ao passado para repetir as lembranças de sua mente. O tempo nos atropela. Se estivermos sozinhos ele aniquila nossa mente. Transforma nossos corpos em pó. O que resta são as palavras ditas e as conversas vivenciadas. Tão sentimentalmente e filosoficamente temperadas na presença dela.

E agora, o que fazem esses cadáveres que agarram minhas pernas? Eles tentam me derrubar. Tentam impedir que eu prossiga minha viagem por estas terras. Não querem que eu retorne para vida, odeiam pessoas que demonstram sentimentos. São cadáveres da alienação social que não possuem opinião própria. Fazem apenas o

que a televisão manda. A caixinha mágica de imagens que dita as regras da sociedade. Ah! Mas vocês seus cadáveres odiosos! Nada podem fazer para me impedir em tal viagem. Não irei cair para este mar insano no qual vocês vivem. Vou adiante e acima de vocês.

A escolha de meu retorno para a vida depende apenas dela. Tudo que eu sou está agora perante as escolhas que ela fizer. Afundar-me para sempre neste inferno ou subir aos céus, no paraíso que é estar na presença desta linda personificação divina. O que escolhes para mim? Caminho por estas malditas estradas flamejantes, carregando o peso do Tempo. Sendo apedrejado por estes cadáveres rastejantes que não conseguem pensar. Forneça-me um sinal de que rumo ao seu encontro.

A batida de seu coração parece tão distante. Queria poder vê-la novamente, que fosse apenas por um instante. Não, Tempo, criatura sangrenta, eu não sou como você. Não tenho a eternidade para tentar reencontrá-la. Tenho apenas o tempo de uma vida. Nada mais. Pois você é impiedoso. Não permite que ninguém sinta o gosto da eternidade. Todos se vão, todos acabam no local em que eu estou. Todos encontram a Morte. No entanto, nem todos encontram esse destino como uma promessa para a pessoa amada. Eu fiz tal escolha, e ela me enterrou. Só espero agora encontrar o caminho de volta. Pois eu deveria descer até o inferno e retornar. Para mais uma vez admirar as estrelas junto com ela.

Mesmo que esse mar infernal tente me afogar para sempre. Mesmo que eu seja derrubado de minha busca por ela. Não desistirei

de minha promessa. Essa dor! Eu bem a conheço. Retornam seus progenitores, Tempo. Viram que sua prole não consegue me atormentar. Agora voltam com suas flechas e lanças para me destruir em definitivo. Não devo retornar para ela? Não possuo mais um corpo? Não, eu não possuo. Mas nunca tive nem alma, e vejam, aqui estou. Se não tenho alma, então são meus sentimentos por ela que permanecem eternamente vivos.

Contra estes sentimentos não haverá lanças e flechas suficientes para destruir-me. Não haverá explosão, queda ou torturas para destruir-me. Se ela é perfeita como uma rosa, basta que queira espetar-me com um de seus espinhos. Para então abalar as estruturas que me sustentam. Basta este leve machucado para me derrubar novamente em torturas. Um risco? Sim. Porém, o que significa um pouco de dor em comparação a poder estar na presença dela?

Ó tríade demoníaca voltem para suas terras. Suas armas são inúteis, tudo que eu preciso é encontrar um caminho para poder encontrá-la. Será pedir demais? Acredito que a felicidade custe caro. Mesmo pagando com minha vida não consegui obtê-la. Meu corpo cadavérico se afunda neste solo obscuro. Afundo no inferno, para encontrar lugares piores. Para que lugar o peso do demônio do Tempo me levará?

Eu continuo afundando, veja o que descobri...

PURGATORIUM V: O VAZIO

“Ai de mim! Que vazio horrível sinto em meu peito! Quantas vezes digo a mim mesmo: Se pudesses uma vez, ao menos uma vez, apertá-la contra o coração, esse vazio seria desfeito”.

Goethe

O que há abaixo do inferno? Abaixo das lamúrias dos apaixonados rejeitados. Há o vazio. O nada. Estas hordas de demônios continuam a me perseguir. A suprema tríade demoníaca e sua prole. Voo com as asas da morte. Sinto o vento do vazio arranhando minha carcaça. Os vermes necrófagos já tiraram tudo que havia dentro de mim. Não ocorrem mais festas e banquetes nas minhas profundezas viscerais. Existem apenas os cadáveres das criaturas para as quais há algum tempo eu fui o fornecedor da vida e da felicidade. Quantos sonhos e desejos eles ansiaram enquanto fartavam-se devorando a podridão de meu corpo.

Dos locais em que fui apedrejado pelos cadáveres desta sociedade agora escorre o líquido negro da putrefação. Exércitos bacterianos que morreram em batalha, fagocitaram todo o conteúdo possível de meu corpo. Estes exércitos jazem mortos. Marcham para fora de meu corpo. Não me entristeço. Estou sempre esperando o grande momento de poder estar diante dela. Exércitos de bactérias mortas que cumpriram seu papel na natureza, ajudando a matéria a seguir seu caminho em meio a tantos ciclos.

Ainda carrego comigo o presente que a Vida me deu. A pequena caixa de lembranças. O presente que trás amargura e alegria. De tal presente eu obtenho as minhas forças para reencontrar um caminho que me leve até a linda personificação divina. Esta caixa me fornece recordações do rosto dela, de seu perfume, de seu olhar, de sua pele e de seus lábios. Recordações tão doces quanto mel, que adoçam este mar de amarguras purgatórias. A imaculada sinfonia da voz dela, que compunha a musicalidade de minha vida. Amaldiçoada vida, trocada pela morte. Vagando eternamente na busca de um retorno. Avançamos e avançamos, aparentemente sem nunca sair do local originário. Sempre acabamos retornando para o mesmo lugar. Toda a realidade parece um fruto imaginário.

E agora aqui no vazio, nas profundezas abaixo do inferno. Uma queda sem fim. Sem imagens e sem sabores. Um local em que morrem todos os valores. Nada para sentir. O vazio é um vampiro que suga nossas forças. Sinto que caio entre suas garras. Uma queda composta de giros rápidos e velozes. Trazem a perda do equilíbrio nesta noite etérea e oca. O vácuo que consome todo e qualquer resquício da vida que um dia eu tive.

Não, seu vampiro maldito! Não irás destruir a minha única motivação. Você não é capaz de apagar a chama da esperança que permanece acesa, queimando minhas entranhas. Sim! A chama infernal da esperança! Iluminando o âmago de minha caverna craniana. Iluminando todos os recantos em que a emoção e a razão se escondem. Trazem luz para estas lembranças que fazem parecer que

eu estava vivo ontem. Corra para outro lugar seu vampiro nefasto! Antes que você se queime na esperança. Saiba que o fogo desta chama iluminadora é o mantenedor da Vida! Nela você irá queimar sua boca sanguinária. Seu vazio destruidor de sonhos. Vácuo que estoura meus tímpanos e faz o sangue escorrer de dentro de meu crânio. Implode meu tórax esmagando meu coração.

Os ciclos que compõe nossa existência são feitos de subidas e descidas. Toda ascensão é lenta e demorada, seu prêmio é magnífico. Toda queda é rápida e dolorosa, destruidora de nossos sonhos. Mesmo com tal queda, com a dor e quebra de todos os meus membros. Há um sonho que não foi destruído. Aquele que me faz continuar tentando, mesmo neste local estando. O sonho de mais uma vez admirá-la e amá-la. É o supremo objetivo de minha ascensão para a Vida e para além dela, para além dos céus e além do horizonte.

Sinto a mordida deste vampiro! Vazio, vazio. Não irás sugar minhas memórias. Apesar de você se instalar constantemente em minha mente. Não conseguirás encontrar aqui o alimento que procuras. Sou como um poço profundo, você não consegue retirar de mim os objetivos que eu oculto no meu fundo. Você pode saber que eles estão lá. Entretanto, em tal local você nunca chegará. Somente se o sol que iluminou minha vida retornar e secar as lágrimas que encheram este poço. Assim você poderá ver o que se oculta em suas profundezas obscuras.

Saia daqui Vazio, seu vampiro ardiloso! Você é pior do que um demônio. Tu és um parasita que permanece a todo instante

tentando tirar um pedaço de mim. Já não foi o bastante eu finalmente ter encontrado o meu próprio fim? Deixe-me sozinho. Só a presença dela é que pode me trazer felicidade. A doce ilusão que alimenta a mente humana. Sonhos feitos, sonhos desfeitos. Fugas da realidade. Soberania e submissão. Traços que compõe nosso mundo. Morte e vida. Características do universo. Aqui eu continuo me indagando o porquê de tais escolhas. Ah! Como ela é inesquecível. Ela é meu sol, perante o qual sou um planeta. Orbitando ao redor dela, meu universo gira em torno dela. Ela é a lua que ilumina minha escuridão.

O que há com você, Vazio vampiresco? Cansou de me atormentar? O que trazes para mim? Uma vela? Uma pequena luz que representa a esperança em meio a essa escuridão. Meu caminho é longo? Sim, imaginei que sim. Quantos níveis este purgatório infernal possui? Muitos é o que você diz. Você nunca saiu do seu próprio vácuo. Nunca soube o que foi sentir um sentimento por alguém. Seu vácuo atormenta mais a você do que as suas vítimas. Se eu fui forte e resisti às suas mordidas é somente porque tenho um grande objetivo pelo qual continuar. Eis o que dá sentido à vida ou à morte. Os objetivos que queremos alcançar.

Quanto tempo mais esta queda continuará? Cercado pelo vazio. As tempestuosas ventanias tentam apagar as luzes desta vela que carrego comigo. Levado pelas asas da Morte, carregando os presentes da Vida e do Vazio. O inferno da esperança queima de forma mais cruel. Pois talvez possa realmente existir um caminho para retornar à vida. Mas a cada passo que dou o peso do Tempo faz

eu afundar mais e mais. Mesmo estando em queda continuo a ser atacado pela tríade: Tristeza, Saudades e Solidão. Meu cérebro está sendo centrifugado e todos os neurônios que o compõe estão sendo arremessados para longe de minha cabeça. Assusta-me o que pode haver ao final desta queda.

A vida era uma poesia, tudo que eu precisava era ter feito ela rimar. Quando a realidade deixa de ser valiosa? Quando passamos a ansiar constantemente pela insanidade? A insanidade que poderia ser uma forma de escaparmos da consternação gerada pela perda da pessoa amada. Ah! Loucura obscura para a qual eu rumo nesta queda. Insanidade abissal que se oculta abaixo da esperança infernal. O vazio que há dentro do meu peito, só poderia ter sido preenchido por uma única pessoa. Para ela que pretendo retornar.

O caos que há dentro de mim é uma estrela que nascerá? Não, é um buraco negro devorador de tudo, que quando nascer destruirá qualquer resquício de vida ou morte. O vazio torna-se menos soturno. Ouço o som do vento, ele trás o som do choro daqueles que foram aprisionados neste local. Lamentações que percorrem o infinito. Aflições em comum, são lâminas que cortam meus restos funestos. Não desejo esse destino para ninguém.

Sinto o cheiro de podre que envolve esse lugar. Podridão que se alimenta de lágrimas. O vazio pode ser apenas mais uma parte do longo caminho de retorno à vida. Não, querida, não chore. Continuarei nesta estrada procurando alguma escapatória das garras destas criaturas. As lembranças dela são o combustível que

continuam a me impulsionar por este trajeto. Se eu retornar, minha querida, por favor, não me deixe sozinho na penumbra da noite. Não sei se agüentarei passar por tudo isso novamente. Se eu voltar seja piedosa ao menos uma vez e permita que a nova vida possa ser composta da alegria de tua companhia.

O vazio está sendo tomado pelos gritos de agonia e aflição. Posso estar me aproximando do chão. Gritos! Sim! Eu também grito! Para representar toda a penúria que tomou conta deste ser solitário que me tornei. O vazio existencial, a ausência dela, é como um veneno que se espalha por meu corpo. É como ácido derramado sobre minha pele. O vazio de não ter a presença dela. É como estar sendo espancado. Como estar sendo devorado pelo fogo, sentindo a pele fervendo e se desfazendo. Esse vazio é uma queda envolta pela escuridão e por demônios.

Observo adiante e vejo uma tênue claridade. O chão. Coberto por um tapete de cadáveres rastejantes. Que se lamentam por não possuírem um objetivo tão grandioso e valoroso como o meu. O encontro com aquela que iluminou minha vida. Fecho os olhos e preparo-me para o impacto certo. Ah! Finalmente sinto a dor da queda. Encontro o rígido chão. No qual despedaço toda minha emoção. Permaneço caído, envolto em lágrimas de saudades. Abro os olhos tomados por lágrimas, será alucinação o que há em minha frente?

Você que se aproxima de mim, você é...

PURGATORIUM VI: O DIÁLOGO I

"Aquilo que os homens de fato querem não é o conhecimento, mas a certeza".

Bertrand Russell

Agora nas profundezas do Vazio. O que encontro é mais um demônio. Ao qual chamam Pensamentos Livres. É o demônio que assola a todos que são tomados pelos dogmas religiosos. É o mais vil e astuto dentre os demônios. Poderia bem ser denominado de Lúcifer. Derrame sobre a humanidade a luz do conhecimento. Forneça-nos o conhecimento do bem e do mal. Dê-nos a ciência! Ele me ajuda a se levantar do tapete de cadáveres. E rumamos para uma árvore que se encontra à beira de mais outro abismo. É a árvore do conhecimento que trás a luz para esta escuridão.

Acredito que somente você, ó demônio luciferiano, pode me mostrar o caminho para minha saída deste lugar. Forneça-me os pensamentos e os audazes raciocínios para que encontre um retorno à vida, um retorno à ela. Esta premissa a qual tu me lanças a que se refere? Toda estrela tem seu início e fim. Ao longo de seu trajeto, muitas vidas ela acaba por iluminar. Anda pelos mais variados ambientes. Consumando-se em seu próprio fogo, que à leva a destruição, mas que ilumina a vidas daqueles que a cercam.

Sim, compreendo o que tentas me dizer. Nem você compreende sua real natureza, mas eu compreendo a minha. Pois somente a compreensão e o aceite da animalidade humana podem

trazer paz para muitos aspectos que envolvem nossa sociedade. Queres que eu olhe para as estrelas? Como? Se aqui no purgatório infernal não vislumbro o céu noturno. Ah! Utilizo as lembranças das noites com ela compartilhadas. Se o universo é regido pelo caos, pelo vazio e pela escuridão. Três fatores que geram a entropia, e de tal fruto, origina-se a organização da matéria. A matéria inerte torna-se então reagente. A vida surge e após evolui. São complexos aglomerados moleculares. De todo este trajeto disperso pelos períodos do tempo, no qual estamos aprisionados, surgiu ela. Que é uma estrela que ilumina minha vida.

Você, ó demônio, percebes que minha mente é dividida entre o desejo pela vida e pela morte. A vida é ocasionada pela presença dela e a morte por sua ausência. Esse acontecimento é possível? Sim, ele é. Pois minhas convicções tentam se manter distantes das imposições sociais. E das definições de sentimentos que tal estrutura organizacional pode gerar. Um exemplo do mal social você quer? Dou-lhe um exemplo, demônio. As morais que giram em torno da vida e da morte, e de todos os aspectos inclusos em tais realizações, não passam de meros dípteros voadores. Assim são as morais vigentes. Pequenos insetos perante a real simplicidade destas duas realizações. Tão imensas e importantes. Ao mesmo tempo tão simples. O homem, com sua visão egocêntrica, acaba por criar mistérios, crendices e tolices, em locais que poderiam ter sido facilmente iluminados pela razão. Sendo assim, poderiam ter sido simplesmente aproveitados os momentos.

Perguntas os motivos de minha pessoa carregar consigo esta afiada lança com a qual perfuro a imaginação dogmática infantil das pessoas? Uma batalha geradora de assassínios ideológicos. Ó demônio, vejo que não tens passado muito tempo entre os vivos. Tu estás preso demais ao mundo dos mortos. Mostre-me o caminho de retorno para a vida, ajude-me a encontrar a linda personificação divina, juntos retornaremos para a vida. Neste lugar tu compreenderás minha batalha. Passamos a vida inteira sob o manto religioso da punição divina. Pensamento que assola os símios que compõe nossa sociedade. Deixamos de aproveitar toda a profunda realidade da vida, ansiando pela vida inexistente pós-morte. Esquecemos de demonstrar para as pessoas nossos reais sentimentos por elas. Na esperança de que poderemos dizer tais palavras na inexistente vida após a morte. Se deixarmos tais palavras serem dominadas pelas crenças. Nunca conseguiremos demonstrar para as “estrelas que iluminam nossas vidas” toda a real importância dela para nós. Eis um dos motivos pelo qual carrego comigo esta afiada lança.

Então estás disposto a me acompanhar nesta viagem pelas trevas? Queres, no entanto, que eu componha um poema para você? Dar-te-ei então o presente que me pedes. Nossas reflexões ainda não findaram. O que mais posso de você obter? Se tu és dentre todos um dos maiores demônios. Junto com sua ascensão para o mundo, não haverá mais irracionalidade que permaneça firme em suas estruturas. Tu és o demônio destruidor de deuses. O teu inferno em terra é o

desejo de todo ser racional. É o quente antro no qual floresce a sabedoria, é o covil no qual quero viver. Muito melhor se for em presença dela. Pois sem ela nada mais é importante.

O caminho é longo. Sim, muitos já me avisaram sobre isso. Se você me acompanhar creio que esta viagem poderá ser menos dolorosa. Tantos são os demônios que já me perseguem, tenho uma promessa a cumprir. Um aliado em batalha é melhor do que miséria solitária. Você vive no inferno vazio, saiba que sua presença é requisitada entre os vivos. Se os grandes pensadores já morreram, não significa que tu debes permanecer entre os mortos. Os vivos necessitam a sua possessão! Deleite-se, possua e preencha a mente dos não-mortos com suas influências pensantes.

Firmemos aqui um pacto, ó demônio do saber. Ajudar-te-ei em seu domínio no mundo dos não-mortos. Em troca, tu me ajudas neste caminho de retorno para junto da presença dela. Fecundemos aqui a semente entre o morto-vivo e o demônio. Plantamos aqui a semente da árvore de nossos objetivos, para que ao fim de nossa jornada, possamos colher os frutos que compõe nossos objetivos. Sua presença, demônio, afia a lança que comigo eu carrego. A lança que cravarei no tórax daquele que as pessoas chamam de deus. Não sem antes poder rever aquela que fornece forças e inspiração. Meu sol e minha lua. A estrela fornecedora de vida. Sim, assim ela é. E agora, entrego a ti o poema que me pediu.

Ó demônio que emerge das profundas fendas abissais

Você por vezes tentou fazer meus dias melhores
Até dizia: “Volte a viver tua vida, por ela não chores”
Mas sabes que o que eu sinto por ela é grande demais
Porém estava eu tão esconso que já não o ouvia mais
A tríade demoníaca consumiu meus sentidos
Somente a esperança de revê-la me manteve nos caminhos
do tempo
Lembro do momento que começastes a fazer parte de
minha existência
Estava eu em uma complicada situação
Acreditar ou não acreditar? Era essa a minha questão
Subitamente sinto a presença estranha de algo sem
paciência
Que ousava em chamar-me de ridículo e estúpido
Era você demônio, até então eu não o conhecia e o achei
extremamente pútrido
Não compreendia o porquê de tanto aborrecimento comigo,
vossa malevolência
Tu tentavas me alertar, mas eu não tinha o discernimento
de perceber
Então falastes que tudo o que eu acreditava até então
mudaria
Que eu passaria a ver a sociedade com outra visão
Que eu possuiria um novo modo de enxergar
O mundo, que só será realmente completo

Se na presença dela eu pudesse estar
Linda personificação divina
Compreendes minha aflição?
Ó demônio do saber

Agora que tens o que queria. Temos de rumar por esta estrada infernal. Pois o Tempo se aproxima de mim. A tríade continua me atacando. E a ansiedade de sair deste inferno e mais uma vez poder abraçar ela aumenta a cada dia que passa. Vamos, pois esta jornada é longa, creio que muito sofrimento ainda há em meu futuro. A chama da esperança me queima dia após dia. A imagem dela é presença constante em meus sonhos. Ah! Vivendo este inferno, choro por não ter mais uma vida! A tríade demoníaca ri de mim, por eu querer prolongar meu sono e assim meus sonhos. Para assim vê-la em minha mente por alguns poucos minutos a mais.

Vamos, ó demônio do saber. Para qual lado devemos seguir? A sua resposta me assusta. Afirmas que ainda devo me afundar mais no inferno. Queimar ainda mais para provar meu real valor para ela. Se isto for preciso que assim seja. Vamos para o próximo abismo. Encontrar as criaturas que se ocultam em tal recinto, e queimar neste fogo infernal. Que venham as torturas. Suportarei todas, se este for o caminho para olhar nos olhos dela mais uma vez. Que assim seja.

Vamos pular no abismo, guie-me nesta queda, demônio...

O autor é grato à Emili Bortolon dos Santos, por ajudar a compor o poema apresentado neste capítulo.

PURGATORIUM VII: A LOUCURA

"A pior das loucuras é, sem dúvida, pretender ser sensato num mundo de doidos".

Erasmus de Rotterdam

Demônio do saber, que lugar é este no qual viemos parar? A rápida queda em seu abismo. Que objetivos teve? Trouxe-me para a presença de um dragão demoníaco. O dragão destruidor de realidades. O que procuramos na presença desse dragão? Certamente não iremos matar um ser tão exuberante. Qual o nome de tal criatura tão poderosa? Não creio que estou diante deste ser. Ah! Magnífico local para o qual viemos. Vejo neste momento esperanças ainda maiores de retornar para a presença de minha amada. Precisamos passar por este dragão. Criatura demoníaca, dragão denominado Loucura!

Tu és uma criatura que está além do bem e do mal. Você é o detentor das incertezas que dominam qualquer moral. Destrói a realidade estabelecida na estrutura dos neurônios que compõe o encéfalo. Dribla os sentidos e faz com que percebamos a realidade de forma distorcida. Não, demônio do saber, não podemos rumar para a boca do dragão. Temos que evitá-lo. Você nos trouxe pelo caminho errado. Se formos apanhados por esta criatura. Esqueceremos de nossos principais objetivos. Não posso deixar de continuar minha busca de retorno para a presença dela.

Veja, demônio do saber! O dragão fala! A Loucura proclama palavras em sua própria defesa. Víbora que lança palavras ao ar. Insanidade daqueles que tentam amar. Desconhece a crua realidade e quer proclamar a verdade. O que me ofertas dragão? Tentas me capturar, tentas me persuadir da mesma forma que a morte o fez? Queres o meu cadáver, é isso que desejas?

Tu tentas destruir a minha realidade. O que afinal vem a ser a realidade? Se cada pessoa é um organismo, então cada uma pode perceber a realidade de uma forma diferente. Em cada mente se encerra um universo imaginário. Quando esses universos se encontram, o que surge? Colisões ou fusões. Explosões ou uniões. A Loucura me oferta um escape de todas as desgraças que existem ao meu redor. Mas é preciso ser muito fraco ou muito forte para conviver com esse dragão. Não sou nem um e nem outro. Sou apenas um poeta vagando pelo desconhecido, procurado pela imagem dela. Apenas um cadáver andante por inúmeras cidadelas.

O ato de enlouquecer deve ser por merecer. A insanidade está além do tempo, e além do mundo. O insano é um ser que vive além do cidadão imundo. É corajoso e covarde. Tem a coragem de viver o extremo de seus sonhos e de sua imaginação. E a covardia de fugir da verdade e de todos os problemas que essa nos trás. Quando se opta por esse caminho é difícil voltar atrás. Ah! Loucura! Envolve o ambiente com tua névoa cinzenta. Esconde o mundo com tua neblina, oculta toda a realidade avarenta.

Das nuvens de fumaça que emergem desse dragão. Crias uma película sobre o real. Molda a fumaça conforme tua vontade, tudo vira alucinação irreal. Não, ó dragão, não vim aqui para escapar da realidade. Não vim ao encontro da insanidade. Vim aqui para cumprir uma promessa. E não é a loucura que me interessa.

Demônio do saber, por que te calas perante a Loucura? Observa-a bem, pois a irracionalidade assemelha-se, por vezes, à insanidade. Quando alguém atinge o auge de sua idade, pode encontrar a insanidade. Veja quanta obscuridade! O que se passa em tua mente? Ó loucura! Você é a doença que o solitário procura. Mesmo que após ser infecto já não haja mais cura. Aqui estamos nesta noite escura. Escolhendo o caminho que leve este poeta até a dama que ele procura. Ah! Dragão da Loucura! Devore-me com sua boca obscura. Só assim encontrarei para a vida uma abertura. Retornar para aquela quentura. Restam em mim as marcas de queimadura. Da vida que apodreceu, e há muito já não é mais madura. Seguro minhas carnes pútridas com atadura. Ah! Doce Loucura! Tu és o dragão que crava suas garras neste chão. Avise-me de antemão, acabarei eu com a Saudades, a Tristeza e a Solidão? Ninguém viu, ninguém vê, ninguém sabe, ninguém fala. Mas todos caíram nesta vala.

Caminho e analiso, que opções eu tenho? Você, ó dragão. Fiques no lugar que você quiser. Mas não derrube sobre mim tua raiva insana. Já tenho o peso do espírito do pesadume e o peso do tempo. Que tanto me fizeram afundar neste local. Veja que a morte é

uma viagem pelas profundezas do inferno. Uma queda eterna! Paraíso? Volto a reafirmar, que conforme sua definição metafísica de paraíso. Como um local de felicidade, tranquilidade, sorrisos e todos os possíveis substantivos positivos relacionados à alegria e à vida. Tal paraíso era na presença dela. Vivo agora este constante inferno. Loucura, tu conhecerias algum caminho rápido para escapar deste local melancólico? Sim, sua realidade é onde você está e não onde deseja estar.

Infelizmente eu não sou tomado pela loucura. Não possuo uma portinha que se abre em minha mente, levando-me para outros mundos mantidos por meu universo imaginário. Tudo que me resta é caminhar e caminhar. Neste mar de sangue e cadáveres devo me afogar. Mergulhar no poço de lágrimas que compõe minha vida. E dele não mais sair. Esqueço-me que já estou morto. Por ela eu morri, por ela ao inferno eu descí. Ó demônio do saber, diga-me, o que devo fazer?

Ah! Devo é descer! Nunca me esquecer, da promessa pela qual devo renascer. Vejo que aqui estamos em uma encruzilhada. Um divisor de águas que aparece em minha morte. Mais uma vez devo usar de meu livre-arbítrio ilusório. Entre dois caminhos, um eu devo escolher. Com o demônio ou com a loucura. Com um deles eu devo permanecer. A escolha já está resolvida nas profundezas do que restou de meus neurônios decompostos. É com o demônio do saber, na companhia do qual tenho que estar. Somente com a ajuda dele, poderia para ela voltar.

Por que se agitas desta forma, Loucura? Queria mais um cadáver para enfeitar a tua caverna infernal? Sabes que não sou digno de sua presença. Agora o júri já escolheu sua sentença. Devo partir. Olhe para trás e veja quem vem me seguindo. A Morte, o Tempo, a Saudades, a Tristeza e a Solidão. Os três últimos assolavam-me em vida. Por tais torturas abracei a oferta da Morte, víbora nefasta. Ao chegar aqui a tríade demoníaca continuou a me perseguir, e ainda continua. De tais demônios nasceu uma prole, o Tempo, que pesa sobre meus ombros mesmo não estando presente. Somente com ela o tempo deixava de existir, e nenhum demônio me assombrava. A vida era mais bela, os dias mais intensos e radiantes. Nenhum mal e nenhum sofrimento pareciam existir. Ah! Sinto falta da linda personificação divina.

Agora vá, Loucura, volte para sua caverna. Antes que eu desista de tudo e me enrole ainda mais em desgraças. Por mais consoladora que sua presença seja. Não deixa de ser, para mim, mais uma desgraça. A estrada é longa, ó demônio do saber. Vamos, pois não temos tempo a perder. Creio que muito mais ainda temos que descer. Vocês que aqui viveram por toda eternidade. Não conhecem o seu próprio domínio?

Não conhecem o caminho de retorno à vida? Certamente não. Guio-me pelas batidas do coração dela e sua suave respiração. Mesmo que eu quase já nem possuía mais audição. Ainda posso sentir sua pulsação. É o que mantém viva minha paixão. É força que me mantém vivo após a morte. Vamos, pois os cadáveres do chão já

começam a se agitar. Tentam se levantar para tentarem me aniquilar. Eles querem ver, o dia em que meus sonhos eu irei renegar. Ah! Mas muito tempo eles terão de esperar. Pois não vou me entregar. E nem a minha amada renunciar.

O chão do purgatório infernal é feito de cadáveres. Cada momento que esperamos, é um aumento na agitação destes seres incompletos. Ó demônio do saber! Apressa teu passo. Siga o meu rastro. Pise nos locais em que eu piso. A descida desta montanha será longa. Seu caminho é estreito e sinuoso. Beira mais um abismo composto de rios sanguíneos caudalosos. Abismos em que a Vida e a Morte dançam lado a lado. Ansiando por suas vítimas. Alimentando a loucura humana das pessoas que são atacadas por esta dualidade infernal. A Vida e a Morte são como dois pastores ambiciosos, separam seus carneiros sempre ansiando por roubarem um a mais de seu vizinho. Brigam, berram e disputam. Não se importam com os sentimentos dos carneiros que se encontram no meio de tal briga mesquinha.

Prossigamos, ó demônio do saber! Antes que aquele dragão, a Loucura, mude de ideia e venha atrás de nós. A insanidade não possui opinião definida. Em momentos ama, em momentos odeia. Em momentos defende, em momentos ataca. A Loucura pode ser a Vida ou pode ser a Morte. É a incerteza que vive além de todas as realidades definidas. É a senhora que constrói seu jardim, é o jovem que destrói um jardim. A Loucura pode ser um sábio, mas também pode ser um inábil.

Por este caminho seguimos, queimando com a chama
infernai da esperança...

PURGATORIUM VIII: O CAMINHO

*"Nenhum caminho de flores conduz à glória".
Jean de La Fontaine*

Cruel é a tortura dos pensamentos que se instalam em minha mente. São os fantasmas do passado que insistem em me visitar. Cada abismo no qual me aprofundo é um passo a mais no inferno. É um sofrimento a mais pelo qual tenho que passar. A sombra da esperança não se estende ao futuro, é apenas uma chama que se mantém dentro de mim. Sua claridade não ilumina o futuro. É como uma luz de velas em um mar de escuridão. Se ela, aquela que eu procuro, estivesse dentro dos limites destes poucos centímetros de claridade, então isto seria o suficiente. Não sei onde ela está, rumo de um lado para o outro. Procurando-a na escuridão, nada encontro. Espero que no futuro eu consiga retornar para junto da presença dela. Retornando também para a vida.

As escadas, que nos guiam na descida por este abismo, são construídas de inúmeros ossos e raízes. Ossos das paixões destruídas que agora jazem nas profundezas demoníacas do inferno. No local em que poetas rejeitados sofrem suas torturas e agonias. Ossos das esperanças e dos objetivos pelos quais poetas lutaram. Restos de batalhas perdidas. Buscas por utopias que foram enterradas. Espero não ver meus restos mortais em tal lugar. E as raízes? As raízes aqui rígidas e secas. São daqueles que ansiaram pelas alturas e afundaram suas raízes nas profundezas da terra. Como uma árvore, alcançaram

os céus e também os infernos. Podem bem ser dos poetas que almejaram alcançar as alturas paradisíacas, mas que para isso tiveram que afundar suas raízes de sustentação até as profundezas viscerais do inferno.

Ó demônio do saber! Buscamos nos infundáveis âmagos desta terra o caminho de retorno. Viva como se algum dia tudo fosse retornar. Tente aproveitar cada gota de chuva, cada lágrima que escorre, cada sorriso, cada dia ensolarado. Não, isso não é possível. Poderia tentar realizar esses proveitos das situações somente com ela presente. Somente isto poderia me deixar contente. Quanto tempo mais até chegarmos ao próximo patamar do inferno? Veja a composição das montanhas que formam este abismo. Corpos empilhados sobre corpos. Alguns adormecidos, outros ainda vivos. Eis o inferno. Vislumbre o sangue que destes seres escorre. Nenhum deles em verdade morre. É o castigo eterno. Nada muito singelo.

Veja todas essas vidas que se perderam. Adultos, idosos, jovens e crianças. Pessoas de todas as idades que compõe este muro que sustenta a sociedade. Fetos e embriões formam a resistente argamassa. A sustentação da escada, formada de ossos, em seus corpos transpassa. Inspire o cheiro de sangue, fezes e urina. Este é o perfume humano. Vidas destruídas por um deus profano. Por isso a lança da razão comigo eu carrego. Forjada em conjunto com aquela que iluminou minha vida. Para ela eu algum dia eu retornarei e este deus eu aniquilarei.

Escada abissal possuidora de muitos degraus. Provavelmente em seu final encontraremos o caos. Os ventos que cantam por estes locais só carregam lamúrias. Levam consigo o som das respirações arfantes dos seres que aqui se encontram. Levam consigo o som do choro dos seres que os sentimentos aqui trancam. Ó demônio do saber, quanto mais ainda teremos que descer? Ao nosso lado na parede de corpos, pessoas mortas ainda vivas. Estendem suas mãos em nossa direção. Pensam que somos seus sonhos ou suas paixões, que destruídos foram. Eternamente presas à este inferno, quanto elas já não sofreram? Quanto mais ainda sofreremos? Quanto tempo mais eu ainda vagarei por este inferno obscuro de dor?

Se a descida está sendo tão longa. Sabendo que quedas são mais rápidas do que subidas. Fico imaginando quanto tempo iremos demorar em retornar à vida, após termos chegado ao fim deste purgatório. Quão árdua poderá ser o retorno. Ah! Esta jornada valerá cada centímetro e cada gota de sangue, quando eu enfim poder ficar diante dela mais uma vez. Quando tal acontecer, a passagem por este lugar nada terá significado. Não será nada além de uma simples brincadeira. Pois junto com ela tudo será melhor.

Prossigamos por este vale das sombras. Ouça, demônio, o que querem estes cadáveres que nos chamam? Vejo que eles são como eu. Perto de tantos outros, mas ainda assim sozinho. Sempre sozinho. Somente com ela, eu sentia uma verdadeira companhia. Somente com ela as desgraças demoníacas de minha mente eram

esquecidas. Ah! Demônio! Tu não me conhecestes em vida, terias visto as palavras que eu ordenava e os versos que eu compunha. Como toda pessoa que tenta escrever, passo para o papel os meus sentimentos. Eles influenciam o assunto das palavras que eu escrevo. Ah! Demônio! Se tu tiveste a oportunidade de ver o que antes eu escrevia. Se ordenasse meus escritos em tempo cronológico. Então tu verias. Que no momento que eu conheci ela. Toda minha vida mudou. Tudo que eu escrevia mudou. Fui da escuridão solitária para a luz presencial. Após, mais uma vez retornei para minhas torturas existenciais. Até o ponto de chegar neste local em que agora estamos.

O princípio de nosso caminho já foi uma escada, o demônio do saber. Rumando para as profundezas. Aqui não possuo noção de tempo. Pois todo tempo esperando parece uma eternidade. É como se eu estivesse possuído por uma enfermidade. Não há mais tranquilidade. Tudo virou obscuridade. Ah! Ainda sofro influência da insanidade. Por que tudo teve que terminar com esta fatalidade? Não poderíamos ter optado pela afabilidade e pela felicidade?

Vamos demônio! Minhas pernas pútridas começam a falsear. Temo que eu possa cair neste abismo e encontrar seu final de forma tão rápida e indesejada. O que são esses seres que voam entre as montanhas e abismos? Sim! São os sentimentos. As criaturas que perseguem todas as pessoas. Atacam-nas quando menos esperam. Podem ser anjos ou demônios. Tudo depende da situação. Podem ser bons ou ruins. Assim como a verdade que também é relativa. Alterando-se conforme o momento em que é requisitada. Neste

mundo tudo é relativo. Tudo depende das diferentes opiniões e informações, conforme o local do qual elas se originaram. São fortemente influenciadas pela imagem de uma autoridade que se oculta atrás de poder governamental ou religioso. Declamadores de falsas verdades. Assim o são muitos dos que tentam usufruir o poder de autoridade.

E quem vem atrás de nós. Perseguindo-nos. Aprese teu passo demônio do saber. A Loucura retorna, espalhando a fumaça de suas chamas por todos os lados. Turvando a realidade. Fúria devoradora que ela emana. É rápida e cruel. Seguimos rapidamente em nosso caminho. Voemos com as asas da morte. Correr por estes degraus de nada adiantará. Logo ela nos alcançará. Veja a horda de demônios que ela trás consigo. São todos aqueles sentimentos que antes avistamos voando por sobre os abismos. Procuravam por nossa presença. Estes cadáveres lamuriantes entregaram-nos. Mesquinhos que invejam os objetivos de nossa viagem.

A estrutura desta escada não há de agüentar muito tempo a mais. Veja como se contorcem os cadáveres no qual estão presos os pilares. Desejam o fim de nossa jornada. Ah! Mas se esquecem de quem somos. Se cairmos, que diferença fará? Já estamos mortos. A dor que me assola é pior que a dor de uma queda física. Pulemos, demônio! Pulemos para dentro deste abismo. Nele se oculta o caminho que procuramos.

Não o caminho de blocos dourados. Mas o caminho de cadáveres ensangüentados. No qual, ao seu final, poderemos talvez

encontrar uma porta que nos leve até nossos objetivos. Que nos leve até a presença dela e da vida. Impulsione este seu corpo deformado e vamos ao encontro do fundo abissal. Neste obscuro vale infernal.

Sinta o cheiro do ar fétido que acaricia nossa pele. Enquanto rumamos de encontro ao chão. A Loucura e sua horda demoníaca vão ficando para trás. Os temores destas presenças são esquecidos temporariamente. Ah! Demônio do saber. O impacto será tão doloroso quanto a dor da rejeição. Poderia afirmar que se eu já não estivesse morto acabaria morrendo. O chão se aproxima mais e mais. Por cima dele os cadáveres rastejam como vermes sobre carne em putrefação.

Chegamos ao fundo e agora sinto apenas a dor, antes da realidade escurecer...

PURGATORIUM IX: O RIO DE LÁGRIMAS

"Sim, eu sou um homem e choro. Um homem não tem olhos? Não têm também mãos, sentidos, inclinações, paixões? Porque é que um homem não devia chorar?"

August Strindberg

Chegamos em mais um patamar do purgatório infernal. Colidimos com os corpos mortos. Cadáveres que acabaram tortos. Formam uma pequena praia na margem deste rio rubro de lágrimas que passa pelo abismo. Águas calmas e lentas, por vezes, violentas e agitadas. Ó demônio do saber, devemos seguir este rio? Sim. Em que lugar estaria o gondoleiro que deve nos ajudar a seguir por estas águas infernais?

Ele vem descendo a correnteza. Trazendo consigo os corpos dos escritores que morreram em dores. Gondoleiro destas águas impiedosas, sua gôndola vai para paisagens menos horrorosas? Se este é o tortuoso rio da vida. Que adentra neste mundo horroroso, trazendo consigo todas estas vidas perdidas. Rio que nasce na superfície iluminada da vida, e em uma grande cascata, infiltra-se para os recintos da escuridão. Águas de lágrimas sangüíneas que correm para lugares em que o Medo é o demônio mestre.

Permita-nos que prossigamos neste rio usufruindo sua gôndola. Creio que ainda há espaço em sua embarcação. Somos apenas um poeta lamuriante e um demônio enfraquecido. Por que ocultas a tua face, gondoleiro? Tu estás agindo da mesma forma que

as pessoas que ocultam pensamentos. Temerosas de que tais pensamentos possam ser roubados de suas mentes. Saiba, gondoleiro, e ouça também, demônio do saber. Faço-lhes saber, que ideias, pensamentos, razões e emoções, são apenas variantes de um mesmo ser. Não são estruturas isoladas e separadas. Nasceram de uma mesma progenitora. Tentar separar estas criaturas é ilusão. Estão sempre interligadas. Acabam sempre influenciando todas as escolhas que fazemos. Quase impossível é agir somente com um deles. Razão e emoção, você me questiona? Como você sabe quando está agindo com emoção ou razão?

Estas duas palavras não são opostas. Não existe nenhuma linha que divida as duas. Elas estão sempre interagindo. São duas damas dançando neste gélido mundo. Portanto, gondoleiro, não escondas a tua triste face. Disso tenha certeza. Pois a vida e a morte são recheadas de incertezas, são tempestades que assolam os gondoleiros que seguem por este rio da vida. Não é fácil manter-se inteiro. Nada fácil é não se afogar antes que a grande queda chegue aos nossos pés. Aqui estamos, no trajeto que o rio da vida tornou-se o rio da morte.

Um rio que une dois opostos ilusórios. Eu também em vida, gondoleiro, batalhei para tentar acabar com a dança destas duas damas, a razão e a emoção. Veja que isto foi em vão. Não há como separá-las e nem mesmo a morte pode realizar esta cirurgia. Se isto tivesse acontecido, no presente momento eu estaria simplesmente

morto. Não estaria nesta viagem para tentar retornar à vida. E então talvez rever minha doce amada.

O que são essas bolhas que emergem do fundo deste rio de lágrimas sangüíneas, gondoleiro? Ah! Eu bem imaginei. Lamúrias exaladas dos pútridos pulmões daqueles que se afogam em rios de lágrimas e agonia. Pessoas que nunca mais admiraram o amanhecer de um novo dia. Enamorados que nunca mais se encontraram abaixo da luz do luar. Vidas perdidas e sonhos esquarterados. A nascente deste rio, ainda em vida, é na presença dos sonhos. Neles estão as nascentes que mantém as águas deste rio. Se toda correnteza ruma para algum oceano. Ao final deste haverá então um grande oceano, composto pelos sonhos assassinados, que voaram para a morte. Estando em tal local, ao fim deste rio infernal, como retornar para ela? Como retornar para a vida?

Afirmas que este rio é incerto? Que para cada novo patamar abissal há um pequeno remanso. É como envelhecer. Cada patamar possui uma nova etapa da vida ou da morte. Pois cada novo dia é mais um dia de vida e também mais um dia caminhando para a morte. Quando jovens, ansiamos pela liberdade, ilusória e inexistente. Queremos ser livres de tudo, sonhamos com nossas utopias de mudar o mundo. Claro, que ninguém jamais desfrutou da real liberdade. Quando começamos a envelhecer, passamos a temer a solidão.

Todos os amigos passam a ter suas vidas e suas próprias famílias. Enquanto alguns permanecem acorrentados no mesmo lugar sem seguirem adiante. Sofrem e contorcem-se tentando saírem do

local em que estão presos, mas nada funciona. Cada ciclo que termina é um passo a mais rumo a solidão. Mais e mais barreiras e distâncias vão surgindo entre os amigos. Estando tomados por tal medo, passamos a ansiar pelo “amor” e pela companhia da pessoa amada. Na certeza de que com ela a solidão não mais nos atormentará. Pensamos nesta pessoa como um porto, para o qual retornamos escapando das tormentas. Sabendo que com esta pessoa sempre poderemos encontrar um abraço acolhedor.

No entanto, quando este porto rejeita nossa presença. Surgem então as revoltosas correntezas da vida que arrastam-nos para as profundezas infernais! Nos locais em que queimamos, sofremos, somos torturados, amaldiçoados e tudo que compõe a vida se transforma em dor e mais dor! Apenas porque tentamos correr atrás da mútua felicidade. Vê, gondoleiro, não é somente você que está sendo atormentado. Tu terminaste neste lugar da mesma forma que eu. Infelizmente, você desistiu de seus objetivos. Eu e o demônio do saber temos grandes objetivos. Nenhum deles subjetivo.

Vamos, pois o peso do tempo aumenta a cada momento. Esse é meu eterno tormento. Ó demônio do saber! Apresse este gondoleiro. Antes que retornem os demônios do desfiladeiro. Não bebas das águas deste rio. Elas podem ficar presas em tua garganta. Como uma serpente que se oculta em sua toca para dali não mais sair. O que são as serpentes venenosas que se ocultam nas cordas vocais das pessoas? São as palavras frias e afiadas que destroem o humor de qualquer um que busca alguma forma de ascensão.

São as palavras gélidas que tentam desvirtuar toda a razão e emoção. São as flechas da tríade demoníaca. São as lanças que a prole nefasta, o Tempo, empunha para sua batalha. Ah! Gondoleiro! Aprese esta embarcação. Enfrentemos estas águas nebulosas para o encontro de nossos objetivos. A vida segue um fluxo de uma única direção. Assim também é a morte. Para nadar contra as correntezas precisamos chegar ao fim das mesmas. Conhecer todo o trajeto que o rio percorre. Somente então poderemos retornar até as nascentes.

Este patamar que agora atravessamos, que lugar seria? Ah! As expectativas destruídas. Aqui são jogados todos os cadáveres e restos mortais das expectativas que tanto cresceram, para então serem cruelmente apunhaladas. Pelo chão se espalham os mais variados cadáveres. Das expectativas das mães que ansiavam pelo filho que se desenvolvia em sua barriga que então foi abortado. Das expectativas das pessoas que ansiavam por uma cura de suas doenças, mas nenhuma divindade ajudou-a. Das expectativas dos poetas que perderam suas inspirações. Estão todas aí. Espalhadas pelo chão em putrefação. São vermes que rastejam, pássaros negros que gorjeiam. Bactérias que se deleitam neste festival cuja única rima da canção no remete à decomposição.

São as cinzas dos sonhos que ardiam em vida e que foram apagados por baldes de água fria. Quantos embriões de ideias que foram abortados das mentes férteis. Expectativas das pessoas que sonhavam com uma vida melhor e tudo que encontraram foi a dama de vestes negras.

Ó demônio do saber! Não me pergunte o porquê. As coisas simplesmente são. Muitas sem uma única razão. Nada possui um sentido lógico. Há muito tempo que você já está longe do mundo dos não-mortos. Tu precisas retornar com urgência para aquele mundo. Com a mesma urgência que eu necessito do olhar dela. Quantas das nossas expectativas são destruídas em vida? Quantos sonhos são apagados? Quantos embriões de ideias são abortados?

Segurem-se firme! Assim fala o gondoleiro. Pois muitas são as reviravoltas que ocorrem no rio de lágrimas que compõe a vida. Fortes são as corredeiras que impulsionam os vivos em direção à morte. Fortes são as corredeiras que impulsionam os mortos em direção ao verdadeiro nada. Ao fim após o fim. O lugar em que nada persiste. Em que nada existe. O nada absoluto é o oceano no qual deságua este rio pelo qual seguimos. Pode realmente haver alguma forma de voltar para ela após chegar ao nada? Seria essa apenas mais uma falsa expectativa fadada a morrer? Somente seguindo por este rio encontrarei as respostas que eu tanto procuro.

Vamos, ó demônio do saber, ajudemos o gondoleiro a remar...

PURGATORIUM X: O FALSO MESSIAS

“Por que não ficou ele no deserto, longe dos bons e dos justos? Talvez houvesse aprendido a viver e a amar a terra e também o riso! Crede-me, meus irmãos! Morreu cedo demais! Retratar-se-ia da sua doutrina se tivesse vivido até a minha idade!”

Friedrich Nietzsche

A queda para mais um patamar nas profundezas do purgatório infernal. Cada vez mais rumando para o extremo fundo abissal. A queda da gôndola na cascata. Ó demônio do saber! Sentes este ar nefasto cortando tua pele? É o pior dos ares! Vento que se espalha através destes mares. Vento do medo e da tristeza que sustenta os inúteis santos em seus altares. Desta longa queda junto com a gôndola, afundamos no lago de lágrimas sanguíneas, para então emergir. E mais uma vez pela superfície do rio prosseguir.

Gondoleiro! Tu remas neste inferno no qual com meu sofrimento eu permeio. O que tu me dizes da visão deste lugar, demônio do saber? Estamos a ponto de enlouquecer. Acredito que se para ela eu não retornar, a Loucura será o destino que eu terei de encontrar. Todos estes corpos que compõe a estrutura do inferno. Atormentados pela dança realizada pelas duas damas: Razão e Emoção. Mas também pelos eternos embates travados entre a Vida e a Morte.

Ah! Demônio! Espero que tu sejas forte. Vê esses copos que neste patamar abundam? O chão é enegrecido pelas chamas da esperança que aqui queimaram. Eles tinham esperança demais.

Infelizmente suas vidas se apagaram. Estes que aqui se encontram crucificados são os eternos sonhadores utópicos. No entanto, a suprema divindade é insensata e cruel. Por isto temos que assassiná-la, para ver mais uma vez o céu. Estes aqui aprisionados são os que tentaram combater a divindade. Passemos em silêncio por seus cadáveres. São guerreiros que merecem respeito e descanso. Tentaram enfrentar o deus da sociedade. Sem sua presença, demônio do saber, a lança da razão não atinge o alvo com intensidade. Sem o olhar dela, também não existem forças para arremessar a lança contra o deus das atrocidades.

Que dúvida aflige sua mente, gondoleiro? Questiona a si mesmo sobre aquele hebreu que tanto falam, afirmando que ele foi o filho de deus? Aquele que chamavam de messias. Pergunto-te, gondoleiro, tu que estás sempre navegando entre as águas da vida e da morte. Nunca apareceu por aqui um homem como ele? Que seria tão supostamente possuidor de toda a bondade e do amor do mundo? Que supostamente morreu por toda a humanidade? Não escondas a tua cara, gondoleiro! Sabes a verdade a respeito deste falso messias! Sabes a verdade a respeito deste messias inexistente!

A vida desse messias é imersa em hipocrisias. Ó demônio do saber! Ilumine a mente deste homem velho e cansado, ele passou toda a vida acreditando em mentiras. Salve-o para que enfim ele possa descansar conhecendo a verdade. Saiba que esse messias não existiu jamais. Portanto, não te aflijas mais. Mesmo que ele tivesse

existido, ele então se envergonharia de seu próprio pai. Tamanha as atrocidades que ele faz. Nunca permite que alguém desfrute a paz.

Este messias inexistente, assim como todos aqueles que pisaram sobre as terras dos não-mortos, não passam de pregadores do falso amor e da falsa piedade. São homens que não pensaram por tempo suficiente. Não conseguiram raciocinar de forma coerente. Ah! Demônio do saber! Acabe com esses precursores de crenças de além-mundo. Criaturas decompostas e fétidas que acorrentam as pessoas por meio do medo de punição. Gondoleiro, o inferno não está cheio de pessoas que tentaram lutar por sua liberdade?

Se assim é. Então imagino que a divindade queira para si apenas os cordeiros obedientes. Que rumam para o matadouro sem nunca questionarem qual o destino do caminho que seguem. O falso messias andou sobre as águas, transformou água em vinho e multiplicou os pães. Somente um ser vil tenta pisotear as águas ao invés de nadar imerso nelas, entre as ondas que acariciam os continentes. Muitas coisas ele supostamente falou. Apenas repetiu aquilo que outros já havia falado antes dele. A multiplicação de pães não foi o suficiente, pois a fome ainda assola o mundo. E não há nenhum sinal da presença de seu deus imundo. Pois muitos famélicos continuam a se afogar no rio de lágrimas. Transformou água em vinho? Oh! Que bonitinho! Que bem tal transformação da matéria traria? Somente aqueles que ainda não foram possuídos pelo demônio do saber ainda se curvam perante tais histórias. Teu retorno ao mundo dos não-vivos é assaz necessário, demônio do saber!

Afirmas então que aquele homem lutou pela liberdade e o bem de todos? Então tu não fazes ideia do que é liberdade. Ainda terás de ficar demasiado tempo preso junto da tua gôndola até que compreendas o que realmente é a liberdade. E o bem? Não sabes nem que o bem é tão esguio e traiçoeiro quanto uma serpente. Volte para tua gôndola! Seja possuído pelo demônio do saber! Bem e mal são duas bolas de massa disformes. São termos usados para definirem atos e ações. Variam tanto, sempre procurando agradar as multidões. Cada pessoa, cada povo e cada nação. Tem para o bem e para o mal a sua própria definição. Por detrás de tais definições giram os interesses mais perversos e cruéis de cada pessoa.

Aquele que abre a boca afirmando realizar um ato para o bem de outro. Este é a víbora mais perigosa. Caridade é a máscara que oculta a perversidade. Ninguém realiza o bem, apenas por fazê-lo. Aprenda isso, ó gondoleiro. Nas profundezas de todo ato bondoso se oculta alguma forma de interesse do realizador. Todo ato possui um custo. E este custo precisa ser pago na mesma moeda. Bem e mal são feitos do mesmo material. A sua única diferença está no nome e na aparência superficial. O homem ainda é um animal abobalhado. Demorará muito tempo até que ele possa ser superado. Quais são os seus interesses mais profundos? Qual o vil egoísmo que move suas ações?

Ah! Demônio do saber! Aproxima-se o momento em que deveremos abandonar esta gôndola. Para que assim prossigamos caminhando por sobre o tapete de cadáveres. Deslocar-se por sobre

as águas é fácil demais. Precisamos das torturas do caminho. Precisamos sofrer por nossos objetivos. Devo continuar sofrendo por ela. Para que toda essa viagem vire uma grande sequela. As tempestades que derrubam nossa mente. São as forças que moldam o caráter e fazem germinar cada ideia, como se fosse uma semente.

Sim, eu bem sei que a qualquer momento a tríade demoníaca pode retornar. Aqueles três demônios se escondem em qualquer recanto obscuro. São três que formam um e um que formam três. Não desejo a presença desta tríade a ninguém. Não retorne a falar de messias. Esta palavra apenas demonstra o quão temerosa é a humanidade. Este ser cruel distribuidor do monoteísmo. Monoteísmo? Não. As pessoas louvam os santos como se estes fossem deuses também. É politeísmo disfarçado sob o manto de monoteísmo, santos são basicamente deuses, que perante o suposto deus, estão aquém.

A invenção de santos a cada nova geração não passa de uma ferramenta para revigorar a fé das pessoas. Sim, pois estão sempre procurando criar novos santos. Ah! Demônio do saber! Veja como as pessoas se enganam. Usam a palavra “santo” para referirem-se às pessoas que nunca fizeram nada de errado contra as morais vigentes. Estão cegos por suas crenças que não são nada inteligentes. Ninguém sabe quase nada sobre a vida dos santos. Foram homens e mulheres como todos os outros. Assim sendo, também estiveram fadados a cometerem os mesmos erros.

Em verdade, as pessoas pouco se importam com a maneira que tais messias viveram. Somente o que importa são as mágicas

infantis e os milagres enganosos que receberam. Desembarquemos desta gôndola, demônio. A cada passo que damos em direção aos objetivos que procuramos, mais afiada se torna a lança da razão. Devo segurá-la firmemente em minha mão. É tão valiosa quanto a caixa de lembranças que a vida me deu. Assim não esqueço da felicidade que no passado se perdeu.

Agradeço-lhe, gondoleiro. Deste ponto em diante seguiremos com nossas próprias forças. Como valentes prisioneiros que rumam corajosamente para suas próprias forças. Tenho uma promessa para cumprir, essa ideia não irei suprimir. Se ao inferno eu vim, pode ser que de alguma forma eu retorne para a vida enfim.

Queres algo em troca do transporte que nos oferecestes? Agora então percebas o que eu havia lhe falado sobre o bem e o mal. Aqui nesta profundidade infernal, da qual você não irá sair. Tu ainda anseias por obter algo em troca de tal ação bondosa. Isto que tu afirmas ser um seguidor fiel do falso messias e de seu pai inexistente. Se tu queres tanto algo em troca, use então as palavras que neste trajeto eu lhe ofertei. Com elas a viagem pelo rio eu já paguei. Volte para teu trajeto, gondoleiro.

Mais um passo que damos em direção à vida e rumo a ela. Avancemos por sobre estes cadáveres...

PURGATORIUM XI: AS MARIONETES

*"Todo o homem tem em si um ditador e um anarquista".
Paul Valéry*

Há quanto tempo já caminhamos por entre estes seres em putrefação? Nenhuma ação parece ter alguma reação. Meus decompostos pés já estão calejados por vermes. O campo de crucificados ficou para trás. Espero que o gondoleiro encontre sua paz. Avançamos agora rumo a um novo andar do inferno. Um local em que todos os condenados possuem seu terno. Ó demônio do saber, suponho que tu não conheças os mistérios que encontraremos neste patamar? Paremos por um instante, apenas para observar.

Lembremos de nossos objetivos! Retornar para junto dela e da vida! Levar você, demônio, ao mundo dos não-mortos. Aniquilar aquele deus devorador de corpos. Neste local em que estamos, o que seriam estas estruturas de madeira sustentadas pelo nada, em que cada extremidade possui uma corda pendurada? Marionetes! Eis a resposta. Veja os cadáveres presos pelas cordas da manipulação. Não são donos de nenhuma ideia e muito menos de alguma ação. Sim, demônio do saber, eles não estão aqui por terem sido alienados. E sim por terem sido revoltados.

Os cordeiros obedientes rumam para o pasto de deus. O pastor não quer pensadores entre os seus. Todos estes aqui aprisionados em vida foram livres-pensadores. Lutaram por sua liberdade e aqui acabaram, em um mar de muitas dores. O motivo tu

me perguntas, demônio? Eles se cansaram de ser manipulados pelas autoridades governamentais vigentes. Eram cidadãos exigentes. Pois sabiam que o governo deve ser composto de representantes do povo. Que façam o melhor para todos. No entanto, os supostos representantes do povo nada fazem além de desviar todos os impostos. A corrupção está instalada no âmago do governo.

Entretanto, se o governo é corrupto. Não se trata apenas dele. Se ele é apenas uma representação do povo. Chega-se a conclusão de que o povo também é nefasto e corrupto. As grandes massas populacionais não possuem opiniões individuais. Mas basta que um indivíduo tenha poder em suas mãos, mesmo que este tenha saído da miséria do chão, e logo, este indivíduo irá usurpar tudo que puder do povo que o escolheu. Todo símio sempre quer ser o dono do bando. Ter pessoas o servindo, ter escravos econômicos.

Sim, ó demônio do saber! A escravidão foi abolida. Mesmo assim ainda somos escravos do sistema econômico. Ninguém possui liberdade. Não existe nenhuma “terra da liberdade”. A economia acorrenta a vida de todas as pessoas. Sem a moeda de troca nada se consegue nessa vida. Em última instância, trabalhamos para conseguir moedas fornecidas pelo governo, e logo, devolvemos essas moedas para termos uma casa para morar e comida para nos alimentar. Somos escravos que não possuem direito nem mesmo à senzala e comida. Em que lugar foi parar nossa vida?

Estes que vemos neste patamar infernal. São justamente os que tentaram mudar os sistema social. De que vale uma pessoa que

pensa entre milhões que não pensam? Pode ser melhor do que nenhuma que pensa. Para aqueles que pensam, toda essa manipulação torna a vida tensa. Para aqueles que não pensam, nenhuma diferença fará. Pois acreditam que o governo sempre os alimentará.

Quantos cadáveres pendurados. Lutaram por liberdade em vida. Após a morte, encontraram a eterna manipulação. Nossa batalha de retorno à vida e a ela. Também será em prol destes que aqui se encontram. Com o teu retorno ao mundo dos não-mortos, demônio do saber, tu verás que uma nova era há de nascer. Pois somente o teu inferno em terra poderá fazer alguma coisa acontecer. Bastará um anoitecer. Quando o novo dia amanhecer, tudo estará diferente. Poderemos então ser considerados um mundo independente. Ah! Doce sonho utópico! Tão doce quanto era a presença dela.

Perguntas para mim se as pessoas possuem cultura? O que afinal vem a ser a cultura, ó demônio do saber? São definições escolhidas por autoridades. O que ela realmente é. Conjuntos de tradições e crenças? Se for apenas isso então o futuro estará perdido. Tradições nem sempre são úteis e muitas vezes podem ser abomináveis e ridículas. Tal como as inúteis crenças que servem apenas para degradar o imaginário humano. Afirmam que cada povo ou cada subconjunto da sociedade possui sua própria cultura. E de que isto serve? Ah! Para as pessoas se identificarem com algo? Para não ficarem perdidas sem saber suas origens?

Nem toda origem fornece orgulho. Por que as pessoas ficariam perdidas? Viva o presente, pense no futuro, aprenda com o passado. Não há motivos para manter vivo aquilo que muitas vezes acaba por ser inútil. Cultura, ó demônio, deve ser vista como uma ferramenta que tenha como objetivo levar a sociedade para um caminho em que a razão e a emoção convivam perfeitamente em conjunto. Criando um perfeito avanço. Uma conciliação entre as duas damas. Para que elas continuem com sua gloriosa dança. Mantendo acesa a chama infernal da esperança. Para que lado a sociedade avança?

A liberdade é um produto que custa muito caro, ó demônio do saber. Muitos apenas a encontram quando já estão em avançada idade. Outros apenas na presença da insanidade. Por vezes, a felicidade pode nos fornecer um ilusório gosto de liberdade. Como uma leve pitada de açúcar colocada sobre a língua. O sabor desaparece, a escravidão retorna, e tudo vira uma grande íngua.

Essas marionetes cadavéricas assombrarão meus sonhos durante anos. O futuro dos sonhadores utópicos é encontrar aquilo que eles tanto repudiaram. Sonhos que nunca se realizaram. Causam apenas morte em eterna agonia. Ah! Demônio! Preciso relembrar do olhar dela. Preciso recordar a presença dela. Recuperar minhas forças para esta viagem. O semblante dela está em minha mente como uma fixa imagem.

Quando tudo isso que aqui eu lhe falei irá mudar? Nem mesmo eu sei, demônio. O mundo é uma caixa de incertezas. Em

alguns recantos ainda possui suas belezas. Quando se chega ao nível de sociedade. Quase tudo vira apenas atrocidade. Os líderes querem comandar suas hordas de escravos. Enquanto tais líderes assim pensarem todas as pessoas não passarão de marionetes. Fixas em suas cordas de manipulação. Num mundo em que a esperança poderia estar naqueles que ainda chegarão. Às vezes, acaba-se por perder a visão. Pois talvez um dia todas as utopias acabarão.

Tenta-se em vão nadar contra a correnteza. Somente resistem aqueles que possuem alguma destreza. Por quanto tempo? Apenas enquanto tiverem forças. Sonhos que não podem ser compartilhados acabam por desabar. Vidas imersas em solidão logo encontram a morte. Vitórias comemoradas no isolamento acabam com qualquer pensamento. Tudo acaba por virar um eterno tormento.

E quanto mais a vida passa. Mais conhecimento adquirimos, vemos que nem sempre eles são úteis. Pois é difícil o retorno intelectual colocar comida sobre a mesa. Tal retorno vai contra as correntezas da sociedade. Na qual apenas retorno financeiro pode manter você vivo. Ninguém consegue ser livre. Desistir? Que diferença fará. Prossigamos para ver como tudo acabará.

Os pensamentos rompem as cordas que nos tornam marionetes. Tão logo nos libertamos, ansiamos para voltar para o colo materno. Vemos o quão cruel o mundo pode ser. Seus amigos tornam-se concorrentes. Ninguém mais estenderá a mão para você. Andamos como cegos sem rumo. Esbarrando nas farpas afiadas das desgraças alarmantes que nos rodeiam. Ninguém se importa com o

que as pessoas sentem ou pensam. Apenas com quanto dinheiro elas compensam. Eis o segredo da sociedade.

Quando em um meio capitalista. Deveríamos agir como capitalistas? Se você não agir, passará a viver na miséria. É a confusão que se instala na mente. Sabemos que este não o melhor para todos. Entretanto, se não agirmos desta forma. Acabamos por morrer e sofrer. Ah! Demônio do saber! Diga-me o que devo fazer? Sem ela não encontro respostas para nenhuma pergunta. Tudo se torna dúvida e escuridão. Quais as torturas que ainda nascerão?

Cuide para não se enroscar nestas amarras. Ou logo você acabará como uma marionete. Para cortar estas cordas eu não trouxe nenhum canivete. Tenhamos cautela ao passar por entre estes cadáveres aprisionados. Quantos deles pelos seus sonhos foram apaixonados. Agora jazem aqui como se estivessem encaixotados.

Paremos para descansar, há muita coisa para lembrar...

PURGATORIUM XII: O DESCANSO

"Eu sei que é moral o que nos faz sentir bem depois, e imoral o que nos faz sentir mal depois".

Ernest Hemingway

Paremos para descansar, ó demônio do saber! Já é tempo de repormos as energias de nossos corpos pútridos. De que forma nós conseguimos nos manter em tal lugar? Eis uma grande pergunta. O tempo pesa sobre nossos ombros. Ainda assim é como se o mesmo não existisse. Sentimos o peso do tempo, estando em um lugar em que ele não faz efeito. Se pararmos para descansar. Sobre o tapete de cadáveres teremos que sentar. Espero que estes não comecem a acordar. Ou isto poderá nos atrasar.

Andar no inferno é como andar pelo mundo dos não-mortos. É estar em meio a uma grande multidão e ainda assim se sentir só. Todos se consideram sociais, ridícula é tal afirmação. Pois não nos comunicamos e nem interagimos com aqueles que não façam parte de nossos pequenos e fechados círculos sociais. Ah! Dentro de si toda pessoa ainda tem muitas características dos outros animais. Todos os instintos escondem-se abaixo da fina cortina que forma a nossa auto-estima egoísta.

Todos vivem seus pequenos devaneios delirantes. Seriam apenas irracionais andantes? Deslocam-se pelo mundo envoltos pelas alucinações de suas imaginações. A imaginação, a máquina que nunca para. Sempre funcionando em nosso encéfalo. Quando a

imaginação resolve atuar junto com os sentimentos. Surge então aquilo que todos chamam de sonhos. Ah! Demônio do saber! São nossos delírios imaginativos que acabam por definir os sentimentos? Delírio que só resiste o mesmo tempo que um lírio que cresce em pavimentos. Símio, é pela fêmea que tu duelas? Mesmo que para isso teu corpo fique imerso em sequelas. O corpo destruído não é pior do que uma mente conturbada. Que por seus sonhos destruídos foi profundamente perturbada. E agora onde está minha amada?

Veja, ó demônio. Que muitos dos demônios que assolam as pessoas são justamente seus sentimentos. Eles causam medo, tristeza, felicidade, paixão, repúdio ou apego. Seja em relação às outras pessoas, aos outros animais, aos objetos e as atividades. Negar que possuímos tais demônios, ou instintos se assim você preferir, é o mesmo que negar toda a nossa natureza. Dentre todos esses demônios, talvez o mais cruel deles. Provavelmente seja um sentimento que chamam de amor, paixão ou gostar. O mais cruel de todos os demônios. Questiona-me por quê? É um demônio de três faces ou que recebe três denominações diferentes. Que sempre é dividido em três fases. Mas são todos o mesmo ser. Ataca as pessoas e faz elas sofrerem. Oferta a felicidade em uma mão. E se tudo acaba ele apunhala as pessoas com a tristeza. Em nosso anseio cego, aceitamos todas as ofertas. Viciados em felicidade, esquecemos as consequências de tal vício. Sempre queremos mais e mais. Pois os períodos de abstinência quase nos levam ao suicídio. E levam! Não foi este ato que cometi somente para provar meu amor por ela? Sim!

Aqui estou eu. Conversando com um demônio, sobre outros demônios. Devido a uma promessa que para ela eu fiz.

Ah! Demônio! Horrível é esta sensação de sentar-se sobre pessoas mortas. É a mesma sensação que temos quando todos nos fecham as portas. Com todo esse sofrimento tu se importas? O choro e a solidão duram durante horas. O mundo afunda mais e mais, desde que ela foi embora. Sempre sinto os cortes causados pela malévola tríade demoníaca.

Afirmas que minha moral é apenas a de um ser humano defasado que tenta viver de falsas utopias? Pergunto-lhe, demônio do saber, o que vem a ser a moral? Não existe uma moral certa ou errada. Existem valores tradicionais de povos medíocres. Pois toda e qualquer moral acaba por ser influenciada por nossos instintos animalescos. Criam-se assim na sociedade os pensamentos mais grotescos. Moral independe de vontades divinas. Toda moral é criada dos homens para os homens. E quando estamos em meio as grandes massas populacionais, acabamos por aceitar as morais estabelecidas em tal conjunto de pessoas. Assim cada povo tem suas morais. As grandes massas populacionais agem como certas torcidas esportivas, se um indivíduo começa a berrar, logo todos seguem aquele que iniciou a ação. Trata-se, pois, do comportamento de rebanho que também ocorre entre os não-mortos.

Ah! Mas os não-mortos sempre se afirmam como sendo seres únicos e individuais. Divinamente especiais. Muito bem lembrado, demônio do saber! Isto demonstra como é fraco o

conhecimento das pessoas sobre si mesmas. É chegado o momento dos não-mortos descerem de seu pedestal até o nível dos mortos. Observarem que quando a Morte vem ao nosso encontro, tudo que nos compõe passará a compor outros seres. Será a festa dos vermes necrófagos. A superfície da pele é lisa, bela e cheirosa. Nas entranhas viscerais estão as nossas composições infernais. As pessoas são contraditórias naturalmente. Divididas em muitos aspectos que compõe a mente. Anseiam pelo conformismo de deixarem tudo como está. Vivem assim repudiando qualquer mudança. Até que enjoem de tal ideia estagnada. Então passam a ansiar pelo novo. Desde que não contradiga o antigo já pré-estabelecido. Venha o futuro, mas o passado não pode ser esquecido.

Levantemo-nos, demônio. Já estamos demasiado tempo por entre estes cadáveres. Não posso me tornar mais cadáver do que já sou. Um poeta apaixonado que se matou para cumprir a promessa de sua amada. Que ao inferno veio. Em tal lugar um amigo encontrou. Se é que posso chamá-lo assim, demônio do saber. Se não somos amigos, então pelos menos somos soldados de um mesmo exército, lutando por objetivos semelhantes.

Tu me perguntas se eu sinto culpa pelo suicídio, demônio? Eu diria que não. Certamente não. Afinal o que vem a ser a culpa? Se não todo o peso do tempo sobre nossos ombros. Fazendo-nos afundar no solo lodoso dos erros do passado. Afundando e se afogando. Engolindo toda a lama agourenta e fétida dos atos irracionais. Não é o sentimento de culpa que as crenças injetam nos homens? Não é

este o veneno daqueles que são chamados sacerdotes? Fazendo as pessoas passarem a vida inteira imersas nas águas lodosas. Tomadas por sentimentos de culpa pecaminosa. Ainda assim, a culpa faz com que possamos aprender com os erros do passado.

Ah! Demônio! Por que as pessoas morrem por ideais? Não sabem elas que ideais não passam de conceitos criados pela mente humana? Então quais motivos levam as pessoas a se matarem por crenças religiosas e ideológicas? Vidas só devem ser trocadas por vidas. Esta é a moeda comercial entre a Vida e a Morte. Matéria só pode ser trocada pela matéria. Assim como ideias só podem ser trocadas por ideias. A mudança de pensamentos é parte fundamental do crescimento de um não-morto. Por isso, demônio do saber, seu retorno para a presença dos não-mortos é tão importante.

Pois além de minha necessidade de rever minha amada. Já é também chegado o momento de uma mudança de pensamento em nossa sociedade. Apesar de que alterar os conceitos pré-estabelecidos nela possa ser de extrema dificuldade. Não será fácil acabar com toda a mediocridade. Que tanto abunda em nossa sociedade.

Ah! Cada passo rumo ao futuro deste caminho é um novo ataque ofertado pela tríade demoníaca. Sinto como se eu mesmo tivesse sido amarrado, crucificado e esquartejado. A dor da decomposição continua com sua visita constante. Apesar de o corpo não se destruir em um instante. Minha face já não possui mais um fixo semblante. Uma eterna metamorfose da putrefação, na qual eu

acabo ficando ainda mais imerso em necrófaga comiseração. Vislumbro minha própria destruição.

Aqui não vemos nem o amanhecer e nem o anoitecer. Tudo gira em torno do eterno apodrecer. Da desorganização de átomos e moléculas. São as raízes da morte que espalham pelo ar as suas féculas. A nevralgia que tanto cria agonia. Por ela tudo isso eu repetiria e nem mais reclamaria. Com a dor eu logo me acostumaria. Eu me conformaria? Para aquele que todo dia sofre, que nunca viu a alegria, por que ele logo não morre?

Aquele que provou da alegria. Nenhum tormento mais aguentaria. Se tivesse que permanecer em eterna agonia. Assim como eu, com sua vida ele acabaria. Podendo até se enforcar em uma estrebria. Ou os pulsos ele cortaria. Com o veneno, sangue ele vomitaria? Talvez nenhuma pessoa com ele se importaria. Nenhuma lágrima, por ele, no chão cairia. Apenas mais um que com a Morte estaria. Qual a escolha que você faria?

Para nós, ó demônio do saber. Só nos resta caminhar. Avançamos em direção daquela escada para o próximo patamar. Cada escada é uma transição, entre duas mudanças de pensamento. Toda escada é uma ponte sobre um novo abismo, que interliga dois ideais distantes e diferentes. Quando todos os ideais estão conectados de alguma forma. Para o bem ou para o mal. Seja qual o conceito destes que você possui em sua mente animal. Forma-se então o principio de nossa sociedade infernal.

Cada passo dado para o futuro, é um passo a mais rumo ao verdadeiro fim...

PURGATORIUM XIII: A DONZELA

“Quem deseja, sofre; quem vive, deseja; a vida é dor”.
Arthur Schopenhauer

Ó demônio do saber! Quem é esta que vejo em nossa frente. Dançando entre os cadáveres, acariciando os mortos e os não-mortos. Desloca-se sorrateira por todos os portos. É a donzela que está presente em todos os momentos de nossa vida. Sempre espiando nossos atos, aguardando o derradeiro momento de nos acariciar com seu véu. Nos momentos em que ela está presente ansiamos para que exista um paraíso no céu. Doces ilusões que tanto abundam em nossas inúteis vidas. Os únicos que possuem razão e inteligência são os suicidas. Estes fazem valer a pena as escolhas previamente decididas. Esta donzela que tanto nos observa é aquela que chamamos de Dor.

Afinal, demônio, o que se obtém com a vida? Nada além do fornecido pela morte. Só que na vida você sofre, enquanto na morte você nada sente. Se não fossem pelos momentos de sofrimento, talvez a vida perdesse seu real valor. Valor este que nem chega a ser significativo. Podemos acabar com nossas vidas quando quisermos, isso é um triunfo magnífico! Matem-me ou deixem que eu me mate. Afinal já estou morto, apenas mais um poeta que foi para o abate.

Não somos donos de nossas escolhas? Ah! Sim! O livre-arbítrio ilusório. Então escolhas acabar com tua própria vida! Eu já acabei com a minha. A escolha magna de toda pessoa. Tu queres

morrer ou viver? O que você tem a perder? Não é uma escolha difícil, basta uma lâmina afiada, um movimento e um beijo da Dor. E o que é um leve beijo ofertado pela Dor? Para vós que já nascem causando dor e devem sentir dor para começarem a respirar. É a dor que mantém a roda da vida em seu eixo. Para que tudo não termine em desleixo.

A Dor é a grande mantenedora da ordem social. Trabalha em conjunto com o Medo. Marcam suas ordens na memória encefálica das pessoas. Dor, em quantas mentes tu constantemente ressoas? Os maiores covardes são os que temem a dor da morte. Não sabem que esta dor é ínfima perto das dores que encontramos ao longo da vida. Não sabem eles que a morte é apenas um retorno ao início, ao que havia antes da vida? As pessoas perdem seu tempo atribuindo valores à eternidade e à vida. Sendo que estas duas valem apenas o mesmo que um aglomerado de cadáveres humanos.

Não é através da dor o caminho mais fácil para o condicionamento animal? Tu não se esqueces que os humanos também não passam de animais. Animais que aprenderam alguns pequenos truques como escrever e falar. Hoje se destroem com seus brinquedinhos, lutando por pedaços de terra e por líquidos negros oriundos da putrefação. Tolos é o que estes não-mortos são! A dama da Dor ainda irá acariciá-los durante muito tempo.

Perceba, demônio do saber, que com o *Homo sapiens*, o condicionamento não é diferente. Observe a criança que precisa apanhar ou ser xingada pelos pais para então aprender a realizar suas

ações conforme o conceito de certo em seu meio social. Eis o mais puro condicionamento. Tu não vês? Tu precisas então observar a sociedade, quantos governos e religiões aplicam tais métodos com seu povo. Eis o mundo dos não-mortos. O mundo das tolas frivolidades e desigualdades.

Ah! Donzela da Dor! Por que fazes teu véu cair sobre mim? Só por que não estou mais na presença dela? A linda personificação divina. O único consolo seria abraçá-la mais uma vez. E o que tu afirmas agora, demônio? Começas a proclamar tuas palavras para o mundo e o além-mundo inexistente?

Se tu querias conforto, deverias ter permanecido dentro da barriga da tua mãe. Palavras afiadas como pregos, ó demônio. A dor faz as pessoas sentirem-se vivas. Não existe nada que não ocasione dor e sofrimento. Ou que não cause alguma de suas vertentes, seja a angústia, a melancolia, a ansiedade e afins. Toda a vida não passa de uma disputa entre a Dama de Vestes Negras e a Dama de Vestes Brancas. Uma disputa para ver qual das duas pode afundar as pessoas ainda mais em seus temores.

Ó demônio do saber! E apesar de tudo ainda ansiamos em voltar para tal lugar. Apenas para estar diante dela ao menos mais uma vez. Somos capazes de mudar essa situação? Lágrimas, lágrimas e mais lágrimas. Vivemos em um rio de lágrimas. Submersos em eternas lóstimas. A vida nunca valeu nada e acredito que nunca valerá. O suicida é o verdadeiro sábio da vida. Nos aproximemos desta donzela. Para ver o quão astuta ela é em tentar nos acariciar.

Vamos até a Dor, para conversar sobre seus atos. Tão gloriosamente nefastos.

Tu dama que danças neste pútrido ambiente. Aproxime-se e conosco se sente. Ao som de qual música tu danças? Ah! Eu bem imaginei, ao som daqueles que morrem por suas esperanças. Você baila, rodopia e acaricia. Todos se contorcem perante o toque do teu véu. O sabor de teus dolorosos beijos é tão doce quanto mel. Seja dia ou noite. Enquanto houver algum ser vivo sobre a terra tu continuarás a dançar. Sempre há mais algum para fazer chorar. Sofredores sobre os quais você irá se deitar.

Não, demônio do saber. Não repudiemos esta donzela. Sem a presença dela o mundo dos não-mortos seria a eterna monotonia. Ninguém mais viveria. Com nada se importariam. Ainda assim, aqui estamos, frente a frente. O que me impede de acertá-la com a lança da razão? Para que ninguém mais sinta dor. Finalmente causar um fim para tudo. Para todas as lamúrias. Sem a dor não haveria mais poetas e nem escritores. De uma forma ou de outra, estes sempre acabam colocando no papel as suas dores.

Eu grito e me contorço no chão de cadáveres. Tire seu véu de cima de mim, ó dama dançarina. Da morte você é a bailarina. Você ri dos mortos e não-mortos, apenas porque tu não sentes o mal que causas. Se tu provasses do teu próprio mal, não estarias a dançar alegremente por todos os lados. Rindo-se dos que você ameaça, são sofredores incautos. Deixe que eu me levante e de você quero estar o

mais distante. Apesar de você estar em todos os lugares e em todos os tempos. Ninguém escapa de sua presença, ó Dor.

Dor, tu és aquela que me acordava no meio da noite. Fazia meus sentimentos serem oprimidos ao máximo. Dilacerava tudo que eu sentia. E eu, sempre ansiando por mais e mais. Muitos afirmam que somente tu conheces o caminho da felicidade. Podem estar certo. Para alcançar a felicidade precisamos sentir dor. No entanto, a felicidade poderia ser apenas o alívio de parar de sentir dor? Ou seria felicidade em si?

Não há uma forma específica de medir os efeitos de sua ação, ó Dor. E também não existe uma forma de medir os efeitos e intensidades de tudo que sentimentos. Resta-nos aguardar na solidão obscura de nossos encéfalos, apenas esperando que alguém possa compreender parte do sofrimento que tanto nos atormenta. Ah! Demônio do saber! Tu verás quanta dor assola o mundo dos não-mortos. Os mortos sabem a situação em que se encontram, entretanto os não-mortos ficam desesperados por terem que viver suas vidas cheias de dores. Tudo perde seu significado. Formam-se cadáveres andantes mentalmente acabados.

Dama da Dor, tu és cruel e sádica. Quando assolas os não-mortos, é possível ver um sorriso estampado em tua face. Com ou sem você, poderemos viver? Só nos resta morrer. Dor, tu e tuas variações são a fonte de todas as lágrimas. Se a vida e a morte formam um mesmo rio. A dor então é um dos afluentes deste rio.

Que torna as águas agitadas e vorazes, sempre ansiando por mais alguma vítima que se afogue em desgraça.

Veja, demônio, que eu fui uma destas vítimas. Por ela eu morri e este lugar foi para onde eu vim. Agora saia de perto de nós dama nefasta. Vá ao encontro de tuas vítimas, mas estes em vossa frente já sofreram por demais em suas existências. Muito mais ainda sofreremos em nosso caminho. Não necessitamos de uma personificação da dor para nos acompanhar. Tu já estás impregnada em nossas peles e enraizada em nossos nervos. Vá, retorne para tua dança.

Queres chorar dolorosa donzela? Não necessitas, tu só precisas encontrar algum poeta apaixonado que foi rejeitado. Nele você encontrará os melhores solos para fixar tuas raízes e praticar estas danças infernais. Ele será com toda certeza a melhor vítima para ser sufocado com o seu véu. Como sei disso? Esqueces que já fui tua vítima? Agora veja como eu estou. Um cadáver vagando pelo purgatório infernal. Procurando alguma forma de retornar ao passado. Vá ao encontro de tua próxima vítima.

Vamos andando por esta estrada, demônio, para retornar a ela o caminho ainda será dolorosamente longo...

PURGATORIUM XIV: O DIÁLOGO II

"O instante é a continuidade do tempo, pois une o tempo passado ao tempo futuro".
Aristóteles

Então, demônio, afirmas que é necessária a existência da religião para evitar que as pessoas não cometam crimes? Creio que você deve ter ouvido falar das prisões dos não-mortos. Certamente tu verias que muitos dos que cometem crimes são religiosos e crentes em divindades e em além-mundos. Religião é apenas mais uma forma de uma pequena elite enriquecer as custas das bases da pirâmide social. Muitas vezes o meio em que as pessoas se encontram, as situações precárias nas quais elas vivem, acabam por ser o ponto de partida para que as pessoas cometam crimes. No desespero por mudarem a situação em que se encontram acabam realizando tais atos.

Sim, ó demônio, esta afirmação não explica de todo as ações hediondas dos não-mortos. Veja que até alguns daqueles que possuem riquezas em abundância, também acabam cometendo crimes. Por que tu me perguntas isso? Alguns não-mortos nunca estão satisfeitos com o que possuem. Anseiam sempre por terem mais e mais riquezas. Aliado às influências da mídia e do governo. Afinal, o mercado financeiro precisa estar sempre se movimentando, se ele parasse a sociedade entraria em colapso.

Os pilares que sustentam a sociedade dos não-mortos são frágeis e fáceis de serem destruídos. Sabendo disso, aqueles que estão no topo, defendem fortemente os pilares de sustentação. Para que não caiam de seu pedestal. Pois ainda não se acostumaram com a ideia de que a vida é somente dor.

Ignoram a dura realidade. Perceba, ó demônio do saber, que os não-mortos estão sempre pensando que se suas mentes forem tomadas por ideias positivas, suas vidas então deixarão de ser negativas. Esta ilusão só irá causar aflição. Não existe na vida nenhum aspecto que seja eternamente positivo, o futuro é a eterna escuridão. E o passado não passa de lembranças em putrefação.

Aprenda, demônio, que quanto mais tu desejares otimismo, mais será a dor que tu encontrarás em teu caminho. Tu deves, pois, estar sempre preparado para o pior. Pense sempre que tudo poderá dar errado. Analise todas as virtudes do erro. Para que tua vida não se torne um constante enterro. Se souberes o que poderá acontecer errado, tu já estarás preparado para isso. E se der certo poderás provar um curto momento de felicidade.

No entanto, se esperares sempre pelo positivo. Suas quedas serão ainda mais dolorosas. Pois nada nessa vida ocorre da forma que planejamos. Nós fazemos as escolhas para nosso futuro. Porém, esquecemos que vivemos em um pútrido e ridículo meio social, assim sendo, as escolhas daqueles que nos cercam acabam por influenciar em nossas vidas. Criando incontáveis obstáculos que surgem um após o outro.

Ah! Suicida! Volto a afirmar que tu és o mais correto de todos. Sábia é a escolha daquele que deseja libertar-se de tudo. O que afirmas a respeito disso, demônio do saber? Sim. Tua afirmação é sábia. A morte pode nos encontrar a cada novo dia que irá raiar. Portanto, não deixemos para o amanhã aquilo que deve ser dito hoje. Pois este amanhã pode nunca chegar. Basta uma veia no teu cérebro estourar. Para a morte você encontrar. A vida como um todo, é constante e praticamente eterna. A vida individual é frágil e fraca. Já possui a corda da força presa ao pescoço desde o nascimento. Um passo em falso, caímos e tudo se desfaz. Resta somente a morte imersa em paz.

Qual o lugar que agora chegamos, ó demônio? Veja o líquido negro que recobre o chão de cadáveres. É originado da putrefação da sociedade e se infiltra pelo solo. Chegando até as profundezas infernais, preenchendo todas estas fendas abissais. A sociedade que entra em colapso. Seu aspecto pode ser belo, mas as suas bases estão se desfazendo. Quanto tempo mais os sistemas vigentes continuarão a funcionar? Poderão continuar funcionando até que a humanidade encontre seu verdadeiro fim, ou poderão desabar antes que o verdadeiro fim chegue. Assim pode ser. Nós não estaremos vivos para ver.

Teremos que pisar neste líquido obscuro para podermos continuar neste caminho. Se passarmos por águas obscuras, não significa que devemos começar a agir conforme aqueles que originaram tal degradação. Eles já têm seus dias e sonhos contados.

Para eles a morte é apenas uma questão de esperar parado. Por que não ansiar pela morte e ao mesmo tempo enganá-la? Assim estamos nós fazendo, ó demônio do saber. Estamos enganando a morte em prol de nossos sonhos de retorno para a vida e para ela. Nossos sonhos utópicos são infindos. Certamente são os âmagos dos sentimentos que nem mesmo com a morte estarão findos.

A saudades, a tristeza e a solidão ainda me assolam, ó demônio do saber. Minha mente ainda está cheia de versos para ela escritos. A morte tornou meus pensamentos restritos. Ah! Não sei mais o que esperar do futuro. Às vezes vejo tudo tão claramente, às vezes tudo parece escuro. São as possibilidades que meu cérebro analisa quase a ponto de encontra a insanidade. São palavras que surgem do nada, se agrupam e se organizam. Como se meu consciente não tivesse a coragem de demonstrar tudo que se passa em meu subconsciente. A fala pode falhar, mas a escrita tem muito a revelar. Agora com a morte estou. Somente este cadáver restou.

Quantas são as situações que assolam a mente humana? Assim tu me perguntas demônio do saber. Falar-te-ei das assombrações da mente. A confusão pela qual muitos passam em diversos momentos é originada devido ao fato da vida não ser previsível. Tudo é composto por incertezas e aleatoriedades. Precisamos é saber aproveitar esta situação sem fazer mal para aqueles que se importam conosco. A vida é composta por inúmeras escolhas, algumas das quais podem implicar em diversos aspectos do nosso futuro. Para tanto basta refletir. Em inúmeras ocasiões

achamos que determinada escolha pode prejudicar outras que estão sendo realizadas. Isso é um erro. Diversas escolhas podem interagir juntas e assim criar um futuro mais agradável. Afirma que para fazer algo bem feito devemos dedicar-nos exclusivamente a este objetivo? Eis o maior engano!

Pois escolhas podem ser transformadas em aliadas umas das outras. Assim aumentando as nossas forças para alcançarmos nossos objetivos. É como uma pessoa que tenta passar a vida inteira sozinha lutando por seus sonhos. Ela nunca sairá do lugar, permanecerá estagnada. Na busca por nossos objetivos sempre precisamos de ajuda. Da presença de outras pessoas que nos façam sentir-nos bem nos momentos de tristeza, que ouçam nossas aflições. E também é nestas pessoas que buscamos opiniões e companhia para vivenciar os momentos de felicidade. Por que não ter aliados em busca de objetivos diferentes e comuns? Na história da humanidade, nenhuma batalha foi vencida por algum soldado que lutava sozinho. As preocupações, confusões e aflições estão na mente de todos. Só precisamos de aliados que nos acompanhem neste caminho de incertezas aleatórias. Assim se vence a guerra como um todo e não somente as pequenas batalhas.

Ó demônio do saber, és tu um aliado que apareceu em meu caminho? Se tu és o único que não me assola de nenhuma forma. Então creio que posso fazer tal afirmação de você. Muitos são os que afirmam que a felicidade está na ignorância. Em ver o mundo de forma ignorante longe da luz do conhecimento. Certamente estes

estão errados. Aquele que provou da luz do saber, por vezes pode ser tomado por tristeza, afinal, a verdade é um grande fardo a se carregar.

Porém, passar a vida inteira vivendo de ilusões da ignorância é muito pior do que ter o conhecimento e sofrer em alguns momentos. Não há como alcançar as alturas sem sofrer, precisa-se, pois, aprender a usar todos os momentos como uma fonte de aprendizado e de aperfeiçoamento. Seja através do sofrimento ou da felicidade. Sempre encontramos algo novo para aprendermos. A oportunidade pertence aos oportunistas, não aos conformistas.

Continuemos a andar por este líquido negro e fétido. Originado da putrefação de mais uma nação que cairá em deterioração. O amanhã é o eterno mistério, o passado é feito apenas de lembranças. Todas as escolhas são decididas no presente. Todos os momentos são vivenciados no presente. O futuro poderá ser tarde demais para tudo. Pois a morte espera em todos os recantos sombrios. Não deixe para pensar amanhã, não deixe para falar amanhã, não deixe para fazer amanhã, não deixe para amar amanhã. Você pode nem mesmo acordar amanhã.

Passo a passo, continuamos por estas águas obscuras para qual lado agora seguiremos?

PURGATORIUM XV: A IRRACIONALIDADE

"O homem de bom senso jamais comete uma loucura de pouca importância."
Goethe

Ó demônio luciferiano do saber! Veja as oscilações que se formam sobre este líquido negro que recobre os cadáveres. Tu sabes que tais oscilações não derivam de nossos passos. São, pois, originadas por algo maior. Algo que de nós se aproxima. Um demônio que é quase uma toxina. É o demônio que denominam de Irracionalidade. O instinto destruidor de toda tranquilidade. Avança sorrateiro e esguio por debaixo do manto da consciência racional. Neste demônio se oculta toda a nossa natureza animal.

É assaz necessário que evitemos que este demônio cruel não tente quebrar nossa lança da razão. Pois em nosso encéfalo ele se instala como um parasita, domina toda a imaginação. Criatura difícil de dominar. Quanto mais oprimimos suas ações mais ele tenta escapar. Vive dentro de todo não-morto, presente nas ações até mesmo do mais absorto. É a fera selvagem que foi enjaulada pelo terno dos que se dizem de boa linhagem. Por inúmeras vezes pode até mesmo ser confundido com a Dama Emoção, que tanto dança em conjunto com a Razão.

Este demônio atinge-nos nos momentos mais variados, independente se seja feriado. Todo ato que não foi premeditado, por este ser foi controlado. Não, demônio do saber, não o confunda com

a emoção. O instinto irracional não entende de paixão ou aflição. Só sabe ver a ferramenta da evolução, que na natureza passou pela seleção.

Seria ele também o responsável pelo assassinio dos que seguem perdidos na multidão? Pode muito bem ser o profundo desejo de matar ou de simplesmente suicidar. O que separa a irracionalidade da racionalidade? Uma fina e tênue névoa translúcida. Para a irracionalidade, a vida e a morte tocam a mesma música. Não há como se livrar deste ser, sempre presente, em todos os recantos da mente. Parasita que nos persegue fielmente.

Os atos irracionais permanecem no passado, ainda assim, seja através da consciência ou das conseqüências. Eles continuam repercutindo no presente. Como uma pedra atirada em um lago, em que as ondas do ato ficam agitando a vida. Prejudicando-a, ondas que demoram a se desfazer. Originadas de um ato irracional, sem pensar, que quase nos afoga na vida.

Se tu ages de acordo com a moral vigente e assim sempre agiu. Não ouça a opinião de teus conhecidos que agem de forma amoral. Pois ao realizar um ato irracional, tu descobrirás o quão fundo pode ser uma fenda infernal. Passamos a vida inteira em um campo de batalha. Uma guerra entre a racionalidade e a irracionalidade. A balança na qual estas duas estão postas é oscilante, ora pendendo a favor de uma, ora pendendo a favor de outra. As pessoas ficam confusas, sempre buscando o caminho correto a seguir,

por vezes tropeçam e esbarram no caminho errado. Não podemos negar nossa animalidade.

Continuemos a andar, ó demônio do saber. Não podemos parar para a Irrracionalidade. Devemos seguir em frente, ostentando a nossa lança da Razão. A cada passo que damos, ouço mais e mais as batidas do coração dela. Aquela para quem eu tento retornar. Quando poderei finalmente com este tormento acabar. O inferno não é o melhor lugar para passear, muito menos para dialogar e filosofar. Portanto, aceleremos nosso passo. Vejo as labaredas de fogo que se aproximam de nós. A Irrracionalidade é um dragão demoníaco cuspidor de chamas irracionais. Procurando suas vítimas racionais, para torná-las seres menores do que animais.

Diga-me, ó demônio. Por que tenho eu que agir conforme os outros querem? As pessoas estão sempre buscando motivos para algum sorriso. Como se isso fosse resolver todos os problemas do mundo. Não sabem elas que a felicidade é apenas uma ilusão temporária? Quanto mais se avança na vida, mais doloroso se torna o caminho. Ah! Sim, eu ainda dependo da sociedade. Somente com a derradeira morte poderei agir da forma que eu bem entendo. Então será tarde para viver da melhor forma. Ninguém vive realmente, as pessoas apenas seguem os trajetos possíveis que encontram na vida. Ninguém consegue seguir seu próprio caminho. Estamos eternamente acorrentados aos caminhos já traçados. Caminhos que foram feitos pelos escravos sociais que vieram antes de nós. Liberdade e felicidade, duas ilusões da insanidade.

Neste mundo caótico não há um caminho que seja de fácil escolha. Nem mesmo a morte, a apaziguadora do sofrimento, é um caminho fácil. Basta uma pequena decisão errada de uma pessoa para que a vida de muitas seja arruinada. Uma pequena escolha no presente repercute de forma vigorosa no futuro. É incrível como os não-mortos se preocupam tanto, anseiam tanto por ambições e sonhos. Sendo que não importa o que façam, irão morrer de qualquer forma. Não importa o quanto de dinheiro você acumule ou as inúmeras horas que você trabalhe. Um pequeno deslize e você morre. Sem jamais ter aproveitado a vida ou feito algo que você realmente gostaria. Não há como escapar das correntes desta sociedade. A liberdade está somente na morte.

Apressemos o passo, ó demônio. A vida é rápida como o tempo e o dragão nos persegue vorazmente. Um insaciável devorador sempre procurando algum desavisado para possuir a mente. Corra, demônio, corra! Estamos sendo banhados pelo líquido negro da putrefação social. Mas talvez neste patamar possamos achar uma escapatória deste purgatório infernal. Os cadáveres estão agitados, no chão eles se contorcem parecem quase deformados. Assim como nós eles sentem que há uma saída aqui por perto. Eles estão fixos ao chão, nunca conseguirão alcançar seus objetivos de escapar de seus meandros estáticos. Sofrem com todos esses demoníacos sorrisos sarcásticos.

Vamos descer esta colina que se estende em nossa frente. Confie em mim, ó demônio. Eu bem sei que a confiança é mais frágil

do que cristal e mais difícil de se construir do que uma ponte. A confiança é uma ponte de fino cristal usada para cruzar um enorme oceano. Uma simples palavra pode abalar suas estruturas, um ato pode destruí-la por completo. Palavras são como flechas, se acertam-na constantemente, podem levá-la à ruína. Seus fragmentos perder-se-ão no oceano da vida, levando muito tempo para que a mesma ponte seja reconstruída. Assim como um objeto que quebrou e então foi colado, a confiança refeita nunca volta a ter a sua estrutura inicial.

Ah! Sim! O irracional, acabem com este mal! Os atos malfeitos e não pensados. Fazem a vida enroscar em momentos atrasados. São estas correntes que tenho aos meus pés. Liberte-me, ó demônio do saber, para que até ela eu possa correr. Ela é o meu bem querer e ao lado dela quero sempre viver. Liberte-me, demônio do saber!

Encontrei a morte e o purgatório infernal para cumprir a promessa de minha amada. Eu ouço o coração dela bater. Cada vez mais perto. Preciso retornar à vida, pois com ela tenho que compartilhar cada amanhecer e cada anoitecer. Ajude-me, ó demônio do saber!

Vamos correr, demônio! Vamos correr, demônio! Precisamos de outros ares! Escapar deste local e destes olhares. Pisemos com força sobre estes pútridos cadáveres sociais. Pois do poço das lamentações devemos reascender à vida. É chegado o tempo de renascer. Vê, pouco distante, em nossa frente! Que estrutura é aquela, ornamentada com ossos humanos? Amarrada com

tendões e enfeitada com pele humana? Através dela poucos passam ou nenhum jamais passou. Parece com uma porta, embora seja toda torta. Será este o caminho que devemos seguir? Paremos de pensar e vamos prosseguir. Atravessar esta estranha estrutura, possuidora de tamanha estatura. Poderemos assim tentar acabar com nossa maldita amargura.

Como atravessar o que não pode ser atravessado? Como viver o que não pode mais ser vivido? Como mudar o imutável? Como retornaremos, ó demônio do saber? Não sei o que podemos fazer. Somente fazendo o que não pode ser feito é que encontraremos a resposta. Diante da porta é preciso matar aquele que já não tem mais vida. Combater a morte com a morte. Assim, suicídio se combate com suicídio.

Entendo agora a presença dessa corda pendurada na porta. Enforcar-me-ei diante deste obscuro altar numa tentativa de retornar até a vida e a minha amada. Ajude-me ó demônio. Pois o tempo é curto, tão curto quanto a vida inútil de toda pessoa. Vida que de nada serve, apenas para criar tolas ilusões e expectativas. Para enganarmos a nós mesmos em nossos sonhos que se misturam e desvanecem a realidade. A vida é curta e frágil. Basta uma veia estourar em teu cérebro ou um tombo você cair, fazendo com que você esmague sua medula espinhal e tudo se acaba, sua vida se destrói e resta-lhe apenas a morte. Não deixe para dizer amanhã o que deve ser dito hoje, não deixe para fazer amanhã o que deve ser feito hoje, não

deixe para amar amanhã, pois amanhã você pode ter que se encontrar com a morte.

Terminemos com isso, ó demônio do saber! Puxe a corda e dê fim a minha morte! Sinto-me ser elevado, para longe do chão de cadáveres, suspenso naquele fétido ar, vislumbrando a porta de ossos em minha frente. O mundo começa a se tornar iluminado, perco a minha consciência morta e aguardo a resposta do tempo...

PURGATORIUM XVI: O RETORNO

"De um certo ponto em diante não há mais retorno. Esse é ponto que deve ser alcançado.."

Franz Kafka

Abro os olhos, olho ao redor. Tudo parece melhor. Creio que seja algum local que eu já tenha habitado. Levanto-me, deste chão molhado de orvalho. O chão que é feito de terra, não há mais cadáveres abaixo dos meus pés. Acima brilha este céu azul saudando meu retorno, observo o sol. Continuo girando ao redor dele. Mas onde está ele? Ó demônio luciferiano do saber, onde tu estás? Aqui neste mundo dos não-mortos, ouço-te, porém, não te vejo. Afirmas que não há forma de tu se personificares. Sobrando-te apenas a opção de guiar a minha mente. Sim, de fato não é de todo tão ruim. Ainda posso contar com tua ajuda nos momentos em que a aflição tomar conta de minha mente. Isto é muito bom certamente.

Sinto falta, no entanto, de não te ver. Pois, para tudo é necessário uma prova concreta. Foi-se o tempo em que a verdade era afirmada baseada nas vozes que ouvimos em nossas cabeças. Isso nada tem de divino, não te esqueças. Precisamos ver, precisamos sentir com o tato, driblar as alucinações que ocorrem devido as falhas no funcionamento de nossos cérebros. Ah! Demônio luciferiano do saber! Como posso eu agora ter certeza de sua real presença? Se até mesmo as lembranças se distorcem, são incertas, tornam-se

adulteradas. Perdemos a certeza sobre o que realmente aconteceu no passado devido a estas falhas que compõe nossas imperfeições.

Tu afirmas então que tua presença não depende de acreditar. Sim, tu estás certo. Nada depende de acreditar, tudo depende dos fatos e das evidências. E de uma análise consistente, pois as evidências podem ser facilmente interpretadas de forma errada. Tua presença então, ó demônio, deve-se ao conhecimento que possuo. Tu iluminas a minha memória permitindo que eu tenha acesso adequado às informações sem distorcê-las. Bem sabemos que o conhecimento não é fixo, não é estável, está sempre aumentando e sendo reformulado. O conhecimento busca o que há de mais próximo da verdade e fornece essas informações para os mortos e não-mortos. Não para todos, apenas para alguns. Para aqueles que se libertam das amarras divinas.

Os deuses sabem que a razão é uma lança que pode exterminá-los facilmente. Mesmo que não sejam atingidos pela lança da razão, o vento produzido pela lança é como um sopro de bom senso. Destrói qualquer misticismo e faz enxergar, aquele que permanecia cego pelos seus dogmas irracionais. Ó demônio! Quando todos os não-mortos terão capacidade de pensar? Não sabem eles que a liberdade mental e o aumento do conhecimento é que podem lhes trazer toda a felicidade e consolo de que precisam? Não sabem eles que o mundo se torna mais belo quando sabemos que a morte é o único fim?

No mundo imaginário dos não-mortos. Ali vivem as divindades. Inexistentes na realidade. Como o mundo dos mortos que é composto pelas lembranças do passado. O mundo das divindades é composto pelos medos, receios, aflições e falta de conhecimento das pessoas. Os deuses querem para si aquilo que não lhes pertence. Querem ser considerados os criadores de todo o universo, querem levar o mérito por tal feito. Eles querem ser considerados os grandes controladores das vidas das pessoas, decidindo quem vive e quem morre. Sim, os deuses desejam aquilo que não podem ter.

Aqueles que são agraciados com a tua luz, ó demônio do saber! Conhecem a real história deste universo, se não a real, com certeza a mais próxima da verdade. Apresentada pelo conhecimento, que os não-mortos também chamam de ciência. Veja o sol, veja a lua, observemos a natureza deste planeta. Observamos as nossas próprias vidas, em pouco tempo percebemos que de nada serve a existência de divindades. Podemos eliminá-las. Eliminar o inexistente. Assim faremos nós, ó demônio do saber!

Estando aqui nesse campo florido, local em que ressurgi após minha visita ao inferno. Para qual lado devo seguir? Ah! Sim! Ouço ainda essas batidas constantes, que se deslocam pelos meus ouvidos e chegam até meu encéfalo. O som das batidas do coração dela. Minha doce amada, minha linda personificação divina, agora que na terra dos não-mortos eu estou, preciso encontrar o caminho que me guie até ela. Preciso sentir a pele dela que é macia e sedosa

como pétalas de rosa. Sentir a respiração dela em meu pescoço enquanto a abraço sob a luz do luar.

Por ela me matei e até o inferno desci, agora retornei para encontrá-la finalmente, numa tentativa de reconquistar o amor dela. Mantenho-me firme nesta longa jornada, ainda ouço o coração dela pulsar. Isto aumenta o meu anseio de amar. Ah! Minha amada! Preciso te reencontrar. Contigo quero sempre estar. Até a morte retornar.

Há algo que me preocupa, ó demônio. Minhas carnes ainda estão em putrefação. Se quando morri minha carne apodreceu, agora que renasci, minha carne há de se regenerar? Terias tu, ó demônio do saber, a resposta para tal pergunta? Como poderei eu encontrar a minha amada em um estado tão deplorável e pútrido? Sim, toda beleza é passageira e a única coisa que permanece é o conhecimento deixado para as futuras gerações. No entanto, eu desejaria ter pelo menos o aspecto de um ser não-morto, tornando-me assim um pouco mais agradável no que se refere a meu aspecto.

Como sempre, apenas o Tempo poderá fornecer esta resposta, este maldito demônio chamado Tempo. O único que conhece a resposta de determinadas perguntas que assolam a mente dos não-mortos. Tu me questionas por que eu uso o termo “não-mortos” ao invés de dizer simplesmente “vivos”. A questão, ó demônio do saber, é muito mais complexa do que o simples uso ou não de uma palavra.

O Tempo surgiu e se estende para adiante de nós, numa mistura de passado, presente e futuro, que tanto confunde a imaginação não-morta. Muitas concepções já foram criadas para definir e para entender esse demônio. Ao longo da duração do Tempo, todo ser passou a maior parte do Tempo, estando morto. Sendo matéria inerte, poeira das estrelas. A vida é uma pequena oportunidade da matéria inerte, mas reagente, vislumbrar a si mesma. Nós estávamos mortos antes de surgirmos, para que possamos nos manter não-mortos, temos que levar outros seres a morte, sejam vegetais ou animais. Nos mantemos da morte, pois a vida surgiu da morte, ou seja, da matéria inerte, morta, porém, reagente e sofredora da aleatoriedade caótica que reina no universo. Após esse pequeno período de não-morte, retornamos para nossas origens, como todo filho que se afastou tempo demais de sua casa e então retorna para o colo de sua mãe. Assim os não-mortos retornam para a morte, a mãe de todos os seres.

Há muito que os não-mortos precisam aprender. Pois muito eles não conseguem compreender. Creio que a maior dificuldade deles seja entender o respeito e o limite da ironia e do sarcasmo. Por mais que confiemos em alguém sempre é preciso ponderar tudo o que dizemos e fazemos. Sim, os não-mortos precisam aprender muitas coisas. Essa falta de capacidade de manter o respeito é que torna o mundo o que é atualmente. Tenta-se confiar, tenta-se entregar nossa confiança íntima para uma pessoa, mas se não

houver o respeito pelo gosto, tudo se torna uma constante oscilação, uma confusão, entre confiar e duvidar.

Observe, ó demônio! Que ao longo de uma vida, procura-se fazer o máximo para agradar todos que nos rodeiam. Para que assim, possamos ser inseridos no grupo social. Evitando a exclusão e a solidão. Por mais que tentemos realizar tal ato, nunca conseguimos agradar a todos. O motivo tu me perguntas, ó demônio? Nem eu sei ao certo. A inveja, a ganância, a falta de respeito e a irracionalidade promovem muitos atos hediondos entre os não-mortos. Causam discórdia, sofrimento, lágrimas e por fim, trazem a morte.

Agora, demônio, vamos partir e sair deste campo florido. Precisamos andar, sempre lutando contra o que tanto nos persegue. Pois mesmo retornando da morte, posso ainda voltar a encontrá-la. Mas não sem antes rever minha amada. Anseio por sentir o perfume dela, ouvir sua voz tão bela e harmoniosa que soa como música para meus ouvidos. Vislumbrar aquele olhar que me enlouquece em um êxtase de amor e faz meu coração bater acelerado como se fosse explodir de paixão dentro do meu tórax.

Vamos, ó demônio, caminharemos para o sul de lá se originam as batidas do coração dela. Vamos andar por estas terras e passaremos por seus obstáculos, bem sabemos que os sonhos e o amor são os grandes mantenedores da vida. Sem os quais nenhum grande objetivo teria sido alcançado na humanidade. Nenhum homem conhece a felicidade se não tiver uma mulher que ame, pois nenhum guerreiro se mantém de pé se não tiver por objetivo trazer a

paz e a felicidade para sua amada. Empunharei a lança da razão e viajarei ao encontro dela, ela que tanto ilumina meus pensamentos, minha linda amada.

Passo após passo eu seguirei por esta estrada sinuosa, já no primeiro passo eis que encontro esse primeiro obstáculo, está vil criatura que bloqueia o caminho...

PURGATORIUM XVII: O CAMINHO II

"O caminho que desce e o caminho que sobe são os mesmos."

Heráclito

Esta criatura que jaz bloqueando nosso caminho, ó demônio do saber, quem vem a ser? A Indiferença humana, eis o nome desta vil serpente que se atravessa em nosso caminho. De escamas negras como a escuridão, estende seu ventre volumoso de um lado a outro desta trilha. Em sua peçonha carrega uma combinação mortal de venenos. Cospe palavras afiadas como flechas envenenadas. Um leve raspão já causa grandes estragos na consciência de um não-morto.

Ela é rasteira e certa. Esguia e traiçoeira. Os não-mortos vêem o sofrimento e não reagem. Enxergam o sentimento e o ignoram. Quantos rumam para a morte somente devido a presença desta criatura traiçoeira no mundo? Quantos problemas e mortes poderiam ser evitados se as pessoas não fossem envenenadas por esse mal, denominado Indiferença. A situação poderia ser bem melhor. Haveria menos lágrimas neste rio da vida. Sim, ó demônio, sou um tolo sonhador por querer que os não-mortos agissem sem indiferença. Mas eu não dito as regras e ninguém dita. Se existe uma tal divindade por quais motivos ela se esconde e deixa o mal abundar? Por que deixa toda a sua progênie sofrer constantemente? Esse é o desejo da divindade? Então devemos manter afiada a nossa lança da razão para exterminarmos de uma vez por todas esse ser imaginário.

Suma do meu caminho, ó maldita Indiferença, pois eu bem sei que o sofrimento alheio também pode ser o meu sofrimento. Se hoje tu estás no alto de um pedestal de glória sendo sustentado pelas lamentações e sofrimento de teus subordinados, não te acostumes, pois amanhã pode ser tu quem estará no mar das lamentações tendo que sustentar sobre si todo o peso do egoísmo, da ganância e da indiferença de alguns poucos não-mortos. Não seja esnobe, pois teu sorriso hoje pode se transformar em lágrimas tão facilmente quando uma vida pode ser aniquilada com duas mãos. Isto mesmo, ó criatura nefasta, fuge para teus recantos obscuros. Abra espaço neste difícil caminho.

Vamos, ó demônio do saber, cada passo é um momento a mais que me aproximo de minha amada e do futuro. Todos sempre querem alcançar o futuro longínquo. Todos criam esperanças de que os tempos vindouros podem ser melhores. Assim também sou eu, agora que retorno para o meio dos não-mortos. Tudo que desejo é um futuro melhor para este pútrido cadáver que me tornei, um futuro que possa ser vivenciado ao lado de minha amada. Qual pessoa não possui um sonho e que deseja alcançá-lo com todas as suas forças? Ah! Demônio! Tu também deves ter algum sonho pelo qual clamas toda noite ao adormecer.

È demais querer sonhar? É demais querer o melhor para quem se ama? Tenta-se em vão ser o melhor para agradar a pessoa amada e mesmo assim isso parece não ser o bastante. As pessoas são eternas contradições, mudando de ideias, hipócritas natos, ninguém

se mantém firme num mesmo dogma por muito tempo. Tu és assim e eu sou assim. Nenhuma ideia, sonho ou convicção é fixa, sempre sofrem alterações. Se quisermos algo, amanhã já não queremos. Cada novo dia traz consigo novos gostos que desejamos. A única coisa que não muda é meu desejo de estar eternamente na presença de minha amada. Ainda assim, por querer amar, sou sempre condenada. As pessoas enxergam um amor como um mal, temem amar, pois o amor rejeitado pode causar grandes estragos. No entanto, se tu não correres riscos de tempos em tempos nunca conseguirás alcançar nenhum sonho. Riscos, perigos, decepções, tristezas e sofrimentos, são criaturas malditas que estão presentes em todos os caminhos percorridos pelas medíocres vidas dos não-mortos. Até na morte não me vi livre destes demônios sanguinários que tanto atormentam o caráter humano.

Ó demônio do saber, o amor é como um bom vinho, devemos nos embriagar nele, pois é melhor estar bêbado de amor do que morrer sem nunca ter realmente amado. A morte paira atrás de cada esquina, nunca sabemos quando ela nos abraçará. Assim devemos amar, sim, que mal há em amar alguém? Em compartilhar um amor incondicional, inacabável e eterno?

Sim, eu lhe digo. Ame! Para que quando o fim da sua vida chegar você possa olhar para o caminho e dizer: “Eu tive a vida que eu desejei, poderia repeti-la inúmeras vezes, e não me arrependeria de nenhum momento”. Ah! Demônio do saber! Como é incerta a vida, quantas dificuldades encontramos nela, a morte é inevitável e o

universo é indiferente perante nossa presença. Mas também, quantas felicidades e alegrias! Por esses momentos de felicidade é que retorno do meu purgatório infernal para encontrar minha amada, eu despedaço a indiferença humana, aceito a morte como o fim. Muito melhor é caminhar na vida aos pares do que sozinho, Muito melhor estar acompanhado de uma pessoa para amar, do que ser rodeado por um rebanho indiferente. Meu sonho é estar sempre ao lado daquela que é meu sol, por quem bate meu coração.

Neste caminho de retorno a vida, nós percebemos que nos preocupamos mais com a morte do que com o nascimento. Sendo que antes de nascer havia escuridão e após viver retornamos para a escuridão. A vida é a luz na qual devemos nos banhar e muito melhor é se pudermos amar.

Ó demônio, veja os caminhos desta vida. Estou de volta para o mundo dos não-mortos, porém sei como agir entre eles. Poucos se salvam, a grande maioria não passa de não-mortos estúpidos. Veja as tolas e ridículas preocupações que afligem estes seres. Sim, demônio, tu dizes a verdade. Eles preocupam-se com os formatos e cores dos tecidos que recobrem seus corpos pelados. Por debaixo dos panos as pessoas são todas iguais, pele desprotegida diante das adversidades da natureza. O homem fugiu de seu hábitat natural, espalhou-se pelo mundo, criou os tecidos para serem úteis e após transformou-os em frivolidades mundanas.

Não, ó demônio luciferiano do saber, as tolices destes para os quais eu retorno não param aí. Eles libertam a serpente da

indiferença até quando uma pessoa fala de forma diferente. Basta teres um sotaque diferente ou um problema na fala e então tu se tornarás piada.

Assim é entre os não mortos. Uma triste realidade. A serpente nefasta da indiferença humana está em todas as línguas. Muitos filhos ela tem. Alguns representantes da prole deste ser podem bem ser o preconceito e o racismo. Dois pequenos demônios alados que voam por todos os níveis da sociedade, espalhando as sementes do ódio e da ignorância, que só poderão originar frutos podres para os não mortos.

Ó demônio, como o mundo seria diferente se a divindade realmente cuidasse de sua suposta criação. Como o mundo seria diferente se realmente existisse uma divindade trazendo justiça e segurança ao mundo. Mas ela não o faz. Pois é egoísta e medíocre como a criação feita a sua imagem.

Continuemos nosso caminho, pois o coração de minha amada bate forte e junto dela eu quero permanecer. Pois se a morte é um ato solitário, então a vida deve ser partilhada. Vida e morte, só teremos uma de cada, precisamos aproveitar a primeira, mas não aproveitar em festas e bebedeiras, isto é perder a vida. Isto é apenas seguir o rebanho do abate. A vida é uma só, portanto, deve ser usada com alguma finalidade útil. E a morte, é o ato final, o encerramento de nosso teatro no palco, para depois não haver mais representações. É por isso que preciso da minha amada, para partilhar a abundância da vida, para ampliar as possibilidades de viver, para fazer algo

realmente bom e útil nesta vida que em verdade jamais terá um sentido tal qual as pessoas procuram.

A cada passo que dou, sinto o pulsar do coração de minha amada, linda personificação da felicidade. A cada inspiração sinto o doce perfume que se espalha pelos ares, emanado da linda flor que habita o jardim de meu coração. A todo instante anseio por sentir os doces beijos de minha amada. Ó demônio, irá minha carne pútrida regenerar a tempo de que eu encontre a dona de meu coração? Ainda vejo por entre as fendas abertas em minhas costelas, o meu coração, ainda forte e vigoroso. Apenas esperando o momento de ter diante de mim aquela que para mim é a personificação divina.

Demônio, e quanto a esses labirintos de estradas? Qual o caminho devemos seguir nesta vida? Devemos seguir só o amor ou só a razão? Sim, estás certo. Tu que tens o saber, bem conheces a resposta destas perguntas. Não devemos usar nem apenas um e nem apenas outro, pois ambos são ferramentas que devem ser usados juntos. Ferramentas para vivermos. Consertam os erros da vida ou facilitam a jornada por estes caminhos. Em nossa conversa o caminho que seguimos foi longo. A indiferença ficou para trás. A morte se foi e a vida voltou, com o conhecimento tu me iluminou. Se morte você me guiou, mas ninguém pode ensinar o outro a viver, pois cada um tem um caminho a seguir, podemos observar os erros dos outros para não acabarmos como os demais. Porém, nenhum deles pode nos ensinar a viver, ou então estaríamos vivendo da maneira dos outros e não da nossa própria maneira.

“Torna-te quem tu és!”

Friedrich Nietzsche

Sobre o autor

Marius Arthorius, pseudônimo de Mario Arthur Favretto. É natural de Joaçaba, estado de Santa Catarina. Biólogo formado pela Universidade do Oeste de Santa Catarina, campus de Joaçaba. Sob o pseudônimo de Marius Arthorius já publicou os livros de poemas *Antropophagya*, *Antropophagya Addendum*, *Emili meae laudes* e *Alegorias da Existência*, os livros de contos de terror *Necrophagya* e *Deicídio* e o romance *Sociedade Insana*.

Na área da biologia é autor, coautor e/ou organizador dos livros "Sobre a origem das Aves", "Orquídeas e bromélias do Vale do Rio do Peixe, Santa Catarina, Brasil", "Parque Natural Municipal do Rio do Peixe, Joaçaba, Santa Catarina - Vol. 1 - Fauna de Vertebrados" e "Parque Natural Municipal do Rio do Peixe, Joaçaba, Santa Catarina - Vol. 2 - Plantas Epífitas".

Também é autor de mais de 30 artigos e notas científicas originados de pesquisas na área da ornitologia, entomologia, herpetologia, mastozoologia, evolução e ecologia.